



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

**NEIVA MARA ZANIN GARCIA**

**ESTUDO LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO  
EM COMUNIDADE PARANAENSE DE IMIGRANTES  
UCRANIANOS:  
DO PASSADO AO PRESENTE**

---

Londrina  
2008

**NEIVA MARA ZANIN GARCIA**

**ESTUDO LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO  
EM COMUNIDADE PARANAENSE DE IMIGRANTES  
UCRANIANOS:  
DO PASSADO AO PRESENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

Londrina  
2008

**NEIVA MARA ZANIN GARCIA**

**ESTUDO LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO  
EM COMUNIDADE PARANAENSE DE IMIGRANTES  
UCRANIANOS:  
DO PASSADO AO PRESENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera

---

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

---

Profa. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri  
Durão

Londrina, 09 de julho de 2008.

## **DEDICO**

Ao meu esposo João, de quem recebi amor,  
apoio e incentivo, incondicionalmente

Aos meus filhos Jéssica e João Vitor,  
o refrigerio nos momentos mais difíceis.

À minha mãe Helena,  
fonte inesgotável de amor e dedicação.

Ao meu pai Luís, *in memoriam*, se fez presente.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanderci de Andrade Aguilera, sábia, alegre e prestativa amiga, jamais mediu esforços em compartilhar tão brilhantes conhecimentos.

À Irmã Julia Sendeski e aos Padres José Hadada, Joaquim Sedorovicz, Sérgio Krasnhak e Daniel Kozlinski, por me receberem atenciosamente.

À minha irmã Neusa e meu cunhado Nelson, importantes incentivadores nos limiares da pesquisa.

À minha cunhada Olinda, incansável companheira no trabalho de campo.

Aos informantes dorizonenses, que tanto colaboraram com a pesquisa.

GARCIA, Neiva Mara Zanin. **Estudo lingüístico-etnográfico em comunidade paranaense de imigrantes ucranianos**: do passado ao presente. 2008. 136f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta o resultado de uma pesquisa de natureza lingüístico-etnográfica em um distrito paranaense, localizado ao sul do Estado, e formado por imigrantes ucranianos. Trata-se de uma comunidade cujos falares foram descritos por Wouk (1981), com dados levantados em pesquisa de campo realizada em 1965. A discussão teórica se baseia nos princípios da sociolingüística, particularmente nos que se referem a fenômenos decorrentes de línguas em contato. Sabendo-se que a cultura exprime a *herança social* de um grupo humano, visto que a sua transmissão se faz pelo convívio das novas gerações com as mais antigas (SILVA NETO, 1957), espera-se que, uma vez testada a mudança com base em dados dos tempos real e aparente, seja possível proceder a um encaixamento histórico em tempo real (TARALLO, 1985). Isto será possível por meio da comparação dos dados obtidos neste trabalho com os da primeira investigação, devido à distância de quarenta anos entre uma e outra pesquisa. Busca-se, na seqüência, verificar as possíveis mudanças lingüísticas em curso, portanto, no nível sincrônico, com base em variáveis sociais de natureza diastrática, diageracional e diassexual, bem como analisar o processo de aculturação nos campos social, religioso e cultural, contribuindo, assim, com a descrição do português falado no Brasil.

**Palavras-chave:** Línguas em contato. Mudança lingüística em tempo aparente e tempo real. Aculturação social.

GARCIA, Neiva Mara Zanin. **Linguistic-ethnographic study in a paranaense community of Ukrainian immigrants: from the past to the present.** 2008. 136p. Dissertation (Master Degree in Language Studies) – State University of Londrina, Londrina, 2008.

### ABSTRACT

This dissertation presents the results of a linguistic-ethnographic research in a paranaense district, formed by ukrainians immigrants and located on the south of the Paraná State. It refers to a community whose speech was described by Wouk (1981), and the research's data were raised in 1965. The theoretical discussion is based on the principles of the Sociolinguistic, particularly about certain current phenomena of languages in contact. The culture expresses the social inheritance of a human group, and the transmission occur through the close contact between the new generations with the oldest (SILVA NETO, 1957), We expect that, once tested the change on the basis of data of real and apparent time studies, it will be possible to proceed to an historical inclusion in real time (TARALLO, 1985). It will be possible by the comparison of the data obtained in this research with the ones of the first inquiry, due to distance of forty years between one and another research. We intend, in the sequence, to verify the probable linguistics changes developed, therefore, in the synchronous level, on basis of social changes of the *diastrática*, *diageracional* and *diassexual* kinds, as well to carry out the analyses of the process of acculturation in the social, religious and cultural fields, thus contributing, with the description of spoken Portuguese language in Brazil.

**Keywords:** Languages in contact; Linguistic change in apparent time and real time. Social acculturation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Mapa do povoamento do Sul do Paraná .....	19
<b>Figura 2</b> – Mapa Político do território ucraniano .....	22
<b>Figura 3</b> – Divisão lingüística e política atual do território ucraniano .....	23
<b>Figura 4</b> – Município de Mallet.....	26
<b>Figura 5</b> – Igreja São Miguel Arcanjo – Serra do Tigre, Dorizon.....	30
<b>Figura 6</b> – KOROVAY – Espécie de pão ofertado aos noivos na ocasião do casamento .....	33
<b>Figura 7</b> – Grupo de Dança Spomem de Mallet.....	34
<b>Figura 8</b> – Grupo Folclórico Ucraniano Spomen, em frente o Seminário São Josafat, preparando-se para participar da ordenação Episcopal de Dom Daniel Kozlinski, em setembro de 2007 .....	34
<b>Figura 9</b> – Crianças, adolescentes e jovens do Grupo Folclórico Ucraniano Spomem participando do desfile de 21 de setembro de 2007, aniversário do município de Mallet .....	35
<b>Figura 10</b> – Pessankas .....	35
<b>Figura 11</b> – Principais transformações fonéticas do bilingüismo ucraniano-português.....	48-49
<b>Figura 12</b> – Alfabeto Fonético Internacional (IPA) .....	87

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Alfabeto ucraniano .....	37-38
<b>Quadro 2</b> – Constituição do universo de informantes .....	82
<b>Quadro 3</b> – Perfil dos informantes por faixa etária e gênero/sexo .....	83
<b>Quadro 4</b> – Perfil dos informantes por grau de escolaridade e gênero/sexo .....	83
<b>Quadro 5</b> – Perfil dos informantes por faixa etária e grau de escolaridade .....	83
<b>Quadro 6</b> – Variáveis do ditongo nasal ão – registros da faixa etária 3 .....	90
<b>Quadro 7</b> – Variáveis do ditongo nasal ão – registros da faixa etária 2 .....	93
<b>Quadro 8</b> – Variantes do ditongo nasal ão – registros da faixa etária 1 .....	94
<b>Quadro 9</b> – Registros da variante [o <sup>h</sup> w <sup>h</sup> ] conforme gênero/sexo do informante .....	96
<b>Quadro 10</b> – Registros da variante [ɔ <sup>h</sup> w <sup>h</sup> ] conforme gênero/sexo do informante .....	96
<b>Quadro 11</b> – Registros da variante [a <sup>h</sup> w <sup>h</sup> ] conforme gênero/sexo do informante .....	97
<b>Quadro 12</b> – Registros da variante [ɤ <sup>h</sup> w <sup>h</sup> ] conforme gênero/sexo do informante .....	97
<b>Quadro 13</b> – Registros da variante [o <sup>h</sup> w <sup>h</sup> ] conforme nível escolar do informante .....	98
<b>Quadro 14</b> – Registros da variante [ɔ <sup>h</sup> w <sup>h</sup> ] conforme nível escolar do informante .....	98
<b>Quadro 15</b> – Registros da variante [a <sup>h</sup> w <sup>h</sup> ] conforme nível escolar do informante .....	99
<b>Quadro 16</b> – Registros da variante [ɤ <sup>h</sup> w <sup>h</sup> ] conforme nível escolar do informante .....	99

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	14
<b>3 A TRAJETÓRIA DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL E NO PARANÁ – A PARTIDA</b> .....	15
3.1 A UCRÂNIA DA ATUALIDADE: BREVE COMENTÁRIO .....	19
3.2 O DISTRITO DE DORIZON, NO PARANÁ – A CHEGADA .....	25
3.2.1 O Turismo.....	28
3.2.2 A Cultura .....	28
3.2.3 A Cultura Espiritual.....	29
3.2.4 A Língua Ucraniana.....	36
<b>4 A OBRA DE WOUK</b> .....	39
<b>5 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	51
5.1 LÍNGUAS EM CONTATO .....	51
5.1.1 Bilingüismo Individual .....	58
5.1.2 Bilingüismo Social .....	61
5.2 DIGLOSSIA .....	63
<b>6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	66
6.1 MUDANÇA LINGÜÍSTICA EM TEMPO APARENTE E TEMPO REAL.....	66
6.2 AS VARIÁVEIS NÃO-LINGÜÍSTICAS .....	70
6.2.1 A Variável Gênero/Sexo .....	70
6.2.2 Relevância da Variável Escolaridade .....	73
6.2.3 Idade e Mudança Lingüística.....	76
6.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS .....	79
6.4 PERFIL E ESCOLHA DOS INFORMANTES.....	80
6.5 ENTREVISTADOR.....	84
6.6 DADOS TÉCNICOS DA GRAVAÇÃO.....	86
6.7 TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA E FONÉTICA .....	86

6.8 LOCALIDADE .....	87
<b>7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>88</b>
7.1 DITONGO NASAL ÃO .....	88
7.1.1 Registros das Variantes do Ditongo Nasal ÃO Conforme a Variável Faixa Etária .....	90
7.1.2 Registros das Variantes do Ditongo Nasal ÃO Conforme a Variável Gênero/Sexo.....	96
7.1.3 Registros das Variantes do Ditongo Nasal ÃO Conforme a Variável Escolaridade .....	98
7.2 ANÁLISE DOS DADOS EM TEMPO REAL .....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>105</b>
<b>BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>111</b>
ANEXO A – Questionários aplicados .....	112
ANEXO B – Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural .....	133
ANEXO C – Vias de comunicação com Dorizon-PR.....	135

## 1 APRESENTAÇÃO

O Brasil, país de território gigantesco, cuja colonização foi marcada como ponto de encontro da humanidade, cedeu lugar, em grande parte, à cultura dos imigrantes. No Paraná, antes da fundação da província, a população foi formada por portugueses, espanhóis, índios e africanos. Na metade do século XIX, Zacarias de Góes e Vasconcelos, primeiro presidente da província, viabilizou o povoamento do território paranaense, incentivando a imigração de estrangeiros. Desta forma, os primeiros a chegar foram alemães, poloneses, italianos e ucranianos (HORBATIUK, 1989).

Por meio da imigração, o contato se estabelece entre grupos de etnias diferentes, cada qual com seu passado histórico, seus costumes, sua cultura material e espiritual e, sobretudo, a própria língua.

Em referência às línguas de imigração, Altenhofen (2000, p. 72) menciona o caráter marginal que assume a questão da influência de línguas de imigrantes no português brasileiro. Esta condição é atribuída a fatores históricos, pois italianos, alemães e eslavos chegaram ao Brasil mais tardiamente, somente no fim do século XIX, período em que o português brasileiro já se encontrava condicionado às influências de colonos portugueses, índios e africanos. Desta forma, as línguas trazidas por esses imigrantes, instalados em sua maioria no Sul do Brasil, instituíram-se como línguas minoritárias de caráter regional.

Para Wouk (1981, p. 65), o contato social fatalmente acarreta a penetração lingüística. A concorrência de dois idiomas em contato, no entanto, não se produz sempre da mesma forma; as línguas não têm a mesma força nem a mesma resistência. No caso das línguas minoritárias, uma delas cede em favor da que corresponde melhor às necessidades de comunicação. No estágio do bilingüismo total ou parcial, todo sistema de duas línguas é atingido no campo fonético, morfológico, sintático e, sobretudo, no lexical, ora numa direção, ora noutra, com visível predominância da língua majoritária, neste caso, o português brasileiro.

Decorridos mais de cem anos da chegada dos primeiros imigrantes no Brasil e face à grande diversidade lingüística e cultural apresentada pela sua

interação com o meio que os acolheu, faz-se necessário estudar o estágio atual dessas línguas minoritárias em contato com o português falado no Brasil.

Motivados pela observação de que as pesquisas em torno da cultura e da linguagem da etnia ucraniana, que tanto contribuiu e contribui para o desenvolvimento de nosso Estado e de nosso País, são escassos no meio acadêmico, optamos por pesquisar a fala de moradores da comunidade de Dorizon-PR. Trata-se de um distrito colonizado por imigrantes ucranianos, que ainda mantém uma população formada, em sua maioria, por descendentes dessa etnia. Outro fator que nos impulsionou para realizar tal estudo foram as palavras de um imigrante expressas em um jornal da comunidade, nos idos de 1951:

Seria interessante e muito louvável que alguém fosse até esses lugares e interessa-se (sic) a redescobrir a história, procurando ainda as vivas testemunhas dos bravos desbravadores das matas escuras, refazer a história da nossa colônia ucraniana no Brasil. Porque os anos passam e cada ano nos distancia daquela história e ela vai se perdendo, entrando no esquecimento, e porque cada vez nos tornamos minoria.<sup>1</sup>

Outro fator relevante para a escolha dessa comunidade como local de pesquisa, e como objeto de estudo os falares locais, diz respeito à pesquisa realizada por Miguel Wouk na década de 1960 em Dorizon. Esta obra (WOUK, 1981) permitirá o desenvolvimento de um estudo nas mudanças lingüísticas ocorridas neste intervalo de quarenta anos.

De início, acreditando que o léxico pudesse apresentar traços da manutenção da língua dos imigrantes, elaboramos um questionário (anexo A), envolvendo esferas semânticas como: atividades agropastoris, fauna, religião e crença, entre outras. Por outro lado, Wouk (1981) traz em sua obra uma relação de fatos fonéticos do português brasileiro que dificultavam aos imigrantes e seus descendentes a perfeita reprodução dos sons, tais como:

- a) **[R]** forte<sup>2</sup> intervocálico: Ex.: terreno, arroz, borracha;
- b) **[r]** em trava silábica e final de vocábulos. Ex.: calor, certo, botar;

<sup>1</sup> Cópia da carta de Ivan Pasevitch, imigrante chegado ao Brasil em 1891, traduzida e publicada no Jornal Pracia, o de maior circulação entre esta comunidade, em 1951.

<sup>2</sup> O **[R]** forte corresponde à oposição entre a vibrante múltipla alveolar e a vibrante simples ou tepe.

- c) **[lh]** em posição interna. Ex.: trabalho, abelha, ovelha;
- d) vogais postônicas em palavras proparoxítonas. Ex.: abóbora, fósforo, pólvora;
- e) **[e]** e **[o]** átonos finais. Ex.: chocolate, noite, soldado; e
- f) ditongo nasal **ão**, como em feijão, pinhão, televisão.

Devido à exigüidade de tempo para realizar a pesquisa de campo e cumprir as demais etapas do programa de mestrado, tivemos que recortar o nosso objeto de estudo. Desta forma, elegemos, dentre outros, analisar na íntegra o ditongo nasal **ão**, fato fonético que apresentou variações mais salientes na fala dos informantes selecionados. Quanto aos demais itens fonéticos e lexicais, os dados foram colhidos e transcritos grafematicamente, para, em outro momento, procedermos à sua análise e sua discussão.

Este estudo será norteado pelos princípios teórico-metodológicos da sociolingüística, particularmente no que se refere a fenômenos decorrentes do contato lingüístico entre falantes do português local e a variante ucráina trazida pelos primeiros povoadores eslavos, no final do século XIX. Para tal, utilizamos o método de pesquisa em tempo real e tempo aparente, conforme exposto adiante.

## 2 OBJETIVOS

Pretendemos, com esta pesquisa, verificar o estágio atual da linguagem dos habitantes de Dorizon-PR, decorrente do contato lingüístico, neste caso, o bilingüismo ucraniano-português, bem como analisar o processo de aculturação nos campos social, religioso e cultural.

Com vistas a obter elementos que sirvam de comparação à primeira investigação, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- i) Verificar as possíveis mudanças fonéticas ocorridas em tempo aparente, com base em variáveis diastráticas, diageracionais e diassexuais, de acordo com os contextos fonéticos documentados por Wouk (1981), relativos à realização do ditongo nasal **ão**, como em **feijão**, **pinhão**, **televisão**;
- ii) Analisar os dados obtidos e compará-los com enunciados da obra de Wouk (1981), a fim de comprovar as possíveis mudanças lingüísticas ocorridas em tempo aparente e tempo real.

### **3 A TRAJETÓRIA DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO BRASIL E NO PARANÁ – A PARTIDA**

Durante o período colonial, a população brasileira era formada pela miscigenação de três principais grupos: o índio, elemento nativo da terra; o colonizador português; e o negro africano, que era escravizado. As medidas político-administrativas adotadas pelo governo português, a partir do século XVII, bem como o sistema econômico baseado na monocultura e no monopólio, sustentado pelo trabalho servil, dificultaram a participação de outros grupos raciais na formação étnico-cultural do povo brasileiro durante o período colonial (HORBATIUK, 1989).

Com a vinda da corte real portuguesa para o Brasil, o Príncipe D. João, a partir do decreto de 25 de novembro de 1808, dá início à política de imigração, com a finalidade de dinamizar o desenvolvimento da economia brasileira. Nesse contexto, em 1818, surge a primeira colônia de imigrantes no Brasil, em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, com 2.000 suíços. Esses imigrantes receberam total apoio e garantias por parte do governo, como concessão de um lote rural e os instrumentos para cultivá-lo, sementes e mais ajuda financeira para despesas imediatas, bem como assistência médica e religiosa. No entanto, pelo não cumprimento das cláusulas do contrato por parte do governo e pela arbitrariedade política, contrária aos interesses da maioria dos parlamentares (grandes latifundiários e adeptos do sistema servil), foi vetada a verba destinada ao custeio da instalação de imigrantes europeus, manifestando a desaprovação à abolição da escravatura e ao comércio de escravos, preconizado, anos mais tarde, pela Inglaterra e seus simpatizantes, entre eles o Brasil.

Com a iminente abolição da escravatura, alguns fazendeiros promoveram contratos migratórios, que não satisfizeram aos imigrantes, uma vez que estes não recebiam as propriedades, mas parceria na produção vendida. Dessa forma, eram lesados, sentindo-se escravos. Este sistema foi negativo para a campanha imigratória depois realizada, pois já se havia difundido na Europa o conceito de que o imigrante era considerado mão-de-obra inferior, semi-escrava.

Assim, podemos observar que a imigração ucraniana para o Brasil não foi um fato isolado. Milhares de imigrantes procedentes de vários países

européus, como a Itália, Polônia, Rússia e Alemanha também se dispersaram, principalmente pelas Américas.

Com intuito de desfazer a imagem negativa que até então se espalhava pela Europa, o governo brasileiro iniciou uma fase de “colonização-propaganda”, no entanto, só obteve aumento significativo na imigração em 1875. Com a descentralização do poder, o governo central doou todas as terras devolutas para os Estados, mantendo para si a coordenação da política imigratória (PRADO JUNIOR; SIMONSEN apud HORBATIUK, 1989, p. 21-25).

Boruszenko (1995, p. 8), descreve tal situação:

‘Agentes’ espalhavam pela Europa artigos, livretos e comunicados sobre as condições oferecidas pelo Brasil. Nos países eslavos, tais agentes encontraram campo dos mais propícios para sua atuação e a propaganda decaía em lamentáveis excessos, que exploravam a credulidade do camponês... A partir de 1895, teve início uma verdadeira debandada de camponeses da Ucrânia para o Brasil, às custas do governo republicano. No decurso de dois anos, mais de cinco mil famílias abandonaram suas aldeias e, na grande maioria, fixaram-se no Paraná; entre 1897 e 1907, mais de mil emigraram às próprias custas. Com a renovação do transporte gratuito em 1907, novas grandes levas de emigrantes dirigiram-se ao Paraná.

Segundo Kozlinski (2006), os camponeses ucranianos viviam em situação de extrema insegurança, pois o país que habitavam estava dividido. A parte ocidental era dominada pelo império Austro-Húngaro e Polônia e a grande parte oriental era dominada pelo inimigo do norte, o então Império Tzarista da Rússia. Assim, trabalhavam para os senhores feudais e dificilmente conseguiam o seu próprio pedaço de terra. Tal período foi marcado por constantes ameaças de guerras e ideologias políticas.

De acordo com Boruszenko (1995, p. 9-10), a imigração ucraniana no Paraná realizou-se em três etapas distintas. A primeira data dos fins do século XIX, quando milhares de ucranianos, sobretudo lavradores das províncias ocidentais da Ucrânia, incorporadas ao Império Austro-Húngaro, deixaram sua pátria materna por motivos diversos, como a superpopulação agrária e as más condições socioeconômicas, transferindo-se para outros países, entre eles o Brasil, onde se fixaram especificamente no Estado do Paraná.

Para melhor ilustrar este período, transcrevemos trecho da carta do imigrante Ivan Pasevitch, já citado na introdução:

Mês de maio do ano 1891. Minha despedida para sempre da minha querida vila Serviv, região do subúrbio de Zolotchiv, a procura de nova pátria, no distante e desconhecido Brasil. Estou indo como um jovem primaveril com meus pais, Teodoro e Sofia e três irmãzinhas: Marina, Ana e Justina. Estamos de partida em quatro famílias com as quais chegamos até Paranaguá... Até o porto de Hamburgo viajamos por despesa própria, de Hamburgo até o Rio de Janeiro despesa paga pelo governo. Do navio nos transportaram de pequenos barcos para o porto das flores onde permanecemos durante seis semanas. Do porto das flores nos transportaram de navio para o Porto de Paranaguá, daqui para Curitiba... permanecemos durante três meses... Terminada a construção da estrada nos conduziram nas carroças para Porto Amazonas, onde embarcamos numa balsa, subindo o rio Iguaçú. Viajamos seis dias para Barra Feia... nos alojamos nas cabanas de taquara. Nesse tempo ali estavam abrindo estrada para a colônia Rio Claro. Depois caminhando a pé até Rio Claro... onde permanecemos dois meses. Durante esse tempo aconteceu a medição das chácaras... para nós foi destinado nº 64. Em Rio Claro recebemos foices, enxadas e machados, o pai começou a limpeza em redor do nosso rancho... e começamos a iniciar o plantio... Não tínhamos nenhuma igreja, templo... No ano 1899, início da construção da igreja na Serra do Tigre. A primeira viga para fundamento da igreja, eu e o pai serramos e carregávamos nos ombros... foi concluída no ano 1900. Até esse tempo... Dorizon e Mallet não existiam, somente mata escura e muita taquara...

A segunda etapa ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, desta vez por motivos políticos. Isto porque a Ucrânia não ficou alheia aos movimentos liberais do século XIX, que caracterizaram a Europa. Em meio a todo tipo de dificuldades, os nacionalistas ucranianos trabalharam arduamente para restabelecer os alicerces do seu Estado, proclamando em Kiev, em 22 de janeiro de 1919, a unificação dos Estados Ucranianos numa só República. O governo que proclamou essa unificação, entretanto, não teve forças suficientes para mantê-la. No leste da Ucrânia, os russos estabeleceram seu controle. Quanto à Ucrânia do oeste, foi reconhecida, em 1923, a soberania da Polônia sobre esse território. Esses acontecimentos causaram grande êxodo dos ucranianos para o Ocidente.

Os imigrantes desta segunda etapa eram geralmente encaminhados aos núcleos já existentes, instalando-se, em muitos casos, em cidades. Esta imigração pode ser, pelo menos em parte, caracterizada como de cunho político,

pois os imigrantes pretendiam voltar ao país de origem quando este se tornasse independente. Alguns chegaram a voltar, mas já eram os “homens sem paz”, que não se adaptavam nem lá nem cá.

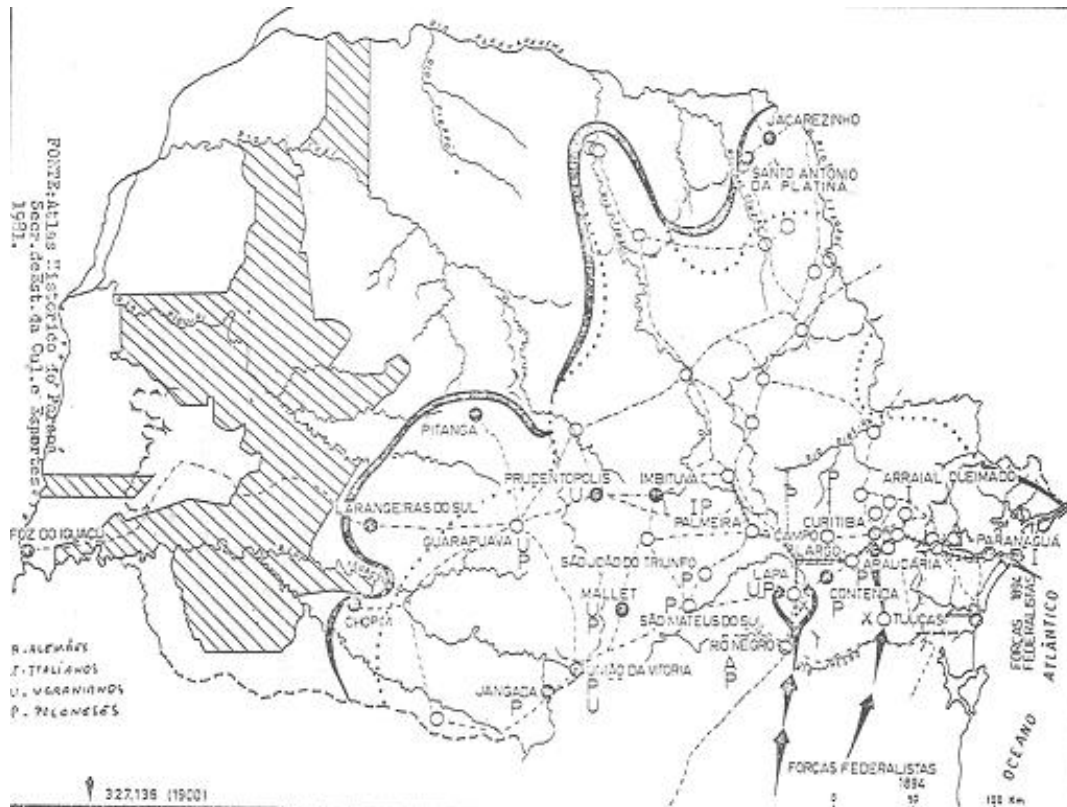
Descreve ainda Boruszenko (1995) que o maior êxodo dos ucranianos se deu após a Segunda Guerra Mundial, e constitui a terceira etapa da imigração ucraniana no Paraná. Eram mais de 200 mil imigrantes, entre operários, prisioneiros de guerra, refugiados políticos e soldados militares, que lutaram contra os russos. Quanto aos operários, estes tinham sido trazidos de várias províncias da Ucrânia pela administração alemã, para trabalhar na Alemanha durante a guerra.

Como se não bastassem tantas dificuldades, os ucranianos tiveram, ainda, que resistir à forte opressão dos aliados ocidentais, que se comprometeram em Yalta a repatriar todos os cidadãos soviéticos (cláusula esta, de repatriação obrigatória, abolida em fins de 1945). Sob proteção e apoio da ONU, os refugiados ucranianos seguiram para os países americanos.

Os primeiros imigrantes ucranianos no Paraná, segundo Boruszenko (1995, p. 11), teriam sido as 8 famílias vindas em 1881, que fixaram residência na colônia Santa Bárbara, entre Palmeira e Ponta Grossa. As maiores levas, entretanto, foram as de 1895, 1896 e 1897, quando chegaram cerca de 20 mil imigrantes aos portos de Paranaguá e Santos. A maioria dos imigrantes de 1895 seguiu para os arredores de Curitiba e os de 1896 e 1897 se dirigiram a Prudentópolis e Marechal Mallet.

No início do século XX, o grupo ucraniano chegava a contar, no Paraná, com cerca de 24 mil integrantes. A soma seria maior se não fosse o grande número de mortos, vítimas de epidemias e de outros infortúnios.

Nova chegada maciça se deu de 1908 a 1914, período no qual 18.500 ucranianos, predominantemente vindos da Galícia, motivados pela campanha brasileira para a construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul, se estabeleceram no Paraná. Até o princípio da Primeira Guerra Mundial, o número de imigrantes ucranianos eleva-se a 45 mil pessoas. Após essa guerra, o número de imigrantes declinou: até a Segunda Guerra, não ultrapassavam 9 mil; de 1947 até 1951, cerca de 7 mil foram registrados nos portos brasileiros, entre os quais havia muitos intelectuais, de modo que, após 100 anos de imigração, registra-se a vinda de 61 mil ucranianos ao Paraná.



**Figura 1** – Mapa do povoamento do Sul do Paraná

Fonte: Horbatiuk, 1989, p. 47.

Faz-se necessário, na realidade, relativizar esses dados, pois mesmo os censos oficiais eram incompletos. Muitos imigrantes ucranianos entravam no Brasil com passaportes austríacos. Calcula-se que o grupo étnico ucraniano e descendentes no Brasil chegue a 400 mil pessoas, 96,5% das quais já nascidas no Brasil. Desses 400 mil, 81% vivem no Paraná.

### 3.1 A UCRÂNIA DA ATUALIDADE: BREVE COMENTÁRIO

A Ucrânia, segundo maior país da Europa, com uma área de 603.700 km<sup>2</sup> (JOHNSTONE, 2005), desde a sua gênese foi palco de constantes invasões e domínios, por países como Rússia, Polônia e Alemanha. As lutas em defesa de sua autonomia política, liberdade religiosa e cultural foram incansáveis.

De acordo com Wouk (1981, p. 29), até o século XII a Ucrânia era um país hegemônico, cuja cultura era propagada e possuía poder para defender a Europa contra as incursões dos bárbaros, grupo formado por tártaros, mongóis e outros povos asiáticos. Este período foi sucedido por constantes batalhas, defendidas por príncipes contra os ataques moscovitas, poloneses e bárbaros, o que ocasionou enfraquecimento do poder e divergências internas, que levaram à transferência de sua organização estatal para a Galícia, parte ocidental da Ucrânia.

Posteriormente, no século XVI, a Ucrânia uniu-se a Polônia e Lituânia, formando, assim, um só reino, fato este que resultou na mais completa submissão e escravidão do povo ucraniano. Inconformados com esta situação, os cossacos, grupo formado por camponeses, pescadores e caçadores, resistiram por mais de cem anos, mas não conseguiram recuperar sua liberdade, ficando, desta forma, a Ucrânia Oriental dominada pela Rússia e a Ocidental incorporada ao território austríaco. Somente em 1918, após a Primeira Guerra Mundial, a Ucrânia proclamou-se independente sob a denominação de “República Nacional da Ucrânia”. Breve liberdade, ceifada pelo poderio russo em 1923, período em que muitas emigrações já haviam ocorrido para diversos países, como Estados Unidos, Canadá, Brasil e Argentina.

O ideal de tornar-se um país livre, almejado há muito tempo, concretizou-se com o processo iniciado com a abertura política, denominada *Perestroika*, na ex União Soviética, em 1985. A Ucrânia reconquista e declara a sua independência em 24 de agosto de 1991, e volta a ser um país autônomo e soberano (CRUZ, 2007).

De acordo com Boruszenko (1995), a Ucrânia expôs ao mundo seu potencial e suas riquezas naturais. País rico em reservas de carvão, minério de ferro, manganês, gás natural e petróleo, detém alta tecnologia na indústria siderúrgica, com produtos exportados para mais de cem países, dentre os quais o Brasil, que importou de lá as turbinas de Itaipu. Foi também o lugar que sediou a fundação da ONU, em Yalta, na metade do século XX, e tomou parte em sessenta órgãos internacionais.

Na metade da década de 1990, com uma população de 52 milhões de habitantes, já possuía 156 instituições de ensino superior, 23 mil bibliotecas, 225 museus e 130 teatros, dados estes que evidenciaram a importância dada à

educação e à cultura por este povo que lutou por séculos pela sua liberdade e hegemonia.

Na era atual, entretanto, permanece um país social e economicamente dividido. Vítor Yuschenko, presidente eleito em 2004 e participante da “Revolução Laranja”, movimento que defendeu a causa da liberdade, é o sucessor do governo de Leonid Kuchma, que herdou um país tomado pela corrupção e com sérios problemas de ordem política, econômica e social.

Seu território é dividido entre a parte ocidental, onde se localiza a capital Kiev, região pobre e voltada para a Europa e que luta para transformar as fazendas coletivas da era soviética em áreas particulares produtivas; e a parte oriental, que vive sob influência do governo russo e é detentora de pólos siderúrgicos, minas de carvão e fábrica de mísseis, e onde até mesmo a língua predominante é a dos russos.

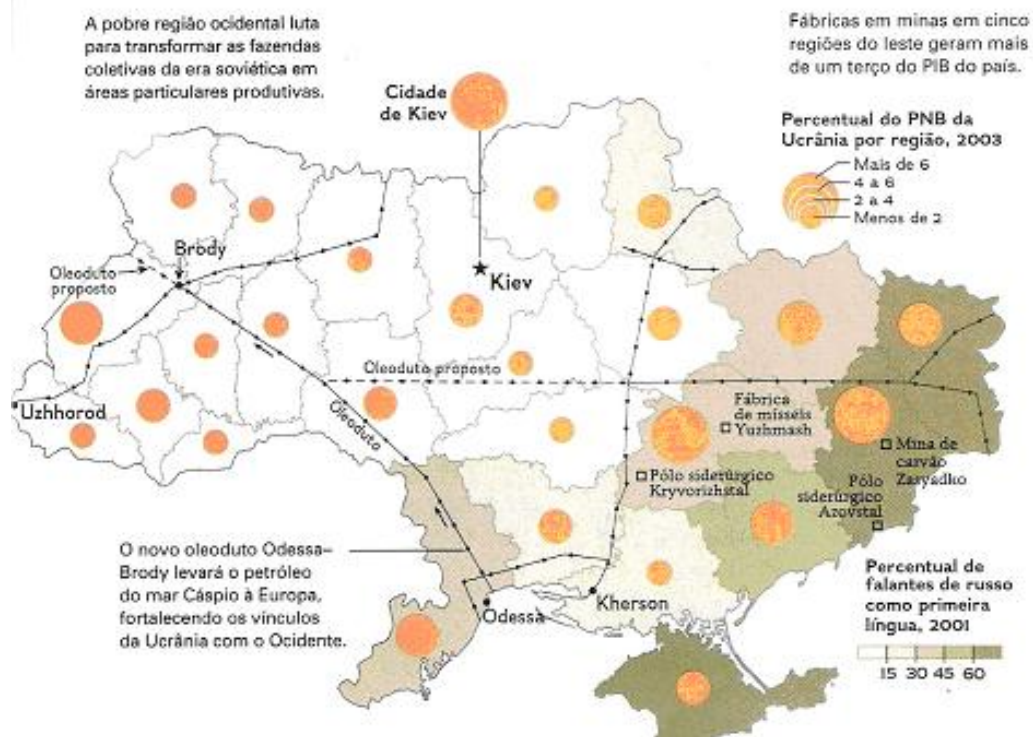
A Ucrânia está dividida entre dois mundos: na área industrial, no leste e no sul, a maioria da população fala o idioma russo e é a favor de manter laços estreitos com a Rússia; na parte agrícola, a oeste, a maioria fala o idioma ucraniano. Essa divisão também ocorre na política: na eleição de 2004, a parte ocidental votou em Yushchenko; e o leste e o sul, em seu adversário, Viktor Yanukovych, apoiado pela Rússia. Seus cidadãos continuam emigrando para outros países, especialmente para Portugal, em busca de melhores condições de vida. As conseqüências da epidemia da AIDS, o alcoolismo, os serviços de saúde precários, a emigração e a baixa taxa de natalidade devem reduzir a população da Ucrânia em 40% até 2050.



**Figura 2** – Mapa político do território ucraniano

**Fonte:** National Geographic Brasil, p. 109, março de 2006.

A seguir a figura 3 nos dá uma visão do território ucraniano e como está dividido lingüística e politicamente na atualidade.



**Figura 3** – Divisão lingüística e política atual do território ucraniano

**Fonte:** National Geographic Brasil, p. 109, março de 2006.

Não poderíamos deixar de mencionar um dos mais trágicos capítulos da História Soviética. De acordo com Johnstone (2005, p. 22), entre 1932 e 1933 mais de 7 milhões de pessoas morreram de subnutrição em toda a URSS, dentre elas, mais de 4 milhões de cidadãos ucranianos, enquanto os armazéns do governo soviético, trancados, se encontravam abarrotados de alimentos. Tal paradoxo foi decorrente do processo de coletivização das fazendas soviéticas pelo governo, período no qual houve a imposição de cotas de produções agrícolas irrealizáveis. O não cumprimento das cotas implicava no confisco da produção de alimentos pelo governo de Stalin. Este feito era parte do grande plano das lideranças soviéticas para solucionar as 'Questões de nacionalização' nas problemáticas repúblicas, especialmente a Ucrânia.

De acordo com Carnieri (2008), muitos ucranianos morreram de fome, situação esta que foi decorrente de uma política deliberada e desumana, concebida para punir os ucranianos pela sua resistência e oposição à opressão política e econômica da União Soviética e à russificação espiritual (religiosa e

cultural), incluindo a coletivização forçada da agricultura, a destruição da religião, cultura e ciência ucranianas.

Esta tragédia espanta não tão somente pelo número de suas vítimas, principalmente entre as crianças. Espanta, antes de tudo, pelo frio, criminoso e insistente silenciamento, negação do acontecido, motivados por princípios ideológicos e políticos. Os ucranianos assassinados nunca foram reconhecidos pelo regime comunista como vítimas do terror político. Em 1984, depois de uma campanha promovida pela comunidade ucraniana dos E.U.A., foi aprovada a constituição da *Comissão de inquérito dos E.U.A.* sobre a 'Fome da Ucrânia'. No relatório final, apresentado à Organização das Nações Unidas (ONU), em 1990, a comissão anunciou as seguintes conclusões: i) existiu uma 'fome artificial' na Ucrânia entre agosto – setembro de 1932 e julho de 1933; ii) a fome foi imposta ao povo ucraniano pelo regime soviético, tendo causado um mínimo de 4,5 milhões de mortes na Ucrânia, além de 3 milhões de vítimas noutras regiões da U.R.S.S..<sup>3</sup>

No meio acadêmico brasileiro, contamos com a tese de doutorado na área de Psicologia Clínica, sob a autoria da psicóloga Ludmila Kloczak, que aborda detalhadamente tal situação vivida por alguns imigrantes ucranianos que vivem no Brasil.

Cenas pungentes e chocantes como estas fazem parte do depoimento de uma vítima e sobrevivente da grande fome, emigrada para o Brasil:

Havia fiscais que observavam as famílias nas quais as pessoas não apresentavam os sintomas de fome: inchaço, emagrecimento, fraqueza, morte por inanição. Suas casas eram revistadas pelas brigadas, criadas especialmente para esse fim, de simpatizantes e filiados ao partido. A revista era minuciosa. Reviravam tudo, cavavam buracos dentro das casas e no quintal. Remexiam nas paredes, nos objetos, o feno era revistado com o forçado. Enquanto isso, os membros da família eram colocados em fila e observados. Qualquer gesto ou expressão de medo, levava-os a revistar mais ainda. Caso fossem encontrados quilos de cereais, não precisavam ser grandes quantidades, o pai e a mãe eram fuzilados no ato, em frente aos filhos, sem julgamento. (KLOCZAK, 2002, p. 47-48).

---

<sup>3</sup> De acordo com reportagem da Gazeta do Povo, Curitiba, edição de 13 de junho de 2008. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/mundo/conteudo.phtml?tl=1&id=775927&tit= Genocidio-ucraniano-ainda-e-negado>>.

### 3.2 O DISTRITO DE DORIZON, NO PARANÁ – A CHEGADA

Pertencente ao município de Mallet, Dorizon situa-se ao Sul do Estado do Paraná, e está localizado dentro das seguintes coordenadas geográficas (WOUK, 1981, p. 21) :

25°53'02" de latitude sul

50°49'32" de longitude W.Gr

Área: superfície 770km

Altitude Média: 797 metros ao nível do mar.

De acordo com um estudo realizado, em 1992, pela Associação de Apoio ao Pequeno Agricultor (AAPA), intitulado *Diagnóstico da Comunidade de Dorizon*, levado a cabo com o intuito de obter maiores recursos à agricultura junto aos órgãos oficiais competentes, associação esta constituído por membros da comunidade e liderada pelos professores Basílio Wodonós (aposentado), Paulina Harmatiuk e Locsandra M. Kuczynski, pelo engenheiro agrônomo Lourenço Muran e pelo cartorário de Justiça Ricardo Czepula, apresentamos os dados a seguir:

Pertencente ao município de Mallet, Dorizon situa-se ao Sul do Estado do Paraná, com uma altitude média de 797 metros ao nível do mar, distando 8 km ao sul da sede do município. Confinha com os seguintes municípios: ao norte, Rio Azul –28 Km; ao sul, Paulo Frontin – 12 Km; a leste, São Mateus do Sul – 83 Km; a oeste, Cruz Machado – 78 Km; de Curitiba, dista 220Km.

Acidentes geográficos:

Rios: Rio Claro, Rio Sabugueiro, Rio Tigre, Rio Barra Linda, Rio Barra Grande.

Serras: Serra do Tigre (900m) e Serra da Esperança (1.200m).

De acordo com último censo, realizado em 2007 pela agência do IBGE de Irati-PR, a Vila de Dorizon conta com um total de 1.934 habitantes: 471 na área urbana e 1.463 na zona rural. Deste total, 1.054 são homens e 880 são mulheres. Quanto ao município de Mallet, conta atualmente com 12.602 habitantes.



**Figura 4** – Município de Mallet

Fonte: WODONÓS et al., 1992.

Quanto à agricultura, de acordo com a infra-estrutura existente, inclusive de comercialização, em Dorizon predominam a cultura de milho, feijão, soja, trigo, arroz, cevada, fumo, aveia, pastagens e frutas como a ameixa e o kiwi, entre outras. O adequado aproveitamento dos imóveis com solos de boa fertilidade é limitado pelo custo da utilização de equipamentos. O padrão de uso atual da terra e

a baixa produtividade do setor agropecuário local estão intimamente correlacionados a uma viciosa tecnologia rudimentar. A mão-de-obra utilizada tanto nas lavouras como na pecuária é predominantemente familiar, ocorrendo em épocas de colheita, entretanto, a contratação de trabalhadores temporários.

Poucos agricultores de Dorizon são associados a Cooperativas, devido às dificuldades apresentadas no transporte tanto de insumos como da produção, pois, quanto à situação do produtor, há maior concentração de carroças, apenas uma minoria dispõe de tratores e carretas. Outro agravante para esta situação é a via de acesso do distrito de Dorizon a Mallet, que está asfaltada, mas não tem acostamento, dificultando, assim, o trânsito de tratores e carroças. Todos esses fatores resultam em dificuldades no momento da comercialização dos produtos por parte dos agricultores.

Quanto à eletrificação rural, esta chega a grande parte dos produtores, mas ainda é inacessível a muitos outros agricultores com menor estrutura para adquiri-la, devido às condições de financiamento.

A Vila conta com duas escolas: Escola Municipal Santa Teresinha e Escola Estadual Fernando Moreira, que funcionam em prédio conjugado, e oferecem apenas o ensino fundamental, com um total de 291 alunos matriculados, distribuídos em dois turnos, manhã e tarde. Estas escolas abrangem alunos da zona urbana e zona rural circunvizinha.

De acordo com o depoimento da informante 13 RoP (39 anos), professora nos dois turnos, há, na comunidade, um desinteresse considerável por parte dos pais em manter os filhos na escola, pois a falta de perspectivas por melhores condições de vida, que já é uma característica da comunidade, faz com que os filhos sejam recrutados aos trabalhos dedicados à agricultura familiar. Há, também, muitos alunos que vivenciam o problema de alcoolismo por parte dos pais, o que os torna totalmente alheios à vida escolar dos filhos, pois não participam de reuniões e não comparecem quando chamados pela direção. Segundo esta informante, dizem: “estudar para quê se vai trabalhar na roça mesmo”.

Os jovens que desejam cursar o ensino médio têm que ir até Mallet – a prefeitura disponibiliza ônibus para estes alunos – e os que chegam ao ensino superior vão para União da Vitória ou Irati, e poucos retornam para viver em Dorizon.

### **3.2.1 O Turismo**

A Vila de Dorizon, nos momentos atuais, constitui-se não somente de adversidades, as quais são contemporâneas a outros vilarejos do nosso Estado e, porque não dizer também, ao nosso país.

A Estância Hidromineral Dorizon conta, que além da fonte, com o hotel fazenda, abastecido por água desta fonte mineral. Estas águas sulfurosas são terapêuticas, benéficas no trato de doenças hepáticas e urológicas e, por isso, têm atraído muitos turistas para a região. Atualmente, não é mais um simples e modesto hotel, como mencionou Wouk em sua obra, mas, sim, com instalações mais amplas e confortáveis, é fonte de geração de rendas e empregos aos dorizonenses.

A Prefeitura de Mallet tem promovido o turismo na região e, para tal, foi criado o Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural (anexo B), que reúne, num só ambiente rural, belas igrejas de influência bizantina, equipamentos de lazer e alimentação e atrativos como grutas e cavernas, rios, quedas-d'água e montanha, fontes de água mineral sulfurosa, que possibilitam desfrutar de exuberante beleza cênica formada pela geografia acidentada e pela preservada cobertura vegetal. São promovidos passeios em trilhas rústicas, atividades de pesca, educação ambiental e pesquisas científicas.

### **3.2.2 A Cultura**

Constatamos que, nestes 40 anos decorridos da primeira investigação realizada por Wouk, a composição étnica da comunidade ora estudada ainda é constituída por descendentes de imigrantes eslavos, com maior predominância de ucranianos. Assim, procedemos à apresentação dos aspectos culturais que se mantêm vivos em Dorizon e, como não poderemos deixar de mencionar, os de Mallet também.

Houve um período, na década de 30 do século passado, em que a cultura e a língua da etnia ucraniana, assim como outras etnias de imigrantes no Brasil, sofreram intensa perseguição pelo governo. Período este em que, em nosso

país, a democracia parecia definitivamente falida pelo governo de Getúlio Vargas. Desta forma, as escolas existentes na região de Mallet, que ensinavam diversas disciplinas no idioma ucraniano, foram vetadas de tal exercício, bem como era apreendido todo e qualquer material escrito em outra língua que não fosse a portuguesa, inclusive livros, atas e documentos. De acordo com o Pe. Daniel Kozlinski, foi uma perda irreparável para a história dos imigrantes, pois as pessoas, amedrontadas e receosas, destruíam e queimavam tudo o que pudesse ser motivo de suspeita aos olhos das autoridades do governo.

### **3.2.3 A Cultura Espiritual**

A etnia ucraniana no Brasil, em especial em Mallet e Dorizon, de acordo com depoimentos dos padres da paróquia de Mallet, se mantém consolidada pelo fato de possuírem um referencial: a Igreja. Desde as primeiras etapas de imigração, a comunidade sempre recebeu o apoio dos sacerdotes, muitos vindos da Ucrânia. No entanto, tal apoio ainda é mantido pela Igreja quanto à preservação da cultura, da religiosidade, nas questões sociais e, também, na língua, pois, nos ritos das missas, o idioma ucraniano é alternado com o português. A evasão de fiéis da Igreja Ucraniana Católica para outras religiões evangélicas é quase nula nesta localidade.



**Figura 5** – Igreja São Miguel Arcanjo – Serra do Tigre, Dorizon

**Fonte:** A autora

Construída por imigrantes ucranianos em 1899 e concluída em 1903. É a igreja mais antiga construída por imigrantes ucranianos no Brasil, localizada na Colônia Serra do Tigre, distrito de Dorizon, município de Mallet. Sua arquitetura é singular: edificada com tábuas de madeira encaixadas uma às outras, com pouca utilização de pregos, as paredes são triplas, sendo as externas, as medianas e as internas pintadas com formas e coloridos típicos, em que não podiam faltar também os ícones, que são quadros pintados a mão com imagens dos Santos sagrados: São Miguel Arcanjo, São José e Nossa Senhora. Muitos imigrantes colonizadores participaram de sua construção, até mesmo as mulheres, carregando vigas, caibros e outros materiais em indulgência para obter o sacramento da confissão. No Parque Tingui, em Curitiba, existe uma réplica da mesma igreja.

As principais festas que acontecem na comunidade são decorrentes do calendário religioso. Dentre elas destacam-se o Natal, o Ano Novo e a Páscoa e, de acordo com os depoimentos dos informantes, constatamos que as tradições e costumes dos primeiros imigrantes e descendentes ucranianos, descritos por Wouk em sua obra de 1981, estão se mantendo entre os moradores da comunidade ora

estudada. Para melhor ilustrar, serão apresentados a seguir alguns trechos das entrevistas que abordam tais questões:

**Informante 3 AuM (58 anos)**

No Natal... Como é que eu vô lhe dice... nós montamo, ponhamo feno no chão, ponhamo paia pa fazê *didúh* [de acordo com Wouk, 1981, p. 39, *didúh* simboliza o velhinho do natal). ... *Didúh* é ponhamo paia no chão, daí a pi lazada fica durmindu. Isso é do tempo antigo, sabe? E na mesa corta-se feno e se estende feno e daí faz doze comida, tem que tê doze comida naquele noite... É trigo é... *holudtsi*, *perorrê*, fazemo essas coisa assim. Carne, pão, tem que ter tudo. Isso meus pais que sempre faziam...

Nós participamo é nas igreja, tem as festa... de três rei que é depois do Natal, no Natal tem as missa, né, e na Páscoa também, na Páscoa é a paixão, né, na Sexta-feira Maior tem prucissão, né, mais é na igreja que nós participamo de festa, né. Na Páscoa, aí leva o cesto pra benzê lá. Tem que tê um pedaço de carne de porco, tem que ter o fígado de porco, é o principal, daí cozinha os ovo, e a casca também é remédio. A casca você põe na água, quando levanta, meu pai e minha mãe tinha que fazê isso aí, tinha que sempre esfregá aquela água na vista, nos olho, porque diz que daí num fica cego mais tarde... e o fígado também você esfrega no lábio pra num parti... porque o inverno aqui é forte... os antigo ensinaro nós assim, né.

**Informante 10 MaM (22 anos)**

Aqui em Dorizon, a festa mais típica assim que eu acho é essa do dia primeiro de ano, né, a do Ano Novo, na igreja ucraniana... é festa muito grande, até inclusive o meu marido trabalha lá, né, tipo assa churrasco... A festa da Páscoa a gente benze *Paska* [pão da Páscoa]. No sábado, a gente... depois da Sexta-Feira Santa, né, a gente leva pra benzê pra daí no domingo saboreá... tomá o café da manhã, então a gente benze o ovo, benze aquele pão que é todo trabalhado, benze chocolate [ovo de], carne de porco, lingüiça cozida, aquela raiz amarga, o *hrim*. E aquelas pêssanca, né,

que são aqueles ovinho pintado que a gente põe na cestinha também pra enfeitá a cesta... Isso nós fazemo todo ano, certinho.

Nos casamento, a gente costuma juntá o *corovai* [KOROVAY, conf. Wouk, 1981, p. 44] que é tradição onde a gente mora né. Corovai é uma espécie de um pão redondo assim, todo trançado, com detalhes em cima, um pinheirinho enfeitado com papel crepom ou com fita, né, bem estilo ucraniano... tem umas música para dançar o corovai... e são cortados na festa e são servido pro pessoal comê...

### **Informante 8 Cac (29 anos)**

Festas típicas mesmo assim seria... vamos começar por casamento, né. O casamento, né, ele tem todo aqui, ainda até hoje é feito como tipicamente assim ucraniano, então ele é, é as danças, né, do tipo, a *coloneica*, a dança do *corovai*, né, que é um pão ali que os noivos ganham, né. Não é só um, é vários. Daí no casamento eles dançam com esse *corovai*, né, no meio do salão... é bem divertido... E daí tem a festa do nascimento de Jesus, o Natal... a gente vai de casa em casa e é recebido com bebida, doces, e daí a gente canta uma canção linda assim de Natal, né, em ucraniano... tem *kutiá* que é aquela sobremesa de trigo... E também porco é muito usado, né, tipo pernil assado. Daí na Páscoa tem a *raiuca*, é uma dança, assim uma brincadiera que fazem roda pra dançá... No dia depois da Páscoa, assim vai, tipo vai até uns... uns vinte dias depois dançando a *raiuca*.

De acordo com os relatos apresentados pelos informantes entrevistados, obtidos por meio dos temas para discurso semidirigido, podemos observar que, quanto à cultura relacionadas à igreja e à religiosidade, os moradores da comunidade ora estudada ainda mantêm vivas as tradições de seus antecedentes. Tal afirmação se torna possível ao correlacionarmos estes dados com os apresentados na obra de Wouk (1981), os quais estão expostos no capítulo 4 deste trabalho.



**Figura 6** – KOROVAY – Espécie de pão ofertado aos noivos na ocasião do casamento

**Fonte:** A autora

Quanto às danças típicas, o município de Mallet conta com um expressivo grupo de danças típicas ucranianas, como forma de difundir a cultura de seu grupo étnico. A figura 7 ilustra a apresentação do Grupo Folclórico Ucraniano Spomen no XIV Festival Nacional de Danças Ucranianas, realizado em novembro de 2007 na cidade de Roncador-PR. Na dança, Ana Carla Vodonós oferece o pão aos noivos. Ela é habitante do distrito de Dorizon e participa há um ano do Spomen. De acordo com o relato da jovem Andréia Basniak, coordenadora do grupo de Mallet, há muito jovens de Dorizon que demonstram interesse em participar deste grupo de dança, que representa de maneira tão brilhante a cultura típica ucraniana, ou até mesmo criar seu próprio grupo. No entanto, são impossibilitados por falta de apoio e incentivo dos órgãos competentes.



**Figura 7** – Grupo de Dança *Spomem* de Mallet

**Fonte:** Publicidade do XIV Festival Nacional de Danças Ucrânicas



**Figura 8** – Grupo Folclórico Ucrâniano Spomen, em frente o Seminário São Josafat, preparando-se para participar da ordenação Episcopal de Dom Daniel Kozlinski, em setembro de 2007

**Fonte:** A autora



**Figura 9** – Crianças, adolescentes e jovens do Grupo Folclórico Ucrâniano Spomem participando do desfile de 21 de setembro de 2007, aniversário do município de Mallet

Fonte: A autora



**Figura 10** – Pessankas

Fonte: A autora

As *pessankas*, simples ovos de galinha decorativos, pintados com intrincados desenhos coloridos com símbolos cristãos, guardam a técnica que é um privilégio de poucos. O trigo representa a fartura; o peixe, o cristianismo; a flor, o amor; e o galo, a fertilidade. São utilizados especialmente durante a Páscoa, época em que as pessoas se reúnem e celebram as tradições ucranianas.

### 3.2.4 A Língua Ucraniana

O ucraniano pertence à família das línguas indo-européias, mais concretamente à subfamília das línguas eslava. As línguas eslavas dividem-se nos ramos oriental, ocidental e meridional. O ramo oriental é constituído pelo ucraniano, o russo e o bielorrusso, e partilham o alfabeto cirílico.<sup>4</sup> São três línguas muito próximas, que apresentam dialetos mutuamente compreensíveis.

Levando-se em conta a grande distância entre os alfabetos latino e cirílico, no caso do ucraniano foram concebidos alguns sistemas de romanização da escrita cirílica, como instrumento de apoio à divulgação da língua, facilitando a sua pronúncia e a sua compreensão.

Quanto aos aspectos gramaticais, em especial a fonologia, no ucraniano existem dez vogais, que se dividem em duras (não palatalizadas) e brandas (palatalizadas):

- 1) /l/, /lʲ/, /a/, /aʲ/, /u/, /uʲ/ (duras)
- 2) /i/, /ji/, /jʲ/, /ja/, /ju/ (brandas)
- 3) Não existem vogais nasais em ucraniano.

O quadro a seguir apresenta o alfabeto ucraniano:

<sup>4</sup> Cirílico – alfabeto composto pelos missionários Cirilo e Metódio, enviados à Morávia, para evangelizar as populações eslavas (HORBATIUK, 1989, p. 22).

<b>Ucraniano</b>		<b>Som equivalente em Português</b>
Maiúscula	Minúscula	
A	a	<b>a</b>
Б	б	<b>b</b>
В	в	<b>v</b>
Г	г	RR como em carro
Ґ	ґ	<b>g</b> também usa-se para gue e gui (só que sem o Y = u)
Д	д	<b>d</b>
Е	е	<b>é</b>
Є	є	<b>ié</b>
Ж	ж	<b>j</b> também usado em ge e gi
З	з	<b>z</b>
И	и	<b>ê</b>
І	і	<b>i</b>
Ї	ї	<b>íí</b>
Й	й	<b>íir</b> usado em conjunto com И para ficar êi = Ий
К	к	<b>c</b> também para que e qui
Л ou Ѕ	Л ou Ѕ	<b>l</b>
М	м	<b>m</b>
Н	н	<b>n</b>
О	о	<b>o</b>
П	п	<b>p</b>
Р	р	<b>r</b>
С	с	<b>s</b> também para ce e ci
Т	т	<b>t</b>
У	у	<b>u</b>
Х	х	<b>rr</b> porém sem som puxado como na palavra <i>hunter</i> em inglês

Ц	ц	<b>tz</b>
Ч	ч	<b>tch</b> como na primeira sílaba da palavra <i>tcheco</i> , patronímico do nascido na República Tcheca.
Ш	ш	<b>ch</b>
Щ	щ	<b>chtch</b> , ou seja, o som combinado das letras Ш e Ч
Ю	ю	<b>iú</b> (ditongo)
Я	я	<b>iá</b> (ditongo)
Ь	ь	sinal de abrandamento, (corresponde aproximadamente ao <b>h</b> do português, quando transforma o <b>n</b> em <b>nh</b> ou o <b>l</b> em <b>lh</b> )

**Quadro 1** – Alfabeto ucraniano

#### 4 A OBRA DE WOUK

A obra de Wouk (1981), intitulada *Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraniana de Dorizon*, foi a primeira pesquisa científica de natureza etnográfico-lingüística voltada para a imigração ucraniana no Brasil. O trabalho de campo para a coleta dos dados foi realizado na década de sessenta, mais especificamente no ano de 1965. O autor descreve, sob vários aspectos, a realidade da comunidade neste período e deixa evidente o apelo no sentido de que os estudos dialetológicos sejam aprofundados pelas futuras gerações de lingüistas.

Desta forma, a sua obra é integrada, por três partes fundamentais: i) descrição etnográfica da comunidade ucraniana de Dorizon; ii) análise lingüística onomástica de seu dialeto; iii) manual de investigação lingüística. Nesta última, o autor traça diretrizes básicas e práticas indispensáveis a quem deseja iniciar-se na pesquisa lingüística de campo. Trabalho baseado em autores renomados nesta área, como Alvar, Boléo e Silva Neto, entre outros, e, também, em suas próprias experiências, foi elaborado no ano de 1971, cuja publicação culminou com a pesquisa realizada em Dorizon.

Wouk menciona a importância da tarefa do lingüista e dos estudos lingüísticos em nosso país, em especial no Paraná, por se tratar de um campo de pesquisas muito fértil, do qual as investigações podem trazer relevantes contribuições à ciência da linguagem. Assim, argumenta o autor:

Estamos dando os primeiros passos para atingirmos a nossa meta: o levantamento metódico dos materiais que constituem a linguagem oral do Paraná, em forma de um Atlas Lingüístico e Etnográfico. Todos nós sentimos a importância deste trabalho, mas também que ele não poderá ser levado a efeito sem uma séria preparação.

Assim, é necessário que assimilamos os lineamentos teóricos que informam a ciência da linguagem, antes de abordar a observação e a descrição dos falares brasileiros em nosso Estado. (WOUK, 1981, p.101)

Nesse sentido, podemos dizer que as aspirações do Professor Wouk tornaram-se reais depois de trinta anos decorridos, com a publicação do Atlas lingüístico do Paraná (AGUILERA, 1994), trabalho este que descreveu a rigor e

brilantemente os falares paranaenses sob a maestria da dialetóloga Vanderci de Andrade Aguilera.

Na primeira parte da obra, Wouk descreve: i) a Terra; ii) Dorizon; iii) a cultura; e iv) a língua e a Linguagem.

Nesta **primeira parte**, ‘**A Terra**’, Wouk descreve o panorama da Vila de Dorizon, que nos transporta para a década de 1960, apresentando as características do lugar, das casas, dos moradores e do clima. Trata-se de uma localidade muito pequena que, naquele período, contava com aproximadamente 2.000 habitantes entre moradores da zona urbana e zona rural, desprovida de infraestrutura urbana adequada para nela se morar. Assim, foi significativo o êxodo de jovens que dela saíram em busca de outras terras para obterem maiores oportunidades de trabalho. No entanto, acrescenta Wouk (1981, p. 17-18):

A paisagem, agradável à vista, é aquela das terras do sul: matas no topo das colinas, pinheiros nas planuras e plantações com várias tonalidades de verde nas encostas... O conjunto climático, bastante equilibrado, favorece a boa saúde e a longevidade dos seus moradores. Até hoje nenhum médico ali fixou residência para clinicar... Muitos paranaenses já conhecem essa vila, pois lá estiveram em vilegiatura ou com o fito de obterem a cura para os seus males, no modesto hotel das águas.

Quanto aos aspectos históricos de Dorizon, Wouk faz um retrospecto desde a fundação do município de Mallet e a sua evolução até os dias da publicação. Em 1884, por iniciativa do Governo Imperial, tiveram início os trabalhos de formação dos primeiros núcleos estrangeiros na região. Mas, na zona de Mallet e Dorizon, pioneiro foi o grupo de bandeirantes que, com a adesão de algumas famílias de Palmeira, constituiu uma bandeira que, à margem do Rio Claro, formaram o povoado de São Pedro. Seis anos depois, em 1890, chegam os primeiros imigrantes poloneses e, em 1895, a primeira leva de imigrantes ucranianos. Com a chegada dos trilhos e a construção da estação ferroviária “Marechal Mallet”, este povoado passou a ser denominado São Pedro de Mallet. Com o seu desenvolvimento, foram fundados outros povoados entre 1896 e 1909: Vera Guarani, Sant’Ana, Paulo Frontin e Dorizon.

De acordo com Wouk (1981), o censo de 1960 registrava 11.000 habitantes no município de Mallet, que contava com a estação ferroviária, as

estradas de rodagem estavam em fase de asfaltamento, agência dos Correios e Telégrafos, telefone e uma emissora de rádio.

A **segunda parte da obra**, denominada '**O Homem**', é composta por 2 capítulos: no primeiro, Wouk (1981) faz uma descrição da população de Dorizon que compreende: i) a composição étnica; ii) a imigração ucraniana: histórico e a imigração ucraniana no Brasil.

Quanto à composição étnica, a população de Dorizon era constituída de três grupos étnicos bem distintos, com vidas quase inteiramente estanques: o ucraniano, o polonês e o mestiço brasileiro, dos quais predominavam, numericamente, os ucranianos (WOUK, 1981, p. 23).

Nos itens (i) e (ii), Wouk relata a imigração ucraniana no Brasil (dedicamos o capítulo 3 exclusivamente a este assunto).

O segundo capítulo, intitulado 'A Ucrânia e os Ucranianos', é apresentado em três subitens: i) a Ucrânia; ii) os Ucranianos; e iii) a língua ucraniana.

Quanto ao item (i), a Ucrânia, Wouk (1981) apresenta resumo histórico do país e do povo e, também, a origem etimológica do vocábulo **UCRAÍNA**. O termo UCRAÍNA, em sua origem etimológica, é formado de dois elementos eslavos: *U* – junto de, e *KRAI(n)* – terra, país, que significa região de um Estado Político que é seu extremo e zona fronteira com outro Estado. Baseado neste dado, Wouk (1981) afirma ser o vocábulo correto UCRAÍNA e para seus habitantes UCRAÍNOS, e não UCRÂNIA e UCRANIANO, os quais entraram em uso por influência da língua francesa, em que a forma antiga UKRAINE, em sua evolução, absorveu o hiato AI, originando a pronúncia ÜKRÈNE e UKRAINIENNE, os quais foram reforçados no português por já existirem termos geográficos terminados em –ânia, sendo adotados as formas UCRÂNIA e UCRANIANOS pelos próprios imigrantes aqui residentes (WOUK, p. 27-28).

No item (ii), 'Os Ucranianos', argumenta Wouk:

No aspecto antropológico e no seu tipo étnico, os ucranianos não devem ser confundidos nem com os poloneses nem com os russos, se bem que todos sejam da mesma raça, isto é, eslavos... Segundo a classificação dos antropologistas, 65% procedem da raça adriática ou dinárica, [...] outros 25% procedem do tipo alpino [...] os restantes 10% resultam de mescla com nórdicos, mediterrâneos, armênios e mongóis, em variadas combinações. (1981, p. 29-30)

Quanto ao item (iii), 'A língua ucráína', o autor apresenta uma distinção entre o ucráino, o russo e o polonês nos aspectos fonético-fonológico, morfológico e sintático. Assim, argumenta:

O ucráino, o russo e o polonês são línguas indo-européias do ramo eslavo, conforme a classificação genealógica de Alfredo Trombetti, mas cada qual com as suas características próprias. A impressão que a maioria dos leigos tem com respeito ao ucráino é que ele não passa de um dialeto do russo, isto é, apenas uma variedade oral ou uma forma de expressão deturpada do idioma tido como instrumento lingüístico organizado de um corpo político, no caso o idioma russo. O lingüista, porém, e os que conhecem bem as origens e a evolução histórica dos dois povos, não confundem as aparências atuais com a realidade lingüística. (WOUK, 1981, p. 30)

Na **terceira parte da obra**, Wouk (1981) aborda '**A Cultura**', a qual é dividida em quatro capítulos:

1º) **A cultura espiritual**: durante vários séculos, isto é, até o ano de 1595, a Igreja Ucráína seguiu a orientação dos Patriarcas de Constantinopla. Naquele ano, os bispos ucráinos proclamaram a sua união com a sé de Roma. Todavia, somente a parte ocidental da Ucráína (Galícia) permaneceu fiel a essa união. A região oriental, devido à situação política de submissão à Rússia, viu-se obrigada a depender da Igreja Ortodoxa russa. Submetidos ao domínio russo, a perseguição foi implacável. Argumenta Wouk:

No Brasil... unidos à Roma, prestam obediência às autoridades eclesiásticas constituídas, mas por uma concessão e deferência especial da Santa Sé, a qual deseja que conservem o seu rito particular, possuem uma hierarquia própria... (1981, p. 36)

Quanto às festas religiosas, em decorrência do rito próprio, os ucráinos celebram as grandes festas da cristandade com a pompa e o colorido característico de todos os ritos orientais. Como a Igreja Latina, as duas celebrações máximas do ano são as do Natal e da Páscoa; a estas, seguem-se, por ordem de importância, as do Ano Novo, dos Reis Magos, de Ramos e de São José, padroeiro da Paróquia (WOUK, 1981, p. 38).

Na véspera do Natal, a “Véspera Santa”, quando nasce a primeira estrela, estende-se palha de trigo no assoalho da sala principal e coloca-se em pé, junto à porta de entrada, um feixe de trigo, para simbolizar, respectivamente, o velhinho e a velhinha do Natal (*didúh, bábka*). Todos, menos os velhos e doentes, passarão a dormir três noites no chão, sobre a palha, em memória ao nascimento de Jesus no estábulo e na manjedoura da gruta de Belém. Na hora da ceia, a “Santa Ceia”, por volta das 7 horas, reúnem-se todos os membros da família em torno da mesa posta. No centro da mesa acha-se uma vela de cera, benta no dia 2 de fevereiro do ano anterior, que fica acesa durante a refeição. Alimentos especiais são servidos. Em primeiro lugar um caldo ralo (*Kotyá*), preparado com sementes de trigo bem cozidas, mel e sementes de outra planta que chamam de *mák*. A seguir, e pela ordem: a sopa típica (*bórsts*), em que entram vários ingredientes, como repolho, beterraba, farinha de trigo e vinagre, entre outros; canudos (charutos) de repolho; pastéis (*holúbts’i*) recheados com nata e requeijão; salada de peixe ou sardinha, tomate, cebola e pepino azedo. A bebida pode ser vinho ou cerveja de fabricação caseira (*pêvo*). Não se come carne. Terminada a refeição, os participantes entoam hinos e cânticos religiosos com temas do Natal (*Kol’adá*).

No primeiro dia do ano, o Ano Novo, após a missa, tão solene como a de Natal, grupos de visita visitam as casas. À entrada, diante do chefe de família, lançam ao chão sementes de trigo, ao mesmo tempo lhe apresentam os votos de felicidades e de prosperidade, em forma de versos. As palavras, ditas em língua ucráina, expressam a sinceridade que a todos anima e mostram o objetivo principal do trabalho da comunidade: a cultura da terra, da qual retiram o seu sustento e da qual depende a sua felicidade e prosperidade (WOUK, 1981, p. 39-40).

Na Páscoa, no “Sábado Santo”, às 4 horas da tarde, o povo dirige-se à igreja, cada família levando uma cesta enfeitada de flores e coberta por uma bela toalha bordada, contendo, para serem abençoadas pelo sacerdote, as seguintes iguarias: um pão doce especial, a *Páska*; ovos cozidos; ovos de galinha cozidos e pintados com desenhos originais de motivos ucráinos, a *Pesãke*; requeijão, manteiga, carne de porco assada, sal, pimenta, toicinho, fígado de porco, frutas e uma raiz amarga, de cheiro ativo, própria para temperar a carne, que chamam de *hrim*. Estes alimentos são cuidadosamente guardados, para que as crianças não sintam vontade de comer antes da hora, pois serão servidos somente no outro dia, já na refeição matinal. No dia da Páscoa, o grande dia (*Velékden*), tem lugar uma

missa solene, como de costume cantada pelo povo, dialogando com o celebrante. Após o almoço, volta o povo ao pátio da igreja ou, se moram muito longe, reúnem-se em determinado local, trajados a caráter – camisa bordada com as cores nacionais ucranianas e calça escura; as mulheres usam blusas e saias bordadas, enfeites e fitas de várias cores na cabeça – e começam os folguedos tradicionais: cantos e danças populares (*hayívka*). Essas danças prosseguem no segundo e no terceiro dia, mesmo que sobreviesse mau tempo (WOUK, 1981, p. 41).

Após relatar estas festas, Wouk prossegue com o seguinte comentário:

O entusiasmo por estas celebrações dá mostras de um certo arrefecimento de alguns anos para cá. Começam a surgir outros costumes, estes brasileiros, tais como os folguedos juninos, nas datas consagradas a Santo Antonio, São João e São Pedro. O espoucar de foguetes e bombas, cujo uso por eles desconhecido na Europa, vem dar uma nota diferente a todas as festas populares da comunidade. (1981, p. 41)

Quanto à vida social, a população é caracterizada por ser ordeira e pacata, por princípios e formação, raro é o registro de crime ou suicídio cometido por um dos membros da comunidade, salvo alguma freqüência, são os caboclos da serra autores de crimes de morte. O clube recreativo existe, mas não proporciona aos moradores outro divertimento a não ser um ou outro baile.

Quanto aos costumes do casamento, os preparativos começam quatro ou cinco dias antes. Após a cerimônia religiosa, segue-se lauto jantar. Os recém casados ocupam a cabeceira de uma das mesas e dão início ao banquete especial partindo o pão de casamento, o *Korovay*, do qual os convidados recebem uma fatia (WOUK, 1981, p. 44).

2º) **A educação:** povo de larga tradição cultural, os ucranianos imigrados para o Brasil não descuraram o setor do ensino. Desde os primeiros anos, isto é, a partir de 1897, em todos os núcleos de colonização, os sacerdotes-missionários, auxiliados pelas religiosas vindas com eles da Europa, abriram escolas, instalando-as precariamente em modestos barracões. A escola particular ucraniana sempre fazia constar do currículo o ensino da língua portuguesa, entre outras, sem imposição oficial, além da língua materna e da história da nação ucraniana. As crianças eram alfabetizadas nos dois idiomas, mas o ensino era

ministrado em língua ucráína. Os professores recrutados para o ensino nos primeiros tempos, como é fácil de entender, não possuíam formação pedagógica e profissional adequada (WOUK, 1981, p. 47).

De acordo com a estatística apresentada em 1962 (WOUK, 1981, p. 48), o distrito de Dorizon encontrava-se com 391 crianças matriculadas em duas escolas da sede e 5 nas colônias. Não mais de 30% dos alunos matriculados no 1º ano chegavam a completar o curso primário. Os demais interrompiam por duas razões: a) o ambiente não favorecia os ideais de instrução mais completa; b) o trabalho agrícola, no regime de pequena propriedade, exigia a cooperação das crianças muito cedo. Muitos meninos e meninas eram recrutados ou para o seminário ou para as casas de formação de religiosos, com sedes em Prudentópolis, Curitiba, Rio Negro e Ponta Grossa, dos quais dificilmente retornavam, de modo que a formação melhor que recebiam não resultava em benefício da comunidade em que nasceram.

3º) **A cultura material:** neste capítulo, Wouk (1981) descreve a habitação, a alimentação, o vestuário e os meios de transporte e locomoção da comunidade no período por ele estudado.

Na construção de sua moradia, o imigrante sofreu primeiro a influência do meio, instalando-se em casas rudimentares, mal fechadas, insalubres e úmidas, tão primitivas como as do seu meio contemporâneo brasileiro. O pinheiro forneceu-lhe os elementos de sua casa, desde os alicerces ao telhado. Mais tardiamente, surgiram algumas casas de tijolos e a telha francesa substituiu a cobertura com tabuinhas de madeira (WOUK, 1981, p. 51-52).

Quanto à alimentação, os ucráínos, como os demais imigrantes, de modo geral adaptaram os hábitos alimentares ao meio brasileiro, devido à convivência e às possibilidades de produção nas áreas que habitavam. Guardavam características próprias nos dias de festas. Eles mesmos produziam quase na totalidade os alimentos que consumiam. A base de sua alimentação era: pão, carne (a de porco era a mais consumida) e derivados da carne, tocinho, batata, legumes, leite e ovos. As frutas próprias da região eram: maçã, uva, ameixa, laranja, mimosa, pêsego e pinhão, entre outras. As de clima quente, como mamão, abacate, banana, raramente apareciam (WOUK, 1981, p. 54).

A sua maneira de vestir nada difere da usual, adaptadas ao clima frio da região. A vestimenta típica ucráína, que conhecemos por meio das exposições

de dança folclórica nos festivais das etnias, só são usadas nessas ocasiões (WOUK, 1981, p. 55).

As estradas eram deficientes de infra-estrutura; veículos a motor, como caminhões, eram poucos. O jipe era o único veículo capaz de vencer algumas daquelas estradas, predominando o uso das carroças.

4º) **Recursos econômicos:** muito limitadas eram as fontes de renda dessa comunidade. Não havia renovação do elemento humano e faltava-lhe o estímulo externo. A região, neste período, já não recebia mais novos fluxos de imigração como não atraía gente de outras partes. A terra já não era mais tão produtiva e o trabalho não se desenvolveu. A indústria mais desenvolvida era a extração do mate. Quanto às fontes de águas minerais, foi descoberta e iniciada a lavra em 1945. No entanto, não se tirou muito proveito de suas possibilidades comerciais. A produção animal não era realizada em escala comercial, se restringia à criação para a manutenção familiar. Quanto ao comércio, o abastecimento de gêneros não apresentava dificuldades; no entanto, como o dinheiro era escasso, eles faziam comércio à base de troca.

Na **quarta parte da obra**, Wouk (1981) apresenta '**A Língua e a Linguagem**', dividida em quatro capítulos: i) aculturação; ii) fonética, morfologia e sintaxe; iii) o vocabulário geral; e iv) nomes próprios de pessoas.

i) Aculturação: de acordo com Wouk (1981, p. 63-64), as oportunidades de aquisição de novos elementos culturais eram criadas por iniciativa dos membros do grupo; assim, era fraca a ação assimiladora consciente vinda de fora. Nem sempre a "importação" era bem-vinda, sobretudo pelos mais velhos. Os indivíduos que voltavam com novas idéias às vezes não alcançavam prestígio e eram cognominados de "soberbos". Argumenta o autor que a comunidade continuava vivendo em relativo isolamento geográfico e cultural, o qual se via reforçado pela organização familiar, por meio dos casamentos quase sempre endogâmicos. Argumenta ainda o autor que, em um processo de aculturação, a influência pode ser bilateral, com predomínio de uma das culturas. Na comunidade observada, devido aos fatores citados, a irradiação da cultura ucraina, naquele momento, era insignificante.

Quanto à interação lingüística decorrente do contato entre os idiomas ucraniano-português, argumenta Wouk:

Os grupos étnicos estrangeiros imigrados procuram conservar o seu idioma, resistem consciente ou inconscientemente ao seu desprestígio, mas não conseguirão impedi-lo, sobretudo se à linguagem oral faltar o apoio da língua escrita, a qual é criação de uma elite intelectual. A comunidade observada não conta com este apoio, e irá sendo substituída progressivamente, sem violência, a língua primeira, e reduzida a ilha lingüística até a sua completa absorção. (1981, p. 65-66)

ii) Fonética: dentre os resultados apresentados no campo fonológico, o autor relata que não houve empréstimo puro e simples de uma língua para outra, mas sim uma continuidade da fonação ucraina na prolação dos fonemas do português, porém sem regras fixas e estabelecidas. A direção dominante observada é língua vencida / língua vencedora, entendida esta última não como língua comum culta, mas a sua forma dialetal, quase inteiramente divorciada da disciplina gramatical, decorrente do contato com os caboclos brasileiros.

Não conhecendo bem a língua que lhe serve de modelo ou conhecendo-a apenas na forma oral, o imigrante reproduz os sons, acomodando-os de uma das seguintes maneiras: a) descuida-se nas formas desconhecidas ou pronúncia difícil; b) substitui esses sons por outros que lhe sejam mais próximos ou pelos habituais naquele tipo de estrutura fonética; c) introduz fonemas novos para dar à palavra um aspecto familiar; d) muda o acento quanto à qualidade e quanto à posição na palavra.

Assim, dentre as principais transformações fonéticas produzidas pelo bilingüismo ucraniano-português observadas na fala dos moradores da comunidade estudada, Wouk (1981) destaca:

## I. VOCALISMO

1)	/ã/ : /á/	– irmã : irmá; mãe : máy; banha : bán'a, campo : kãpo; barbante : barbãte; andando : ádádo;
2)	ão : õu	– feijão : fjiõu; pinhão : pin'õu; facão : fakõu
3)	-a (át. final) : -e	– creolina : kreol'ine; gasolina : gazol'ine.
	-a (át. final) : zero	– mandioca : mãdyók; massa : más; comunista : komun'ist.
	-a (át. final) : ya	– bateria : bateri'ya; farmácia : farmáciya.
	prótese do /a/	– buzinar : abuziná.
	aférese do /a/	– abóbora : bóbra; amendoim : mēdoĩ.
4)	ẽ (tôn.) : ē	– correndo : korēdo; quente : kēte; fazenda : fazēda.
5)	e- (át. inicial) : zero	– estrada : stráda; escola : skóla; hospital : spitál; spoléta.
6)	-e (át. final) : a	– foice : fóysa; berne : bérna.
	-e (át. final) : zero	– mascate : maskát; chocolate : xokolát.
7)	e (tôn. fechado) : ey	– três : tréys; vez : véys.
8)	ey : ē	– carteira : kartéra; queixar : kexá; gaiteiro : gaytéro.
	ey (át.) : i	– feijão : fjiõu.
	éy (tôn.) : éy	– cruzeiro : kruzéyro; leite : léyte.
9)	eu (tôn. fechado) : é	– farmacêutico : farmasétko.
10)	i (át. postôn.) : ē	– música : múzeka; fábrica : fábreka.
11)	i (tôn.) : yí	– imo : yímo; daí : dayí; saiu : sayív.
12)	iu (ditongo) : yív	– saiu : sayív; fugiu : fugív.
13)	ô (tôn.) : ó	– cebola : sebóla; bôca : bóka; professor : profesór; doutor : dotór.
14)	ôa : úa	– broa : brúa; boa : búa; garoa : garúa.
15)	-o (át. final) : zero	– soldado : soldát; decreto : dekrét; fanático : fanátek; internato : ĩternát.
16)	-io (át. final) : iya	– escritório : skritóriya.
17)	ô (tôn. seguido de z) : õy	– arroz : arõys.

## Síntese

1. Aversão ao som português ão.
2. Vogais e ditongos fechados tendem a abertos.
3. Influência do caboclo na ditongação de vogais simples, na redução do ditongo – ei – a – ê –; prótese do /a/.
4. Queda de vogais átonas finais.
5. Ditongação do – i – tônico em – yí –.
6. Direção contrária em certos fenômenos: ditongação e monotongação, prótese e aférese; alternância /e/a/ - /a/e/.

## 2. CONSONANTISMO

1) r : R	– quero: kéRo; arado: aRádo;
2) R : r	– carroça: karósa; burro: búro; barriga: baríga; ferro: féro.
3) –v– : –w–	– enxoval: ēxowál; chuva: xúwa.
4) w – v	– quarto: kvárto; água: ágva; barbaquá: barbakvá; João: Jvõu; doente: dvéte.
5) b : v	– benzer: vézê; gabar: gavá.
6) -r (final) : zero	– comer: komê; vestir: vestí; andar: ádá.
7) l : l'	– tecla: tékl'a; polícia: pol'íciya; fiscal: fiskál; colônia: kól'óniya; mil réis: mil'aréys.

### Síntese

1. Tendências opostas: r/R, R/r; v/w, w/v; lh/y, y/lh.
2. Palatalização de /l/ e /n/ diante de /i/.
3. Adaptação dos sons /cr/, /gr/, /ç/, /j/.
4. Influência dialetal: mb/m, lh/y, b/v; e mais outras pronúncias de palavras isoladas, como: quáje (quase), sóte (sótão), boéna (boina), déys (dez), mais (mas), despòys (depois), ēdosá (adoçar).

**Figura 11** – Principais transformações fonéticas do bilingüismo ucraniano-português

**Fonte:** Wouk (1981, p. 71-73)

Quanto ao vocabulário, um grupo étnico, conforme o grau de seu desenvolvimento, pode **inventar**. Psicológica e materialmente, porém, é mais econômico e mais cômodo “importar” a forma já pronta, ao mesmo tempo em que “importa” o objeto, a técnica e a idéia. Desta forma, o imigrante ucraniano tomou de empréstimo vocábulos condicionados à realidade brasileira, sobretudo os referentes ao vocabulário agrícola, como: erva-mate, pinheiro, imbuia, mandioca, taquara, bambu, mentruz e moranguinho, entre outros. O autor dividiu minuciosamente os empréstimos em várias categorias gramaticais, em que os substantivos correspondem a cerca de 70% dos vocábulos tomados ao português (WOUK, 1981, p. 82-83).

Dentre as conclusões apresentadas por Wouk (1981, p. 93-94) em sua pesquisa, destacamos:

1. A geração atual de ucrâinos da comunidade de Dorizon vai, gradualmente, integrando-se ao meio brasileiro e à língua do

país, mas ainda está bastante ligada ao seu passado histórico e aos hábitos tradicionais;

2. São mais permeáveis e aculturam-se mais rápida e perfeitamente os que chegam a cursar a escola secundária e a superior, assim como os que saem do seu meio ambiente em tenra idade;
3. Através do bilingüismo total ou parcial, conforme os indivíduos, todo o sistema de duas línguas é mais ou menos profundamente atingido: na fonética, na morfologia, na sintaxe, ora numa direção, ora na outra, com visível predominância do português, sobretudo no campo lexical;
4. Em certas situações, a linguagem coloquial desse grupo humano dá-nos a impressão de se haver formado uma língua mista, como resultado de múltiplas confusões estabelecidas na mente dos falantes;
5. O processo de aculturação e assimilação desse grupo humano está se realizando com demasiada lentidão, devido à fraca ação do meio externo. O resultado é a conservação por tempo indeterminado dos hábitos e técnicas anteriores;
6. O contato íntimo e prolongado existente entre a etnia ucráina e o elemento brasileiro, no campo da cultura e da língua, poderá, dentro de um prazo mediato, dar origem a uma cultura e a uma linguagem claramente distintas das que estão formando em outras áreas geográficas brasileiras.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

### 5.1 LÍNGUAS EM CONTATO

Esta pesquisa apóia-se nos princípios da sociolingüística e na sua vertente Línguas em Contato. Iniciamos pelas seguintes considerações:

A sociolingüística, tendo como escopo o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou seja, em situações reais de uso, elege como ponto de partida a comunidade lingüística, isto é, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos. Disso decorre que a sociolingüística busca correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, entendendo cada domínio, o lingüístico e o social, como fenômenos estruturados e regulares. (ALKMIN, 2003, p. 31)

O contato entre povos de línguas e culturas diferentes é observado desde o início da humanidade. A noção de variação lingüística pode ser observada nos campos de atividades lingüísticas já utilizadas por gregos e romanos. Assim, a herança lingüística desses povos deu origem aos dialetos empregados nas línguas literárias do século XII. Não há uma definição precisa para “dialeto”. Um dialeto pode ser toda uma língua por ser derivada de uma protolíngua, ou de uma maneira ou estilo de fala alta ou baixa, ou, ainda, de cada maneira de falar de uma pessoa ou de um lugar (THUN, 2005).

De acordo com Alvar (1996), a língua vista como uma atividade humana é submetida a uma modelação por parte de cada falante. O conhecimento dos dialetos se deve, em parte, ao nascimento da lingüística como ciência histórica. No entanto, para Weinreich (apud ALVAR, 1996, p. 11), a dialetologia estrutural não deve se limitar a considerar somente aspectos históricos do passado (leis fonéticas, valor etimológico dos termos) e sim variações lingüísticas tanto em nível sincrônico como em nível diacrônico.

A dialetologia é um ramo da Lingüística relacionada com a etnografia (cultura material e espiritual de um povo), com a sociologia (herança social, padrões sociais) e a antropologia (estudo do homem), constituindo, assim, elementos para o estudo das manifestações populares.

Em uma abordagem de natureza sociolingüística, podemos mencionar os estudos de William Labov (1976, p. 47), o qual propôs a sistematização das variações lingüísticas observadas. Sua teoria consiste na relação das estruturas sociais com a distribuição de uma variável lingüística dada. Verificou a estratificação de um modelo de descrição e interpretação do fenômeno lingüístico no contexto social de comunidades urbanas, conhecida como Sociolingüística Variacionista ou Teoria da Variação. Para Labov (1976), é impossível compreender a progressão de uma mudança lingüística fora da vida social da comunidade onde ela se reproduz. A cada situação de fala nos deparamos com o fato de que a língua falada, a um só tempo, é heterogênea e diversificada, constituindo, assim, um universo lingüístico caótico a ser sistematizado.

A maior parte das comunidades no mundo apresenta uma situação em que convivem várias línguas. Os efeitos produzidos por esse contato lingüístico afetam, positiva ou negativamente, tanto as línguas como os homens. O bilingüismo é um complexo fenômeno, o qual pode ser abordado por diversas perspectivas.

Podemos dizer que duas línguas estão em contato quando são usadas pelos mesmos indivíduos, ou seja, quando existe uma situação de bilingüismo (ou multilingüismo) em que falantes bilíngües (ou multilíngües) constituem o *locus* do contato. Esta situação sociolingüística é uma das mais favoráveis às mudanças lingüísticas, em que ocorrem fenômenos de empréstimos ou transferências na estrutura de ambas as línguas (SILVA-CORVALÁN, 1989, p.178).

Ao tratar da questão do contato lingüístico, entendemos que as línguas estão condicionadas pelos diversos fatores sociais os quais atuam nos processos de interação. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 35), um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos pode levar a descrições mais adequadas da competência lingüística dos seus falantes. Nesse sentido, a língua deve ser vista, seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico, como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. Entendemos por esta questão que as variações

lingüísticas descritas e sistematizadas em uma determinada língua devem ser realizadas em concomitância com os fatores extralingüísticos implícitos neste processo.

Para o autor, estudos empíricos têm confirmado o modelo de um sistema ordenadamente heterogêneo, em que a escolha entre alternativas lingüísticas acarreta funções sociais estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social (WEINREICH, 2006, p. 99)

Quanto à transição ou transferência de traços de um falante para outro, ainda de acordo com Weinreich (2006, p. 122-126), ocorre por meio de falantes bidialetais ou, mais freqüentemente, falantes com sistemas heterogêneos caracterizados pela diferenciação ordenada. A mudança se dá i) à medida que um falante aprende uma forma alternativa; ii) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência; e iii) quando uma das formas se torna obsoleta. A transferência parece ocorrer entre grupos de pares de faixas etárias levemente diferentes. Todas as evidências empíricas reunidas até agora indicam que as crianças não preservam as características dialetais de seus pais, mas sim as do grupo de pares que dominam seus anos pré-adolescentes. No entanto, diz o autor, a mudança lingüística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança lingüística são produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.

Em se tratando da relação língua e grupo étnico, para Trudgill (1984, p. 51), as mudanças lingüísticas observadas em comunidades com mais de um código lingüístico não estão relacionadas a fatores raciais e fisiológicos. As características lingüísticas absorvidas por um falante decorrentes do contato com grupos étnicos de línguas diferentes são atribuídas ao estreito e prolongado contato em um mesmo contexto de convivência. Como exemplo, o autor menciona a pesquisa realizada nos Estados Unidos, em que a fala de indivíduos brancos foi confundida com a fala de indivíduos negros, e vice-versa, após a gravação das falas sem a devida identificação dos informantes. Os informantes brancos eram pessoas as quais tinham passado toda a sua vida entre os negros, ou tinham sido criados em áreas nas quais os valores da cultura negra eram dominantes. Este experimento demonstrou, também, que há diferenças entre o inglês falado por brancos e negros

nos Estados Unidos da América e que pessoas podem ser identificadas a um ou a outro grupo social apenas pela base de sua língua.

Wouk (1981) entende por bilingüismo o uso simultâneo ou alternado de duas línguas. Uma delas é a língua materna, a primeira aprendida sem sistematização durante a infância, de uso interno da comunidade lingüística em situação de minoria. A outra é a língua comum do país, necessária à comunicação dos membros dessa comunidade com o meio externo. Uma vez que há contato íntimo e prolongado entre as duas línguas, o empréstimo lingüístico se dá nas duas direções ao mesmo tempo. De acordo com o autor (1981, p. 64), o tempo necessário para que se complete a aculturação depende de três fatores:

- a) prestígio maior ou menor de ambas as culturas, que determinarão o ideal superior da comunidade;
- b) grau de conservação das tradições do país de origem dos imigrados;
- c) intensidade da ação assimiladora.

Assim, a infiltração da vida brasileira nos núcleos de imigração do Paraná realizou-se principalmente por via assistemática, através dos seguintes canais:

- a) contatos necessários e indispensáveis com as autoridades administrativas;
- b) relações comerciais;
- c) o exercício da profissão ou o trabalho fora do raio de ação do grupo humano a que pertence.

Bonatti (1974, p. 61), ao citar Linton (1940), postula que a aculturação representa um conjunto de fenômenos que se processam quando dois grupos de culturas diversas entram em contato de primeira mão, ocasionando modificações nos padrões originais de cada um dos grupos. O empréstimo é precisamente o material que se transmite de uma cultura à outra: adoção de traços diversos do sistema original. O aproveitamento desses elementos estranhos deve-se à necessidade que surge frente a uma situação nova.

Segundo Heye e Vandresen (2006, p. 393), nos trabalhos sobre línguas em contato no Brasil discutem-se os conceitos de bilingüismo, diglossia e

mudança de código, face às diferentes situações encontradas ao longo da convivência do português com as línguas minoritárias. Ao buscar um posicionamento claro quanto à situação lingüística do bilíngüe, é necessário levar em consideração o ambiente e as condições em que o bilingüismo se desenvolve. A coexistência de duas línguas em diferentes espaços sociais deve ser analisada segundo a condição particular dos indivíduos que se tornaram bilíngües. Esta condição é caracterizada pelo contexto e pela idade de aquisição, pela variação de uso das línguas (função tópica) e, ainda, pela manutenção ou pelo abandono de uma ou outra língua em decorrência de fatores sociais e comportamentais. Indivíduos bilíngües adquirem dois códigos lingüísticos dentro de determinadas comunidades de fala. Como usuários desses códigos, manifestam sua “bicompetência” lingüística e cultural. A esta questão entendemos como a capacidade de falar ou escrever corretamente a língua materna e uma ou várias línguas estrangeiras.

Argumentam ainda os autores que a condição de bilíngüe se modifica na trajetória de vida dos indivíduos e assume diferentes contornos (estágios) em relação ao domínio e à variação de uso em ambas as línguas. Estes estágios são estabelecidos pelas funções de uso das línguas em contextos e situações diferentes (familiar, social, escolar, profissional, etc.). Desta forma, a condição particular de indivíduos bilíngües é vista como sendo dinâmica, ou seja, podem tornar-se proficientes em ambas as línguas ou partir em direção ao monolingüismo, abandonando, assim, o uso em uma das línguas.

Neste contexto, destaca-se a necessidade de refletir sobre bilingüismo e bilingüalidade, pois, enquanto o bilingüismo corresponde à coexistência de duas línguas como meio de comunicação em um determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas, a bilingüalidade se volta para estágios distintos de bilingüismo, pelos quais os indivíduos portadores de condição bilíngüe passam na sua trajetória de vida (HEYE, 2003, p. 233).

Vandresen (2006, p. 325), ao descrever o contato lingüístico em uma comunidade teuto-brasileira no Estado de Santa Catarina, menciona que, para conviver no novo ambiente, pelo menos para alguns imigrantes era imposto o contato com falantes de outras línguas. Desse contato lingüístico vai surgindo o bilingüismo em diferentes graus de competência, dependendo das funções de cada

língua na vida do falante, influenciadas pelas atitudes lingüísticas da comunidade e por políticas lingüísticas ditadas pela sociedade receptora, especialmente na área educacional. A atuação dessas políticas pode ocasionar mudanças quanto ao uso das línguas em contato, levando seus falantes a diferentes graus de bilingüidade e mesmo à eliminação de uma das línguas, com a volta da população ao monolingüismo.

De acordo com Mattoso Câmara (2007, p. 78), encontramos o bilingüismo: a) nas famílias de língua materna diversa do país em que se radicam; b) nas comunidades conquistadas por um povo de língua diversa; c) nos indivíduos que vivem na fronteira entre dois povos de línguas diversas, com atividade em um e outro povo. Argumenta ainda o autor que, nos casos a e b, o bilingüismo tende a desaparecer com o suceder das gerações, pelo enfraquecimento da língua materna familiar (no caso a) e pelo abandono da língua anterior à conquista ou da língua dos conquistadores (no caso b).

Para Tarallo e Alkmin (1987, p. 12), as causas do caos lingüístico decorrentes do fenômeno de bilingüismo e do plurilingüismo são notadamente sociais e históricas: diferentes grupos étnicos que emigram de suas comunidades de origem para uma mesma região; conquistas as quais demandam as situações de colonização; deslocamento de populações e desenraizamento cultural, entre outros. No entanto, é precisamente nesse tipo de situação que o fenômeno da mescla lingüística se torna mais aparente e mais palpável. A variedade estilística dentro da mesma comunidade (a mescla intracomunitária) pode passar despercebida a alguns falantes, especialmente os de menor escolaridade. A mescla intercomunidades revela-se mais saliente quanto à observação dos fenômenos apontados. Trata-se de *code-switching*, fenômeno no qual os dois sistemas se mesclam no nível da sentença, sob os aspectos fonológico, morfológico, sintático e lexical.

Heye (2003, p. 233) destaca que vários fatores estão ligados à aquisição, ao domínio e à variedade de uso de cada língua numa determinada situação de bilingüismo. A relação entre eles, nas diferentes fases da vida de um indivíduo bilíngüe, contribui para determinar seu status lingüístico em qualquer ponto do tempo, ou seja, seu estágio de bilingüidade. Desta forma, são inerentes a esta questão alguns fatores referentes ao contexto e à idade de aquisição, bem como o domínio funcional de ambas as línguas por ambiente comunicativo:

- Aquisição de duas línguas ao mesmo tempo, ambas consideradas L-, bilingüismo do tipo Lab;
- Aquisição de uma determinada língua posteriormente à outra, antes da primeira ter sido maturacionada, bilingüismo do tipo La + Lb;
- Aquisição de uma determinada língua posteriormente à outra, depois da primeira ter sido maturacionada, bilingüismo do tipo LM + LE (língua materna + língua estrangeira).

A situação identificada pelo contexto de aquisição não apresenta estabilidade no decorrer da vida dos indivíduos. Ela muda em decorrência da variabilidade de uso funcional de cada uma das línguas e pode acarretar, em determinados períodos de vida, uma situação de domínio lingüístico (uso específico quanto à temática, tópico e situações) de uma língua em relação à outra. O estágio de bilingüidade deve ser identificado quanto ao domínio e ao uso de ambas as línguas no ambiente familiar, social, escolar e profissional (HEYE, 2003, p. 233-234).

Altenhofen (2002), ao citar Mackey e Titone, destaca que é preciso tomar o bilingüismo como um conceito não absoluto, mas relativo, em que não importa tanto saber se determinado indivíduo é bilíngüe ou não, mas em que medida ele é bilíngüe, visto ser distinto e muito difícil determinar o ponto exato que divide a sua proficiência em ambas as línguas envolvidas. Quanto à definição de língua materna como língua dominante, é preciso recorrer a fatores adicionais ao grau de domínio, para determinar o status de cada língua na situação bilíngüe. Assim, aponta mais três fatores determinantes para a descrição do bilingüismo, o qual define como um padrão de comportamento que envolve práticas que mudam mutuamente, variando em grau, função, alternância e interferência.

- a) Grau: quanto o falante conhece das línguas que usa? Ou seja, quanto ele é bilíngüe?;
- b) Função: para que finalidade o bilíngüe usa suas línguas? Que papel elas desempenham no seu comportamento global?;
- c) Alternância: em que medida ele alterna entre suas línguas? Como ele muda de uma língua para a outra e sob quais condições?;

- d) Interferência: em que medida o bilíngüe mantém suas línguas separadas? Até onde ele as funde?.

A descrição destes fatores para a determinação da língua dominante, tais como o meio de emprego da língua (oral ou escrito), a ordem de aquisição e a idade, a utilidade para a comunicação, o envolvimento emocional, o papel da língua na promoção social e o valor literário-cultural das línguas envolvidas, demonstra que a dominância de uma língua para um indivíduo bilíngüe pode ser interpretada como a soma do conjunto desses fatores, em um dado momento e circunstâncias da vida do falante, em que não imperam apenas habilidades sistêmicas de uso da língua, mas também de ordem sociolingüística e pragmática.

Para Heye e Vandresen (2006, p. 393), a competência comunicativa nas línguas em contato, desde o período de aquisição (ou aprendizagem), depende das funções ou dos contextos em que cada língua é usada. Todas as línguas minoritárias (LMs) registraram perdas na medida em que diminuíram suas funções. Para tal, destacam o papel do lar (a família) como “último bastião de resistência”, da escola, das organizações religiosas e dos meios de comunicação.

### 5.1.1 Bilingüismo Individual

Moreno Fernández (1998, p. 213), ao citar Weinreich (1953), fala em duas classes de bilingüismo: o *bilingüismo individual*, processo no qual o indivíduo é afetado como tal, e o *bilingüismo coletivo ou social*, o qual afeta as comunidades e os indivíduos como membros dessa comunidade.

O *bilingüismo individual* dá-se como um fenômeno característico do indivíduo. Neste caso, faz-se necessário mencionar o fato de um falante bilíngüe, na maioria das vezes, não se apresentar como um bilíngüe perfeito ou ideal, que domina a sua primeira língua e tem uma competência parecida em outra e é capaz de usar tanto uma língua quanto a outra em qualquer circunstância, com parecida eficácia. O que se pode observar, na realidade, são indivíduos que têm uma competência maior ou menor em relação ao nível perfeito ou ideal de bilíngüe.

Assim, Moreno Fernández (1998, p. 212) destaca três características básicas dessa classe de bilíngües:

- a) Independência dos dois códigos: o indivíduo, ao fazer uso de uma determinada língua A, adota as regras pertinentes a ela, pois, normalmente, os bilíngües têm desde cedo uma separação automática das duas línguas;
- b) Alternância: o falante bilíngüe dispõe da possibilidade de usar alternadamente um sistema lingüístico ou outro, em função dos interlocutores, das situações comunicativas e as circunstâncias ambientais.
- c) Tradução: o bilíngüe é capaz de expressar um mesmo significado através de dois sistemas, por dominar a tradução de significados de uma língua a outra. A este processo, estão intrínsecas questões de identificação formal entre linguagem e pensamento, uma vez que, na “materialização” do pensamento por meio das palavras, existe um nível de significação distinto do nível estritamente verbal.

Nesse sentido, Moreno Fernández (1998, p. 213) retoma e discute o conceito de Weinreich (1953) no que diz respeito à relação entre o sistema lingüístico do bilíngüe quanto à representação mental das línguas, distinguindo-o em três tipos de bilingüismo:

- a) **Bilingüismo coordenado:** os significados das palavras equivalentes nas duas línguas remetem a conceitos diferentes ou parcialmente diferentes;
- b) **Bilingüismo composto:** o significado das palavras equivalentes remete ao mesmo conceito ou referente ou a conceitos totalmente equivalentes;
- c) **Bilingüismo subordinado:** consiste na existência de uma língua dominante e uma dominada; as palavras da língua dominada são interpretadas a partir das palavras equivalentes da língua dominante.

No caso do bilingüismo coordenado, o falante opera como dois falantes monolíngües justapostos; no bilingüismo composto, há uma base conceitual para as duas línguas; no bilingüismo subordinado, a língua dominada se aprende e se utiliza por meio da língua dominante e algumas técnicas das primeiras etapas do processo de ensino-aprendizagem de segunda língua são desenvolvidas a partir desse tipo de bilingüismo. No entanto, alguns autores descartam este conceito, mantendo apenas os conceitos de bilingüismo coordenado e composto.

As diferenças entre essas duas classes de bilingüismo, o coordenado e o composto, se dão no momento da aquisição dos sistemas: é provável que o bilingüismo coordenado surja mais facilmente quando as línguas são adquiridas em contextos independentes e o composto, quando a aquisição se produz no mesmo contexto. No entanto, para alguns estudiosos, não só o contexto é fator relevante neste processo, como também a experiência monocultural ou bicultural do aprendiz. Tais fenômenos podem apresentar-se concomitantemente. Entretanto, nem sempre coincidem em uma mesma situação ou em um mesmo sujeito, pois cada uma das línguas faladas pelo indivíduo bilíngüe pode ser veículo de expressão de uma cultura. Assim, podem existir situações de monolingüismo bicultural e situações de bilingüismo monocultural (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.214).

Argumenta o autor que muitos pesquisadores descartam esta dicotomia entre bilingüismo coordenado e composto e centram seus estudos no funcionamento do *léxico mental*. Esta hipótese consiste na existência de um conjunto de unidades ou entradas em que se armazenam toda a informação lingüística (semântica, gramatical, fonológica) de cada elemento léxico, bem como a representação mental e conceitual correspondente. Consideram, assim, a presença de um só léxico ou conjunto de entradas para as duas línguas, ou a presença de dois léxicos mentais diferenciados e independentes. Existe, ainda, uma hipótese intermediária, que consiste em separar a memória semântica do léxico mental.

Os tipos de bilingüismo individual devem ser caracterizados por fatores diversos, como a familiarização do falante com cada uma das línguas, suas funções de uso tanto para o indivíduo como para a comunidade em que se desenvolve e, especialmente, a forma e o momento em que se adquire o bilingüismo: as duas línguas na primeira infância (uma na família, outra na escola); por mudança de residência; aprendizagem de uma língua estrangeira. Todos estes

casos podem dar lugar a um *bilingüismo ativo* ou a um *bilingüismo passivo*. No primeiro caso, o bilíngüe tem a capacidade plena (entender, falar, ler e escrever); no segundo, limita-se a entender.

### 5.1.2 Bilingüismo Social

De acordo com os postulados de Moreno Fernández (1998, p. 215), o bilingüismo é um fenômeno que pode causar efeitos não só nos indivíduos, mas também nas sociedades. Uma comunidade bilíngüe pode ser definida como aquela em que se falam duas línguas ou em que seus componentes, ou parte deles, são bilíngües. A este fenômeno subjazem fatores de ordem psicológica e social. Ao citar Appel e Muysken (1986), Moreno Fernández (1998) expõe três situações distintas de bilingüismo Social:

- I. São comunidades em que cada uma das línguas é falada por grupos diferentes. Trata-se de grupos monolíngües que, por serem contíguos, constituem uma comunidade bilíngüe. No entanto, requerem a intervenção de alguns indivíduos bilíngües no sentido de estabelecerem comunicação entre os grupos. Como exemplo, era freqüente, nas colônias européias, o caso em que o grupo colonizador e o colonizado levavam vidas independentes e cada um fazia uso de um veículo de comunicação distinto;
- II. Em uma segunda situação, são comunidades em que todos os seus componentes são bilíngües. São encontradas na Índia e em vários países da África;
- III. O terceiro tipo, visto por uma perspectiva sociológica, é caracterizado por comunidades em que recorre a coexistência de um grupo monolíngüe, em geral o dominante, e outro bilíngüe, visto como grupo minoritário.

Entretanto, esta tipologia tem um caráter teórico, e raras vezes se encontra uma comunidade que se ajuste por inteiro a um desses esquemas, pois à

história dos povos concorrem circunstâncias em que cada situação seja um caso único e exclusivo, devido a fatores históricos, políticos, culturais e lingüísticos. No sentido de corroborar esta hipótese, Moreno Fernández (1998) menciona os postulados de Siguán e Mackey (1986) no que diz respeito aos principais casos de fatores históricos que podem ocasionar situações de bilingüismo social:

- I. *Expansão*: povos se expandem em territórios cuja língua não é a mesma de seu lugar de origem. Muitos desses casos ocorreram no território espanhol, com a expansão dos muçulmanos na Península Ibérica, a colonização americana, filipina ou africana;
- II. *Unificação*: são os processos de unificação política para a criação de grandes Estados, em que o grupo do poder sobrepõe seus hábitos lingüísticos e sociais, podendo, em muitas situações, dar origem aos casos de conflitos lingüísticos;
- III. *Situações pós-coloniais*: países ou territórios que se tornam independentes, com uma população lingüística diversa, sem uma unidade cultural definida, a exemplo da África;
- IV. *Imigração*: países ou cidades as quais recebem grandes contingentes de imigrantes, cada um com uma língua diferente. Nestas circunstâncias, os imigrantes podem ocupar lugares distintos na comunidade receptora. A primeira possibilidade consiste em produzir uma integração plena, resultando que a segunda ou terceira gerações não aprendam a língua primeira de seus pais ou avós; a segunda, em que os imigrantes podem viver em uma situação de isolamento geossocial, em que a língua natural se mantém, podendo ocorrer o bilingüismo para certas funções; a terceira, o imigrante, mesmo que possa integrar-se na comunidade receptora, encontra todo tipo de dificuldade para fazê-lo, por diferenças de nível cultural ou dificuldades econômicas;
- V. *Cosmopolitismo*: lugares de contatos internacionais, em geral comerciais, econômicos, políticos e turísticos, são considerados portos francos e têm favorecido o nascimento de variedades lingüísticas mistas, fenômeno denominado por alguns autores

como “caldeirão lingüístico” (SIGUÁN; MACKEY, 1986 apud MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 216-217).

Em suma, o bilingüismo ocasiona uma divisão quanto a uso e funções sociais entre as línguas em contato em uma determinada comunidade lingüística, fenômeno este que remete a uma distinção entre bilingüismo e diglossia, esta última entendida como uma desigualdade funcional das línguas, decorrente de fatores culturais (grupo de poder – grupo dominado); lingüísticos (distância entre as línguas, inteligibilidade, difusão, número de falantes no mundo); e fatores afetivos.

## 5.2 DIGLOSSIA

Segundo Heye e Vandresen (2006, p. 395), o conceito de diglossia, proposto inicialmente por Ferguson (1959), se refere ao uso de duas variedades lingüísticas funcionalmente distintas de uma mesma língua. Os casos definidores clássicos de Ferguson são compostos das variedades ‘altas’, como o alemão padrão (*Hochdeutsch*), francês, árabe clássico e grego (*Katarevusa*), e das variedades ‘baixas’. A variedade ‘baixa’ é caracterizada pela aquisição natural no ambiente familiar, seu uso é informal e predominantemente oral. A variedade ‘alta’ se caracteriza pela aprendizagem formal, seu uso é formal e literário.

De acordo com Silva-Corvalán (1989), o conceito de diglossia caracteriza situações de bilingüismo em que cada língua tem uma função específica, uma língua de domínio do poder público, de maior prestígio, denominada variedade alta e uma variedade baixa, sobreposta à língua alta. Alguns autores têm estendido o termo diglossia para referir-se ao uso diglósico de línguas complementares diferentes. Como exemplo, o espanhol e o guarani, no Paraguai, onde quase toda a população é bilíngüe. Ambas são línguas oficiais. O espanhol, porém, é considerado a variedade alta e o guarani, a variedade baixa, de acordo com o uso especializado em diferentes domínios.

Ao observar os fenômenos lingüísticos apresentados em comunidades ou nações com mais de um código de comunicação, Fishman (1989, p. 119-132) realizou um estudo com vistas a verificar as prováveis relações entre os

fenômenos de bilingüismo e diglossia sob a ótica da psicolingüística e da sociolingüística e definiu quatro situações:

- i. Comunidades lingüísticas caracterizadas pela diglossia e pelo bilingüismo: tal situação requer um bilingüismo extremamente estendido, em que todos os membros das comunidades ou nação têm acesso aos dois códigos lingüísticos. Neste caso, pode ser a variedade alta e a variedade baixa, estabelecidas de forma estável e bem delimitadas;
- ii. Diglossia sem bilingüismo: são comunidades lingüísticas unidas política, religiosa e economicamente em uma unidade, sendo reconhecida a existência de duas ou mais línguas ou níveis lingüísticos. Assim, um grupo não tem acesso ao código lingüístico do outro, devido às diferenças socioculturais;
- iii. Bilingüismo sem diglossia: são comunidades em que o indivíduo bilíngüe não dispõe de um consenso bem definido e amplamente aceito a respeito de qual língua usar e em qual situação de interação. Assim, o bilingüismo sem diglossia tende a ser transitório, sem normas e valores distintos, mas complementares para estabelecer e manter a separação funcional das línguas ou variedades lingüísticas;
- iv. Nem diglossia nem bilingüismo: é um fenômeno que existe apenas em comunidades muito pequenas, as quais vivem em condição de isolamento e nas quais prevalece uma só língua. A interação direta entre os membros e a auto-suficiência faz com que não ocorram contatos exteriores.

A partir de tais hipóteses, firmadas em 1967, Fishman definiu o bilingüismo como uma caracterização essencialmente da versatilidade lingüística individual e a diglossia como uma situação social de funções para diferentes línguas ou sociedades.

Entretanto, estudos mais recentes questionam o conceito de diglossia como um fenômeno lingüístico social caracterizado por uma estabilidade harmoniosa e duradoura. Tal conceito tende a subestimar os conflitos decorrentes desse processo, marcado por constantes mudanças.

Heye (2006, p. 76) cita uma nova versão do conceito de diglossia postulado por Fishman (1980), em que são mantidas as quatro classes do modelo de 1967, porém reconhece que tanto o bilingüismo quanto a diglossia são variáveis contínuas, tratadas como variáveis dicotômicas.

Nesse sentido, uma situação de bilingüismo sem diglossia é vista como transicional, podendo conduzir a uma situação de ausência de bilingüismo e de diglossia. No que diz respeito à transicionalidade, Fishman (1980 apud HEYE, 2006) propõe uma regra de aproximação para distinguir situações diglössicas estáveis e instáveis: a regra prevê que situações de bilingüismo sem diglossia (+B/-D) não perduram por mais de três gerações. Nestas situações, a exemplo, línguas indígenas são “atropeladas” por línguas invasivas; as línguas de imigração deixam de ser faladas, sendo abandonadas em favor da nação hospedeira. A unificação dessas duas categorias é vista como resultado da ausência de compartimentalização societal: em ambos os casos, as línguas indígenas e de imigração não conseguem se proteger dos sistemas lingüísticos de maior alcance, associados com novas instituições de poder e, por via de regras, desaparecem após três gerações. Assim, fica claro que a situação (+B/-D) é instável por natureza, levando à classe ausência de bilingüismo e diglossia (-B/-D) através do extermínio ou da assimilação de línguas minoritárias pela língua e cultura dominantes (HEYE, 2006, p. 78-79).

## 6 PROCEDIMENTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS

### 6.1 MUDANÇA LINGÜÍSTICA EM TEMPO APARENTE E TEMPO REAL

De acordo com Silva Neto (1957), a cultura exprime a herança social de um grupo humano, visto que sua transmissão se faz pelo convívio das novas gerações com as mais antigas. Entendemos que a este processo são inerentes questões de ordem lingüística que, especialmente na língua falada, por motivações históricas, sociais ou políticas, sofrem variações e mudanças diacrônica ou sincronicamente.

As inovações lingüísticas tendem a aumentar mais significativamente de uma geração para outra, em comparação ao período de vivência de uma mesma geração. Assim, estudos em tempo real podem prover informações cruciais para análises de mudanças lingüísticas ocorridas em um determinado espaço de tempo. No entanto, a busca de dados em tempo aparente é um método que se faz necessário e complementar, uma vez que envolve pesquisa de diferenças entre a fala de pessoas de variadas faixas etárias em uma mesma comunidade, envolvendo variáveis tais como sexo, classe social e etnia (CHAMBERS; TRUDGILL, 1998).

Segundo Tarallo (1985, p. 64-65), a estrutura de uma língua só será totalmente entendida à medida que se compreendam efetivamente os processos históricos de sua configuração. As forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuaram no passado, e vice-versa. Portanto, uma teoria da mudança lingüística deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente-passado e presente. Este processo consiste, na prática, em iniciar a investigação no momento presente, volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes, retornando-se, a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo da análise. Quanto à realização da análise em tempo aparente, uma vez feita a análise dos fatores lingüísticos condicionadores internos, devem as variantes ser correlacionadas ao fator idade, por meio de um recorte transversal da amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes.

Para a presente pesquisa foi adotada tal posição metodológica, a qual compreende a análise das variações e mudanças lingüísticas em tempo real e tempo aparente. Para que este processo fosse viabilizado contamos com o estudo já realizado por Wouk na década de 1960 e publicado em 1981, na mesma comunidade ora estudada, tornando, assim, possível o cotejo entre os dados da primeira investigação e os da pesquisa que ora realizamos.

Com o intuito de fazer cumprir rigorosamente os princípios teórico-metodológicos necessários à pesquisa e seguir os mesmos critérios adotados por Wouk em seu estudo, realizamos intensa busca pela sua tese de livre-docência, a qual deu origem ao livro 'Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucráina de Dorizon' (1981), junto à Universidade Federal do Paraná, onde foi professor, bem como junto a seus familiares; porém, nada encontramos. No sentido de fazer progredir a pesquisa, optamos, então, por selecionar o mesmo contexto lingüístico, seguindo os princípios teórico-metodológicos da dialetologia e da sociolingüística no que tange às questões de línguas em contato e suas vertentes.

Tal posicionamento é embasado nos postulados de Labov (1996, p.141), no que diz respeito ao *Estudo de Tendência*:

El tipo más simple de réplica es un estudio de tendencia. Enumeramos la población general del mismo modo, extraemos la población de la muestra del mismo modo, obtenemos los datos y los analizamos del mismo modo – pero un número x de años después –. Si estamos tratando con una población urbana grande, es muy improbable que la nueva muestra incluya a ninguno de los mismos individuos. Pero si seguimos los mismos procedimientos controlados, la muestra será representativa, y producirá el tipo de réplica más confiable.

Para que tal estudio produzca un retrato significativo de la evolución lingüística, es esencial que la comunidad haya permanecido en un estado más o menos estable durante el período intermedio.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> O tipo mais simples de réplica é o estudo de tendência. Selecionamos a população geral do mesmo modo, extraímos a amostra da população do mesmo modo – porém um número x de anos depois –. Se estamos tratando com uma população urbana grande, é muito improvável que a nova amostra inclua nenhum dos mesmos indivíduos. Mas se seguirmos os mesmos procedimentos controlados, a amostra será representativa, e produzirá um tipo de réplica mais confiável. Para que tal estudo produza um retrato significativo da evolução lingüística, é essencial que a comunidade tenha permanecido em um estado mais ou menos estável durante o período intermediário. [Tradução nossa]

Os dados da nova pesquisa indicam que a comunidade de Dorizon não sofreu mudanças drásticas nos 40 anos decorridos. Este distrito ainda é governado sob a jurisdição do município de Mallet (tal como era na década de 1960), a densidade demográfica é estável (1.934 habitantes), constituída predominantemente por descendentes de imigrantes ucranianos, ou seja, não houve incursão de novos habitantes e a agricultura ainda é a atividade principal de seus moradores. Desta forma, acreditamos que é pertinente a este estudo os moldes metodológicos da análise em tempo aparente e tempo real, de acordo com o conceito de *estudo de tendência* proposto por Labov (1996).

Com o intuito a reforçar este propósito, tomemos como exemplo o trabalho de Zágari (2005, p. 54), ao tratar da pesquisa para o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*:

Se não se pode localizar a mesma população, em troca, localiza-se a mesma área e o mesmo tipo de população, objeto da entrevista anterior. Assim se pode controlar esta variável, selecionando uma mostra com o mesmo número de pessoas, as mesmas profissões, faixa etária e fatores sociais e raciais. Comparam-se os resultados de vinte ou mais anos antes e cremos ter chegado a resultados bastante aceitáveis em nível de confiança: qualquer discrepância significativa entre ambas as coletas será resultado de uma mudança lingüística que vai-se operando.

Quanto aos informantes entrevistados por Wouk, fizemos uma tentativa de localizá-los ao chegarmos pela primeira vez em Dorizon. Porém constatamos que o Wouk não era conhecido entre os moradores da comunidade, exceto pelos padres com os quais tínhamos feito contato previamente. De acordo com dados revelados pelo próprio Wouk (1981) em seu livro, ele mudou-se desta comunidade muito jovem e, quando realizou a pesquisa, já morava há muito tempo em Curitiba. Seguimos, no entanto, alguns dos critérios citados por ele quanto à seleção de informantes no manual de investigação lingüística, capítulo que faz parte de seu livro (WOUK, 1981, p. 133): ser pessoa do lugar, filho de gente do lugar, que conhece bem as formas de cultura da comunidade; se casado, deve a esposa ser também do lugar; não ter viajado, não ter feito o serviço militar e não ter trabalhado fora por muito tempo. Assim, foi possível traçarmos o perfil do informante adequado à nova pesquisa.

Com a evolução dos estudos dialetológicos e a relevância dos fatores extralingüísticos na análise e explicação das variações, faz-se necessária a abordagem da pluridimensionalidade estrutural de uma dada comunidade ou grupo de falantes. O número de dimensões a ser observado é ilimitado, depende da estrutura da sociedade. De acordo com Thun (2005), as seguintes dimensões estruturais são as mais relevantes:

- Dialingual: comparação de uma mesma língua falada por pessoas de origens diferentes;
- Diatópica: pesquisa com número indeterminado de lugares;
- Diatópica-cinética: movimento combinado no espaço (topostático e topodinâmico);
- Diastrática: dimensão entre classes sociais;
- Diageracional: faixas etárias;
- Diassexual: homens/mulheres;
- Diafásica: estilos da fala, de acordo com o tema, as circunstâncias e formação cultural;
- Diarreferencial: é um estudo seletivo, porém não contrastivo, com parâmetros na fala objetiva (emprego da língua para falar sobre as coisas), e na fala metalingüística (uso da língua para falar sobre a língua).

Na perspectiva para novos estudos, a dialetologia pluridimensional consiste em combinar a dialetologia areal com a sociolingüística e analisar as redes de comunicação entrelaçadas entre elas, ou seja, as relações diagonais. Em uma visão pragmática, a dialetologia analisa a superfície, ao passo que a sociolingüística analisa a profundidade, mas não em dimensão diatópica. Assim, a junção da dialetologia com a sociolingüística viabiliza a análise diagonal da variação lingüística. Como exemplo, um falar rural pode estar presente na camada periférica de uma cidade.

Assim, espera-se que, uma vez levantados os dados em tempo aparente, por meio de variáveis sociais diastráticas, diageracionais e diassexuais, seja possível realizar uma comparação com os dados da primeira investigação

realizada por Wouk, a fim de comprovar as mudanças lingüísticas ocorridas nesse intervalo de 40 anos.

## **6.2 AS VARIÁVEIS NÃO-LINGÜÍSTICAS**

A língua não é um sistema imutável e está sujeita à ação de inúmeros fatores, dentre eles o tempo e o espaço geográfico, variáveis que acarretam constantes alterações e refletem forçosamente as diferenças individuais entre falantes de uma mesma língua.

Às variações lingüísticas estão intrínsecos agentes internos e externos, ou seja, além dos fatores estruturais, as mudanças em uma língua podem ser atribuídas a fatores de ordem não-lingüística. Estudos recentes apontam as variáveis sociais, sexo/gênero, idade, escolaridade e classe social, dentre outras, como fenômenos determinantes quanto ao uso da língua falada e escrita. No entanto, variáveis lingüísticas ou não-lingüísticas não ocorrem separadamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes (MOLLICA, 2004, p. 27).

### **6.2.1 A Variável Gênero/Sexo**

Estudos mais recentes confirmam diferenças evidentes entre a fala de homens e mulheres, embora nas sociedades ocidentais a mulher exerça praticamente os mesmos papéis que os homens. Em se tratando das mudanças lingüísticas, não se pode afirmar que a variável gênero/sexo seja um fator que possa atuar como um vetor de propulsão ou retenção de processos que implementam uma nova variante no sistema.

Em algumas sociedades há diferenças marcantes entre a fala de homens e mulheres. No entanto, estudos revelam que, em alguns casos, os fatores que determinam uma mudança lingüística não estão relacionados ao sexo do falante, mas sim à atitude tomada em direção à linguagem e, a esta questão, estão

implícitos fatores de ordem social e de contexto de fala. Nesse sentido, argumenta Labov (1969, p. 29-30):

In some societies, there are striking differences between men's and women's speech, but in the United States, we do not find wide-spread variation in the actual features of language used by the sexes. There are marginal examples: men are more apt to say 'Fill' er up' than women are; men use more obscene language than women do in public. But the major differences between the sexes are in the important areas of attitudes towards language. The sociolinguistic behavior of women is quite different from that of men because they respond to the commonly held normative values in a different way ... In general, women are more sensitive to overt social correction, and use more prestige forms than men. But this difference is not independent of social class.<sup>6</sup>

Segundo Paiva (2004, p. 36), as mulheres tendem a liderar processos de mudança lingüística quando a forma a ser implementada aproxima-se da forma de maior prestígio. No entanto, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança no processo.

Tal questão não deve ser aplicada de uma forma generalizada, pois, no processo de implementação de uma mudança lingüística, nem sempre é evidente em qual direção seguirá, se a forma de prestígio ou de não prestígio. Como exemplo, a autora menciona o estudo sobre a alternância entre as formas *nós* e *a gente* para expressões da primeira pessoa do plural: “[...] o uso do pronome ‘nós’, variante mais conservadora, é mais freqüente entre os homens, indicando que a implementação da variante inovadora ‘a gente’ está sendo liderada pelas mulheres.” Já no caso da supressão da vibrante final em português (beber/bebêØ, amar/amáØ), as mulheres preservam o segmento vibrante significativamente mais do que os homens. Assim, observa-se que a forma não padrão é implementada com grande ênfase pelos homens.

<sup>6</sup> Em algumas sociedades, há diferenças marcantes na fala de homens e mulheres, mas nos Estados Unidos, nós não encontramos uma variação muito grande nas características da linguagem determinadas pelo sexo. Existem exemplos evidentes: homens estão mais aptos a dizer ‘você está me enchendo’ do que mulheres; homens usam mais linguagens obscenas em público do que as mulheres. Mas, a maior diferença entre os sexos está nas importantes áreas das atitudes tomadas em direção à linguagem. O comportamento sociolingüístico das mulheres é um tanto diferente dos homens porque elas respondem aos valores normativos mais comuns de diferentes maneiras... No geral, as mulheres são mais sensíveis para manifestar as correções sociais, e usam mais as formas de prestígio do que os homens. Mas estas diferenças não são independentes da classe social. [Tradução nossa]

Aos efeitos da variável gênero/sexo subjazem fatores mais complexos, os quais devem ser examinados em relação a outras variáveis, como classe social, idade, estilo de fala. Nesse sentido, podem emergir padrões de correlação diferenciados que apontam a relatividade entre o uso de variantes lingüísticas e o gênero/sexo do falante (PAIVA, 2004, p. 37).

Este fato pode ser observado no estudo realizado por Vieira (1998), que analisou, dentre outras, a realização do |R| forte na fala de imigrantes e descendentes poloneses da cidade de Ponta Grossa- PR. Verificou que a forma mais incidente apresentada, quanto à variável social, foi o |R| forte, ou seja, a forma de maior prestígio. No entanto, acrescenta:

[...] ao efetuarmos a distribuição por sexo, verificamos que a população feminina realiza o |R| uvular numa proporção inferior à verificada entre os homens. Isso se deve ao fato de que, no estilo de vida interiorano, as moças, embora tenham tido a mesma experiência escolar dos rapazes, permanecem mais no ambiente doméstico ao lado dos pais e destes recebem maior influência no comportamento de um modo geral, inclusive o lingüístico. (VIEIRA, 1998, p. 67)

Os informantes da 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> faixas etárias (os mais idosos) não realizam o |R| uvular e, sim, mais comumente, o |r| vibrante simples. E isso ocorre tanto na pronúncia dos homens quanto na das mulheres.

As possíveis diferenças lingüísticas entre homens e mulheres são explicadas em variáveis de naturezas diversas. De acordo com Paiva (2004, p. 39), a variável mídia (em particular a televisão) possui efeito mais notável entre os falantes do sexo feminino, principalmente na quarta faixa etária (acima de 50 anos). Tal fato exerce influência marcante na fala das mulheres, resultando em maior ocorrência de variantes prestigiadas na fala feminina, ao passo que os homens tendem a manifestar maior reserva com relação à mídia televisiva.

A variável sexo/gênero correlaciona-se à questão atitude e sensibilidade lingüísticas. O fato de as mulheres se revelarem linguisticamente mais conservadoras ou mais orientadas para variantes de prestígio em algumas comunidades de fala pode ser, em grande parte, resultado de um processo diferenciado de socialização de homens e mulheres e da dinâmica de mobilidade social que caracteriza cada comunidade de fala, ou seja, os papéis sociais

tradicionalmente desempenhados pelas mulheres são revestidos de maior formalismo e menor amplitude de redes sociais, como a educação dos filhos, tarefa na qual a mulher toma para si a carga de transmissão de normas e comportamentos, dentre eles o lingüístico, tornando-se modelo para os filhos. Por outro lado, os homens inserem-se em níveis mais amplos de redes sociais, fato que lhes confere maior mobilidade social (PAIVA, 2004).

Argumenta ainda a autora que, em uma análise lingüística de diferenças na fala entre homens e mulheres, faz-se necessária a relativização em função do grupo social considerado. A correlação entre variável gênero/sexo e idade pode indicar uma neutralização de divisão de papéis sociais masculinos e femininos nas faixas etárias mais jovens da população.

Os efeitos da variável gênero/sexo não devem, no entanto, ser analisados isoladamente. Outros aspectos devem ser examinados no estudo das variações lingüísticas. Nesse sentido, mencionamos o estudo de Morales (1993), que diz respeito ao fenômeno que mais tem chamado atenção nas pesquisas sobre o espanhol de Porto Rico. Trata-se da considerável freqüência da realização lateral da vibrante [r], como em [talde] «tarde», [comel] «comeu».

Dentre os aspectos analisados, a correlação entre variável gênero/sexo e consciência lingüística revelou ser o sexo masculino o mais incidente na produção dessa variável, com um coeficiente de probabilidade de 0,53% em contraste com 0,46% do sexo feminino. Contudo, conclui o autor:

La conclusión obligada que parece desprenderse de este estudio es que efectivamente las mujeres, que rechazan la lateriozación, poseen mayor conciencia que los hombres (que si favorecen la regla con probabilidad de 0,53) de la valoración social de los fenómenos del lenguaje. (MORALES, 1993, p. 230)

### **6.2.2 Relevância da Variável Escolaridade**

É evidente que a escola é fator responsável por mudanças no desenvolvimento psicológico, cultural, social e, sobretudo, lingüístico do ser humano. A escola pode ser comparada a uma ponte, atuando como instrumento de ligação

entre a literatura nacional e o aprendiz, por meio de normas, gostos e padrões estéticos e morais que se apresentam em uma comunidade.

De acordo com Votre (2004, p. 51), a escola pode atuar como preservadora das formas de prestígio, bem como dar seu quinhão de contribuição à resistência de certas mudanças lingüísticas em relação à mobilidade da língua considerada em seu uso. Nesse sentido, faz-se necessária uma análise mais detalhada dos efeitos gerados pela variável escolaridade em correlação à variação, continuidade e mudança lingüística.

A primeira distinção focaliza o status econômico e o prestígio social dos usuários das formas da língua, ou seja, os falares de pessoas de nível socioeconômico mais prestigiado sobrepõem-se aos demais, ocorrem em contextos mais formais e mais elitizados, entre interlocutores considerados pontos de referência da fala e da escrita corretas, reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, consolidando, assim, a língua padrão. Esta, por sua vez, adquire o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas por meio de longo processo escolar.

A segunda distinção elege o estigma social, que, ao contrário do status, compreende os falares de pessoas de nível socioeconômico inferior e de menor prestígio social. Usuários de termos como *framengo*, *pobrema* e *homi* são estigmatizados e registrados como vício ou erro nas gramáticas escolares e nos manuais de descrição, estudo e ensino da língua, sobretudo nos níveis fundamental e médio. Assim, a escola defende o idioma em sua integridade, refutando fenômenos alienados da variante padrão.

A terceira distinção tem como foco os fenômenos controlados pela escola, contra aqueles que não são objeto da atenção disciplinadora e gramaticalizadora, ou seja, a escola aplica e defende o uso do bom português, embora alguns fenômenos de desvio da norma culta ocorram sem que sejam detectados, como o uso indevido dos pronomes (*dá para mim sair*) e formas redundantes (*há anos atrás*).

A quarta distinção opõe fenômenos controlados por fatores gramaticais, incluídos no nível da oração e do período, contra fenômenos associados a fatores discursivos. Segundo Votre (2004, p. 53), a maioria dos fenômenos estudados no sistema educacional apresenta alta concentração de fatores estruturais e poucos acolhem variáveis discursivas ou funcionais. Essa

questão explica-se pelo fato de que as análises ainda são concentradas no nível dos sintagmas e das orações. Entretanto, carece de uma análise no nível transfrásico do texto, ou seja, o texto visto como um todo, em que sejam consideradas as variantes discursivas ou funcionais.

Os estudos concentram-se nos fenômenos da fala, enquanto a escola privilegia o canal da escrita. A maioria dos fenômenos é sensível a ambos os canais, mas há pressões da escrita, a exemplo das construções com verbo *haver* impessoal, como em “*houveram*” *pessoas que reclamaram da comida*. Por outro lado, é recorrente na fala o uso de: *O Brizola, ele é populista mesmo*, item este que passa livre de correção por ter baixa ocorrência na escrita, ou seja, erros de escrita são mais passíveis de correção na escola.

É fato a ser considerado que a gramática tende a ser denominada prescritiva/normativa, ou descritiva, enquanto o seu ensino pode caracterizar-se por ser predominantemente prescritivo, descritivo ou produtivo.

Ao ensino prescritivo compreende a aquisição da norma culta, por meio da familiarização com os novos comportamentos, via repetição das fórmulas propostas, extirpando, assim, formas desprestigiadas ou estigmatizadas.

O ensino descritivo reforça a implementação das formas prestigiadas, promovendo maior aproximação com a língua culta. O domínio, por parte do aprendiz, das regras de concordância nominal e verbal e os estudos de regência verbal ilustram bem este estágio de ensino.

Quanto ao ensino produtivo, prevê a familiarização do aluno com o nível culto, por meio de novos hábitos lingüísticos. Novas maneiras de falar e escrever são incorporadas, independentemente da pressão da escola, constituindo, assim, o capital simbólico. Este estágio conduz o aluno a identificar-se com grupos detentores das formas de prestígio (VOTRE, 2004, p. 53-54).

A essas correlações estabelecidas entre variação, continuidade, mudança lingüística e a variável escolaridade, são inerentes questões relacionadas à política educacional. No Brasil, ainda não se conferiu a devida atenção à influência da diversidade lingüística no processo educacional. Os estudos lingüísticos, embora desenvolvidos sem o justo respaldo das entidades responsáveis, têm apontado estratégias que visam a aumentar a produtividade da educação e, assim, assegurar os direitos do educando. A essa questão é imprescindível que se leve em conta a situação sociolingüística brasileira, a qual apresenta peculiaridades que não devem

ser analisadas sob a ótica de teorias e métodos importados (BORTONI-RICARDO, 2005).

No entanto, a implementação da política pedagógica recomendada pelos lingüistas deve levar em conta as variações correntes no português falado em nosso país. A formulação de teorias e estratégias deve ser pautada em pesquisas lingüísticas nos diversos estratos sociais, em que sejam distinguidos traços graduais de traços descontínuos. Os primeiros determinam uma estratificação gradual ao longo do *continuum* socioletal e funcionam também como marcadores de registro. Os traços descontínuos são privativos de variedades sujeitas a forte estigmatização na sociedade como um todo. Assim, o significado social das variáveis deve ser analisado por meio de estudos psicossociais que se encarreguem de determinar o grau de avaliação negativa que os traços recebem quanto aos diversos estratos da sociedade, bem como o condicionamento ao contexto situacional. Desta forma, argumenta a autora, poderá ser levantado o perfil sociolingüístico do educando, o que servirá de subsídio para a formulação de uma política educacional que atenda às seguintes condições:




- respeitem-se as peculiaridades culturais do aluno, poupando-o do perverso processo de conflito de valores e insegurança lingüística;
- garanta-se acesso à língua padrão, permitindo-lhe mobilidade social;
- seja socialmente operacionalizável (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 28).

### **6.2.3 Idade e Mudança Lingüística**

Diferenças na fala dos jovens e idosos de uma mesma comunidade lingüística representam mudanças em progresso. Pais e filhos, por exemplo, costumam falar de maneira diferente; no entanto, a interação verbal não é comprometida, pois as tendências de uma geração vão ao encontro uma da outra, com provável estabilidade da forma mais nova.

Estudos mais recentes demonstram não haver ainda evidências empíricas que comprovem até que ponto a língua falada pelo indivíduo pode realmente mudar no decorrer dos anos. De acordo com Naro (2004, p. 44), existem

duas posições teóricas: a posição “clássica”, que é aceita por lingüistas gerativistas e sociolingüistas, a qual postula haver uma estabilização no processo de aquisição da linguagem no início da puberdade. Desta forma, o acesso aos dispositivos cognitivos que possibilitam a sua manipulação fica bloqueado, impossibilitando mudanças significativas na gramática do indivíduo e apenas mudanças esporádicas podem ocorrer. Assim, a fala de uma pessoa de 60 anos hoje, representa a língua de quarenta e cinco anos atrás.

Como exemplo, podemos observar o estudo realizado por Labov (1976, p. 63) na Ilha de Martha’s Vineyard, a respeito da mutação na articulação dos ditongos /ay/ e /aw/. Para essa pesquisa, Labov selecionou 69 informantes nascidos naquela localidade, de 5 faixas etárias: 14-30, 31-45, 46-60, 61-75 e acima de 75 anos, descendentes dos três grupos étnicos mais predominantes: ingleses, portugueses e indianos, representando pouco mais de 1% da população, divididos em grupos profissionais importantes: pescadores, fazendeiros, construtores, comerciantes, profissionais liberais, domésticas e estudantes. Os dados apuraram aproximadamente 3.500 casos de (ay) e 1.500 casos de (aw), obtidos por meio de leitura especial, conversa semidirigida e questionário lexical. Para a interpretação dos dados, Labov intencionou desenvolver as distinções notadas ao limite da descrição auditiva de acordo com o grau de centralização do ditongo (aw) produzido pelos informantes em uma escala de 0 até 3, representando a mais baixa [  ], passando por [  ] e, a mais alta [  ] .

Quanto ao item ‘Distribuição das variantes em função da idade’ (LABOV, 1976, p. 68-79), os resultados revelaram que os moradores dessa comunidade estariam produzindo estes ditongos, quanto à sua articulação, em uma posição mais centralizada em relação à forma padrão e tal fenômeno apresenta índices maiores de produção entre os grupos de faixas etárias dos 31 a 45 anos. Para Labov (1976), esta variação não se limita a explicações apenas intralingüísticas. A chegada progressiva de veranistas, primeiramente necessária, mas também invasiva, por se tornarem proprietários de imóveis na ilha, produziu reações diversas, ativando nos nativos reações de desprezo pelos estrangeiros que, por sua vez, estavam cheios de entusiasmo para desenvolver a indústria turística naquele lugar.

O estudo dos dados mostra que uma forte centralização de /ay/ e de /aw/ está na correlação estreita com a expressão de resistência obstinada às incursões dos veranistas. As diferenças fonéticas se cruzam à medida que o grupo se força em preservar a sua identidade que, neste caso, são lideradas pelos mais jovens. Para Labov (1976), esses dados revelam uma mudança no comportamento lingüístico do indivíduo correlacionado com a idade; no entanto, os dados são insuficientes para comprovar que houve uma mudança histórica na linguagem da comunidade pesquisada.

Os resultados dessa pesquisa, sob o ponto de vista dos neogramáticos, mostram que tais variações fonéticas são o resultado de uma série de empréstimos, de imitações e de variações aleatórias. Diferentes pronúncias correspondem a diferenças dialetais, recebendo o rótulo de variações, mas como uma variante lingüística, confirmando, assim, a hipótese clássica de estabilidade lingüística a partir da fase de puberdade.

Labov (1976, p. 70), ao citar a pesquisa de Gauchat (1905), na Suíça, descreve o estudo em tempo aparente sobre a mudança fonética no seio de uma comunidade. Gauchat observou e registrou as divergências de seis aspectos fonológicos na fala de três gerações: mais de 60 anos, entre 30 e menos de 30 anos. Em 1929, uma geração mais tarde, Herman voltou ao lugar a fim de pesquisar quatro desses aspectos. Seus resultados confirmaram que as descobertas de Gauchat indicavam bem uma mudança histórica na fala dos moradores dessa comunidade, pois três dos quatro aspectos foram considerados progressivos dentro de um mesmo período de tempo. No entanto, Hermann verificou que os falantes iam adotando a variante apropriada conforme a sua idade, contrariando, neste caso, a hipótese clássica de estabilidade lingüística a partir da fase de puberdade. Ao mesmo tempo, Hermann mostrou que as dimensões de tempos reais são essenciais para dar uma vista exata no panorama lingüístico de uma dada comunidade.

De acordo com Naro (2004, p. 48), estudos modernos postulam que mudanças e variações lingüísticas ocorrem ao longo do tempo na fala do indivíduo, mas pode não ocorrer na fala da comunidade. Esta é uma visão em tempo aparente, em que a forma de falar de um indivíduo de 70 anos, daqui a vinte anos, seria a mesma de um indivíduo de 70 anos de hoje. Porém, mudanças e variações nos padrões da fala desse indivíduo podem ocorrer durante o estágio de maturidade profissional e social e, na seqüência, no estágio de aposentadoria, quando o

indivíduo se desprende dos padrões formais que são estabelecidos no período em que está inserido no mercado de trabalho. Assim, as variações mudam com o tempo, mas não atingem os mesmos padrões dos falantes mais velhos de hoje, propiciando, cada vez mais, as mudanças lingüísticas.

Uma vez passando pelos três grupos de faixas etárias estipulados para a nova pesquisa, esperamos constatar as possíveis mudanças lingüísticas na fala entre jovens e idosos.

### 6.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Uma vez que não houve mudanças significativas na comunidade de Dorizon nestes quarenta anos decorridos, retornamos a ela para realizar a nova investigação. Para tal, achamos necessário considerar os seguintes itens, quanto aos procedimentos metodológicos: o instrumento de coleta de dados, o perfil e escolha dos informantes, o entrevistador, os dados técnicos da gravação, a transcrição grafemática e fonética e a localidade.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, adequamos os Questionários Fonético-Fonológico e Semântico-Lexical do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), versão 2001 (COMITÊ, 2001), aos objetivos desta pesquisa. Assim, foram introduzidos os itens <sup>7</sup> investigados por Wouk que não constavam daquele instrumento de coleta e ampliamos a seção dos temas para discurso semidirigido.

O questionário aplicado consta dos anexos (anexo A) e ficou assim constituído:

**Questionário Fonético-Fonológico (QFF):** contém 66 questões, das quais 61 são coincidentes com o ALiB e 5 são questões incluídas: questão 10 (FEIJÃO), questão 11 (BUZINAR), questão 17 (PINHÃO), questão 18 (CHOCOLATE) e questão 19 (FACÃO).

Para a análise do ditongo nasal **ão**, selecionamos 9 questões (QFF) que contêm como resposta vocábulos formados por esse ditongo: questão 2 (TELEVISÃO), questão 10 (FEIJÃO), questão 17 (PINHÃO), questão 19 (FACÃO),

---

<sup>7</sup> As questões introduzidas são identificadas pelo símbolo \*.

questão 32 (CALÇÃO), questão 33 (UNIÃO), questão 36 (PROCISSÃO), questão 38 (PERDÃO) e questão 45 (CORAÇÃO).

**Questionário Semântico-Lexical (QSL):** contém 164 questões, das quais 121 são coincidentes com o ALiB e 43 são questões introduzidas (ver anexo A). Foi elaborado com base nas seguintes esferas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e instrumentos musicais, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana, meios de transporte, comércio e profissões.

**Temas para discurso semidirigido:** Com o intuito de obter a fala mais natural possível do informante e de minimizar o efeito negativo causado pela presença da pesquisadora durante a situação de coleta de dados (TARALLO, 1985), optamos por incluir no instrumento de coleta de dados, as narrativas de experiência pessoal:

1. Relato pessoal sobre as festas típicas em Dorizon;
2. Descrição sobre a profissão exercida.

#### 6.4 PERFIL E ESCOLHA DOS INFORMANTES

Wouk (1981, p. 133) apresenta os critérios para a seleção dos informantes que, acredita-se, tenha seguido na recolha de seus dados: “Na pesquisa dialetológica ou sociológica, no recolhimento de vocabulário, é indispensável recorrer a pessoas de várias idades, classes, profissões e de ambos os sexos”.

Qualidades dos Informantes:

- a) lingüísticas (as mais importantes): boa dicção, boa emissão dos fonemas, voz clara e agradável (importante para a gravação); defeitos de pronúncia comprometem seriamente os resultados;
- b) ser pessoa do lugar, filho de gente do lugar, que conhece bem as formas de cultura da comunidade;
- c) se casado, deve a esposa também ser do lugar, pois assim não haverá perigo de cruzamento de formas regionais diferentes;

- d) não ter viajado, não ter feito o serviço militar, não ter trabalhado fora por muito tempo, pois é evidente que a pessoa viajada adquire novos conhecimentos e novos hábitos, deixando-se influenciar inconscientemente por outros padrões de cultura e de língua;
- e) ser inteligente, isto é, que revele bastante vivacidade e fácil compreensão dos propósitos do investigador, e ter boa memória.

Com o intuito de seguir os mesmos procedimentos metodológicos que possivelmente tenham sido usados por Wouk na primeira investigação e de cumprir os requisitos necessários ao estudo da variação lingüística em tempo real e tempo aparente, chegamos a um grupo composto por 13 (treze) informantes.

Quanto à variável faixa etária, estabelecemos três grupos: grupo 1 (20-40 anos), grupo 2 (50-65 anos) e grupo 3 (mais de 70 anos). Quanto à variável gênero/sexo, foram entrevistados informantes masculinos e femininos. A propósito da variável escolaridade, foram fixados três níveis: fundamental, ensino médio e ensino superior. Quanto ao grupo de informantes de faixa etária 1, não foi possível localizar a informante do sexo feminino com nível escolar fundamental, enquanto que no nível de escolaridade superior, não foi possível encontrar informantes masculinos de nenhum grupo de faixa etária.

A seleção dos informantes foi mediada por pessoas da localidade, como padres e líderes de grupos culturais étnicos, a fim de que a escolha fosse criteriosa e recaísse sobre as pessoas mais indicadas para auxiliar nesta fase da pesquisa.

Para compor o quadro de informantes estabelecemos as seguintes convenções:

- Variável faixa etária:
  - Grupo 1: 18 a 40 anos
  - Grupo 2: 50 a 65 anos
  - Grupo 3: + de 70 anos
- Variável gênero/sexo:
  - H – Homem

- M – Mulher
- Variável escolaridade:
  - F – Ensino Fundamental
  - M – Ensino Médio
  - S – Ensino Superior

Disposição dos itens no quadro a seguir:

**Informantes:** quantidade de informante selecionado por célula;

**Perfil:** gênero/sexo do informante (H/M); nível de escolaridade (F/M/S) e faixa etária (1, 2, 3). Ex.: HF1 – Homem de ensino fundamental da faixa etária 1;

**Nome e idade:** os informantes são identificados pelas duas primeiras letras do nome e a primeira do sobrenome. Ex.: Au N (22) – Augusto Noz (22 anos);

**Denominação:** os informantes são denominados numericamente de 1 a 13.

O universo de informante ficou assim constituído:

INFORMANTES	PERFIL	NOME E IDADE	DENOMINAÇÃO
1	HF1	Au N (22)	Informante 1
1	HF1	Eu P (37)	Informante 2
1	HF2	Au M (58)	Informante 3
1	HF2	Av N (61)	Informante 4
1	HF3	Ni Z (87)	Informante 5
1	MF2	Ma N (61)	Informante 6
1	MF3	St K (79)	Informante 7
1	HM1	Ca C (29)	Informante 8
1	HM3	Ba W (77)	Informante 9
1	MM1	Ma M (22)	Informante 10
1	MM2	Ma B (55)	Informante 11
1	MS1	Ma L (29)	Informante 12
1	MS1	Ro P (39)	Informante 13

**Quadro 2** – Constituição do universo de informantes

Os quadros apresentados a seguir demonstram como ficou delineado o perfil dos informantes de acordo com as variáveis sociais estabelecidas:

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>MASCULINO</b>	<b>FEMININO</b>	<b>TOTAL (%)</b>
18-40	3	3	6 (46,2)
50-65	2	2	4 (30,8)
+ 70	2	1	3 (23,0)
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>13 (100,0)</b>

**Quadro 3** – Perfil dos informantes por faixa etária e gênero/sexo

<b>GRAU DE ESCOLARIDADE</b>	<b>MASCULINO</b>	<b>FEMININO</b>	<b>TOTAL (%)</b>
Fundamental	5	2	7 (53,8)
Ensino Médio	2	2	4 (30,8)
Superior	—	2	2 (15,4)
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>6</b>	<b>13 (100,0)</b>

**Quadro 4** – Perfil dos informantes por grau de escolaridade e gênero/sexo

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>FUNDAMENTAL</b>	<b>ENSINO MÉDIO</b>	<b>SUPERIOR</b>	<b>TOTAL (%)</b>
18-40	2	2	2	6 (46,2)
50-65	3	1	—	4 (30,8)
+ 70	2	1	—	3 (23,0)
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>13 (100,0)</b>

**Quadro 5** – Perfil dos informantes por faixa etária e grau de escolaridade

## 6.5 ENTREVISTADOR

A dialetologia é um trabalho de campo, ou seja, “um saber de experiências feito”. A recolha dos dados lingüísticos é feita concomitantemente com a colheita da cultura material (SILVA NETO, 1957, p. 35).

Para Ferreira e Cardoso (1994, p. 34), embora se reconheça que, em alguns casos, tem sido necessária a aplicação de inquéritos sem a presença do inquiridor, convém reafirmar a importância da presença do investigador no momento da efetivação da pesquisa. O conhecimento do questionário por parte do inquiridor e sua familiaridade com todo o processo que gerou a pesquisa constituem-se em referencial da maior importância para assegurar o êxito da investigação.

Ao considerar as instruções de autores precursores das pesquisas dialetais, optamos por realizar todos os inquéritos pessoalmente, com o intuito de, além dos dados lingüísticos, poder observar efetivamente o contexto sociocultural de cada informante e, assim, obter dados reveladores do processo de sua aculturação.

Para a realização do trabalho de campo, foram necessárias duas viagens a Dorizon. A primeira teve como objetivo fazer um reconhecimento geográfico da localidade e estabelecer os primeiros contatos. Assim, dirigimo-nos à Igreja Ucrâniana Católica – Sagrado Coração de Jesus, em Mallet, cidade sede do distrito de Dorizon, onde, com antecedência, já havia sido marcado o encontro com o padre Joaquim Sidorozicz, pároco dessa igreja. A razão desse encontro se deu pelo fato de o referido padre ser natural de Dorizon e ter vivido lá até os 20 anos de idade, quando partiu para Curitiba em busca do ideal de estudar e tornar-se sacerdote. Assim, afirmou conhecer a maioria dos moradores daquela localidade. Após longo diálogo, ocasião em que pudemos expor nossos interesses e objetivos, o Pe. Joaquim prontificou-se a indicar e a intermediar os primeiros encontros com os moradores da comunidade de Dorizon.

Acompanhou-nos também nesse encontro uma jovem muito empenhada em colaborar conosco, chamada Andréia Basniak, coordenadora do grupo de dança ucraniana de Mallet, cujos membros se encontram semanalmente para os ensaios e as apresentações ocorrem em festas típicas locais e da região.

Em seguida, dirigimo-nos até o Pe. Daniel Kozlinski, pároco dirigente da mesma igreja em Mallet, que, na década de 1980 era o sacerdote da Igreja de

Dorizon, período em que foi realizado o lançamento do livro de Miguel Wouk nessa comunidade (1981), solenidade esta a que, de acordo com seu relato, o próprio Wouk não se fez presente.

Após longas horas de agradável diálogo com os padres Joaquim e Daniel, situação que nos proporcionou maior familiarização com o lugar, dirigimo-nos a Dorizon com o objetivo de lá encontrar o Pe. Sérgio Krasnhak, que se encontra aposentado, vítima de um aneurisma cerebral. Considerável conhecedor daquele povo e daquela terra, sugeriu que prosseguíssemos até a Serra do Tigre, local pertencente a Dorizon, onde moram famílias descendentes de ucranianos.

Ainda nos referindo ao encontro com o Pe. Sérgio, em Dorizon, nos entremeios da conversa ele nos surpreendeu com o seguinte comentário, quando falávamos do livro de Wouk: "... o Wouk nos traiu... não se dizia ucraniano... todos de sua família foram para Curitiba... não voltaram mais".

Intrigados com este comentário, porém ávidos por obter novos contatos, prosseguimos, então, em direção à localidade sugerida pelo Pe. Sérgio.

Ao adentrarmos a então sugerida Serra do Tigre, localidade também citada por Wouk (1981, p. 21), deparamo-nos com uma mata nativa fechada, onde clareiras abriam espaço ao sol apenas no estrito caminho que conduzia ao alto da serra, a 900 metros de altitude, onde está localizada a Igreja de São Miguel Arcanjo, a qual foi a primeira Igreja construída pelos imigrantes no Paraná, cuja obra foi iniciada no final do século XIX e concluída em 1903 (ver figura 5). Posteriormente, nesta localidade, conseguimos selecionar 3 informantes: informante 2 (EuP), informante 5 (NiZ) e a informante 7 (STK), estes dois últimos descendentes de primeira geração. Assim, concluímos a primeira viagem a Dorizon.

Esta viagem foi de suma importância à pesquisa, pois, quando retornamos à localidade para efetivamente realizar as entrevistas, já nos sentíamos familiarizados com o local. Assim, após árduo trabalho, em que muitos obstáculos se impuseram, foi possível realizar um total de treze inquéritos, em um período de cinco dias consecutivos.

## 6.6 DADOS TÉCNICOS DA GRAVAÇÃO

Para a gravação das entrevistas, utilizamos um gravador portátil SONY (rádio-gravador) WM-F36 com microfone e fone de ouvidos, de corrente a pilha, e fitas cassete da marca TDK, de 90'.

As gravações foram reproduzidas em CD, para audição e transcrição, na Sala de Projetos 169, no Centro de Letras e Ciências Humanas da UEL, com eliminador de ruídos. Duas gravações ficaram prejudicadas devido à inobservância do enfraquecimento das pilhas do gravador. São as gravações das informantes 10 e 12; no entanto, o questionário fonético-fonológico não ficou prejudicado.

## 6.7 TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA E FONÉTICA

Com relação à transcrição grafemática, foi efetuada de acordo com as resoluções tomadas no V WORKALiB, em 2005 (COMITÊ, 2005). As entrevistas foram transcritas integralmente, constituindo um *continuum* de informações interligadas, perfazendo um total de aproximadamente 600 páginas. Quanto ao tempo de gravação, as entrevistas oscilaram entre 60 e 80 minutos cada.

Com relação à transcrição fonética, utilizamos basicamente o Alfabeto Fonético Internacional (IPA) com algumas adaptações, conforme a figura 12. Foram transcritos foneticamente os segmentos que, *a priori*, foram selecionados para receber tratamento fonético.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Aqui rendo meus agradecimentos aos alunos bolsistas do Projeto ALiB, Equipe UEL, pela transcrição grafemática do corpus.

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (revised to 2005)

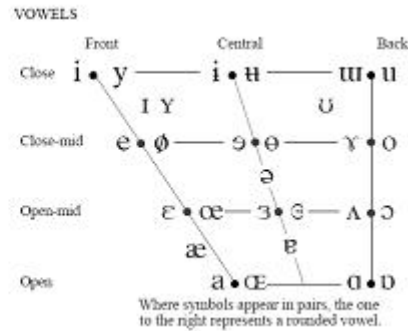
CONSONANTS (PULMONIC) © 2005 IPA

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retrolflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Tail	β			ɾ					ʀ		
Tap or Flap			ⱱ	ɽ		ɽ̺					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Where symbols appear in pairs, the one to the right represents a voiced consonant. Shaded areas denote articulation judged impossible.

CONSONANTS (NON-PULMONIC)

Clicks	Voiced implosives	Ejectives
◌ǀ Bilabial	◌ɓ Bilabial	◌ʼ Examples:
◌ǃ Dental	◌ɗ Dental/alveolar	◌ɓʼ Bilabial
◌ǁ (Post)alveolar	◌ɟ Palatal	◌tʼ Dental/alveolar
◌ǀ◌ǃ◌ǁ Palatoalveolar	◌ɠ Velar	◌kʼ Velar
◌ǁ Alveolar lateral	◌ɠ Uvular	◌sʼ Alveolar fricative



**Figura 12 – Alfabeto Fonético Internacional (IPA)**

Fonte: Adaptação dos quadros retirados de:  
 <<http://www2.arts.gla.ac.uk/IPA/ipachart.html>>.

**6.8 LOCALIDADE**

Para Silva Neto (1957, p. 30), um dos pontos mais importantes é a escolha da comunidade que será estudada, ou das comunidades, no caso de se tratar de uma pesquisa mais ampla, destinada a constituir um *Atlas Regional* ou um *Atlas Nacional*. Este estudo detém-se em um estudo monográfico, cujas características da localidade escolhida enquadram-se perfeitamente nas condições por ele sugeridas. Tratar-se de comunidade: (i) antiga, onde o tipo de vida é tradicional e conservador; (ii) de mais ou menos 2.000 habitantes; (iii) isolada de grandes centros; (iv) em que a vida não seja industrial (atividade moderna), mas pastoril ou agrária.

Nesse sentido, por se tratar de uma comunidade constituída por aproximadamente 2.000 habitantes, não foram traçados pontos de inquéritos. No entanto, foram entrevistados três moradores da Serra do Tigre, situada a oeste do município, que faz parte dos limites geográficos de Dorizon.

## 7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, procedemos à descrição e à análise dos fenômenos lingüísticos observados na fala dos informantes da comunidade ora estudada, com vistas a obter elementos que sirvam de comparação à primeira investigação realizada por Wouk (1981). Dentre os fenômenos fonético-fonológicos analisados, selecionamos o ditongo nasal **ão**, como em **feijão**, **pinhão**, **televisão**, pois foi o que apresentou variações mais salientes em comparação aos demais itens analisados. Tal fenômeno é pertinente à região em estudo devido à presença de imigrantes eslavos, germânicos e italianos que, em situação de contato, apresentam mais dificuldades na emissão das vogais e dos encontros nasais e, especialmente em Dorizon, por se tratar de uma comunidade formada predominantemente por imigrantes ucranianos.

### 7.1 DITONGO NASAL **ÃO**

Os ditongos orais e nasais, de acordo com Mattoso Câmara (2007), em regra não são heranças, em português, da fonologia latina. São criações românicas, constituídas evolutivamente por ditongação de vogais silábicas, já contíguas em latim. Sobre o ditongo **ão** no português arcaico, Lima Coutinho (2005, p. 66) esclarece: “No português arcaico, o atual ditongo -ão era representado por -om nos substantivos e verbos que em latim terminavam em -one e -udine, os primeiros, e -nt os últimos: sermom>sermone, soidom>solitudine, amarom>amarunt.”

Do ponto de vista fonético, os ditongos são vogais que mudam de qualidade durante sua produção. Em geral, as vogais mantêm, durante certo tempo, uma qualidade constante com variações, em geral, pouco perceptíveis quanto ao início e ao final de sua pronúncia. No caso dos ditongos, a articulação parte de um ponto dentro da área vocálica e se dirige a outro. Nesse movimento, perceptível aos ouvidos humanos, observa-se de forma saliente as qualidades vocálicas do início e do final desse movimento (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2003).

Desta forma, é possível observar o ditongo nasal **ão** quanto à produção, que no início é marcado pela articulação da vogal /ã/ - central nasal fechada, cujo som sofre um bloqueio à corrente de ar na cavidade oral, com concomitante abaixamento do véu palatino, permitindo que a corrente de ar saia pelas narinas e, por ser tônica, concentra maior pausa da voz; no final, é seguida por uma semivogal /w/ (vau), configurando, assim, como ditongo nasal decrescente [aɔw].

Quanto ao vocalismo, mais especificamente, ao ditongo nasal **ão**, Wouk (1981, p. 71-72) expõe que:

As principais transformações fonéticas produzidas pelo bilingüismo na fala portuguesa do falante de língua primeira ucraina, membro da comunidade que ora estudamos:

i) aversão ao som português **ão**

ão : õu - feijão: fijõu; pinhão: pin'õu; facão: fakõu

Conforme consta da metodologia (capítulo 6), para verificarmos tal fenômeno foram selecionadas nove questões <sup>9</sup> que trazem os seguintes itens lexicais como resposta: TELEVISÃO (Questão 2), FEIJÃO (Questão 10), PINHÃO (Questão 17), FACÃO (Questão 19), CALÇÃO (Questão 32), UNIÃO (Questão 33), PROCISSÃO (Questão 36), PERDÃO (Questão 38) e CORAÇÃO (Questão 45).

Para Wouk (1981), o ditongo nasal **ão** do português brasileiro era registrado como oɔw pelos imigrantes e descendentes ucranianos. Nesta pesquisa, detectamos quatro variantes de **ão**:

1. oɔw = ditongo formado pela vogal posterior média fechada nasal e a semivogal velar nasal;
2. ɔɔw = ditongo formado pela vogal posterior média aberta nasal e a semivogal velar nasal;
3. aɔw = ditongo formado pela vogal central baixa aberta nasal e a semivogal velar nasal;
4. ʔɔw = ditongo formado pela vogal baixa posterior nasal e a semivogal velar nasal.

<sup>9</sup> As questões 10, 17 e 19 foram elaboradas a partir dos dados de Wouk (1981); as demais são dos Questionários do ALiB (COMITÊ, 2001).

Para a análise dos dados em tempo aparente, as variáveis extralingüísticas previamente estabelecidas na metodologia (capítulo 6) estão expostas com a utilização de quadros demonstrativos, contendo as quatro formas variantes do ditongo nasal **ão**, registradas no *corpus* coletado.

### 7.1.1 Registros das Variantes do Ditongo Nasal **ÃO** Conforme a Variável Faixa Etária

Os dados são apresentados com base na variável faixa etária distribuída por três diferentes grupos:

Faixa etária 1 – 18 a 40 anos

Faixa etária 2 – 50 a 65 anos

Faixa etária 3 – + de 70 anos

Variável	Quantidade	Porcentagem
oŃwŃ	10	17,7%
əŃwŃ	10	17,7%
aŃwŃ	13	23,1%
ʒŃwŃ	23	41,5%
Total	56	100%

**Quadro 6** – Variáveis do ditongo nasal **ão** – registros da faixa etária 3

De acordo com os dados do quadro 6, constatamos que os três informantes da faixa etária 3 (+ de 70 anos) apresentam índices equilibrados de produção nas formas [oŃwŃ] e [əŃwŃ], 17,7% para ambas. No entanto, apresentam um percentual maior para a forma aŃwŃ (5,4%), em relação a cada uma das primeiras variantes. Entretanto, a forma [ʒŃwŃ] do português brasileiro lidera com um índice de 41,5% dos registros apresentados para o ditongo nasal **ão**. Tal fato demonstra que, embora estes informantes ainda adotem as formas variantes [oŃwŃ], [əŃwŃ] e [aŃwŃ] (58,5%), a forma [ʒŃwŃ] prevista pelo português

brasileiro já se encontra incorporada em sua fala, não se confirmando, assim, na nova pesquisa, os postulados de Wouk (1981), no que diz respeito à “aversão” ao som português **ão**.

A mudança observada sob o aspecto fonético na fala desses informantes é atribuída ao contexto de aquisição de ambas as línguas, pois se tratam de informantes de primeira geração de imigrantes ucranianos. A situação inicial do contato lingüístico ucraniano-português desses informantes é caracterizada pelo aprendizado das duas línguas na primeira infância, a língua ucraniana no contexto familiar e a língua portuguesa no ambiente escolar. Tal situação é coincidente com o conceito de bilingüismo postulado por Wouk (1981, p. 66), no que diz respeito à fase inicial de aquisição de ambas as línguas.

Assim, a contínua interação com a língua e a cultura brasileiras, reforçadas pelo convívio nos contextos escolar e social, fizeram com que estes descendentes se familiarizassem com o português brasileiro e superassem a dificuldade quanto à articulação do ditongo nasal **ão**. Este fato corrobora o conceito de Trudgill (1984, p. 51), o qual postula que as mudanças lingüísticas observadas em comunidades com mais de um código lingüístico não estão relacionadas a fatores raciais e fisiológicos, mas sim que as características absorvidas por um falante, decorrentes do contato com grupos étnicos de línguas diferentes, são atribuídas ao estreito e prolongado contato em um mesmo contexto de convivência.

Acreditamos que é pertinente a essa análise o fato de que, durante as entrevistas, tais informantes se comunicavam nas duas línguas. Quando, pois, falavam com o cônjuge ou com os filhos, o faziam na língua ucraniana; no entanto, ao responderem às perguntas dos questionários aplicados e ao se dirigirem à entrevistadora, o faziam em português.

Neste caso, embora, possamos constatar a existência de duas línguas como meio de comunicação desses indivíduos, não é possível afirmar nesta pesquisa qual o grau de bilingüismo (ALTENHOFEN, 2002) por eles apresentado, ou seja, quanto o falante conhece das línguas que usa, bem como, descrever qual o nível da “bicompetência” lingüística (HEYE; VANDRESEN, 2006) desses informantes. Tal fato pode ser verificado na fala dos informantes citados:

– Informante 5 NiZ (87 anos), no discurso semidigido:

... Isto é complicado eu num pude aprendê nem uma nem outra. Isso é difícil, difícil, difícil... Em brasileiro **ele**, em ucrano **thir**... Uma diferença muito grande e a letra muito diferente... Sei escrevê em... em brasileiro, em ucrano também...

... aqueles tempo era muito difícil, trabalhava na, na... na safra de erva, cortá erva, sapecá erva, quebrá erva, até meia noite às veiz... aquele sacrifício, só na base, nosso tempo já moço foi um sacrifício muito grande, os pais foram sacrificado, mas nós tamém o que sofrimo num foi brincadera... andava descalço, mal arrumado... Que anda... nem falá sabia direito... num sabia falá brasileiro nada. Fazia conta só tudo... assim da cabeça...

[O trecho a seguir relata sobre a construção da Igreja na Serra do Tigre]

...Tudo puxado nas costas [madeira]... até igreja aqui tudo puxado nas costas. Tudo a mulher que era mais forte tinha que trazê um, uma tábua, outro tinha que trazê um sarafo, aquilo foi um sacrifício danado... Pá assiti missa... primero trazeno a tábua, pá depois se confessá... então era, fazê muito sacrificado...

– Informante 7 StK (79 anos), respostas (QSL):

Questão 44 – URUBU

Diz Korvo né, tem outro nome... com'é que é em brasileiro, eu já esqueci com'é que é em brasileiro.

Questão 31 – TENAZ

... ah, num sei com'é que brasileiro se chama essas coisa... Em ucrâino é catchubá...

Assim, tornam-se necessárias análises específicas mais aprofundadas nos campos morfológico, semântico e sintático, com vistas a esclarecer os dados já coletados na presente pesquisa, com o intuito de sistematizar com precisão o quanto os indivíduos da comunidade ora estudada são bilíngües e em que nível se dá a “bicompetência” lingüística, ou seja, até que ponto eles dominam a fala e a escrita em uma e outra língua.

Variável	Quantidade	Porcentagem
oɔwɔ	7	8,4%
əɔwɔ	3	3,6%
aɔwɔ	19	22,9%
ʁɔwɔ	54	65,1%
Total	83	100%

**Quadro 7** – Variáveis do ditongo nasal ão – registros da faixa etária 2

Quanto aos informantes da faixa etária 2 (50-65 anos), observamos uma queda significativa nos índices de produção das formas [oɔwɔ] e [əɔwɔ], 8,4% e 3,6%, respectivamente. Para a variável [aɔwɔ], o índice 22,9% mantém-se equilibrado em relação ao índice apresentado pelos informantes da faixa etária 3 (23,1%). Quanto à forma [ʁɔwɔ] do português brasileiro, verificamos que apresenta o maior índice de registros, 65,1%. Tal fato demonstra que há uma tendência nas gerações mais novas em adotar a forma do português brasileiro, embora ainda apresentem registros em todas as outras formas variantes. Este fato é atribuído à situação de aquisição de cada uma das línguas, pois são informantes descendentes de segunda geração, ou seja, pais brasileiros e avós imigrantes. Esta situação é caracterizada pela coexistência do contato lingüístico ucraniano-português no contexto familiar desde os primeiros anos de vida; portanto, a aquisição das duas línguas se deu ao mesmo tempo, com reforço da língua portuguesa no contexto escolar.

Os informantes deste grupo de faixa etária, em algum momento da entrevista, declararam dominar o idioma ucraniano; no entanto, não há na comunidade ora estudada situações compartimentalizadas (HEYE, 2003) de uso de um ou outro idioma. Observamos que o português brasileiro é a língua utilizada no contexto social e escolar desses informantes.

O trecho a seguir transcreve a fala do informante 4 AvN (61 anos), a respeito da língua ucraniana:

Hoje não é mais que nem antes, preservava tudo. Hoje é mais difíci'.  
Nóis mesmo já de idade, tem coisa que a gente... já... num lembra  
mais...

Este fato revela que há uma tendência menor de uso da língua de seus antecedentes, privilegiando, assim, o idioma brasileiro. Tal questão justifica o baixo índice de registros das formas variantes do ditongo **ão** da fase de aquisição, apontando para a predominância da forma [ʃw] do português brasileiro na fala desses informantes de faixa etária entre 50 e 65 anos.

Tal fato enquadra-se nos postulados de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 99), em que a escolha entre alternativas lingüísticas acarreta funções sociais estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social. A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa; (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência; e (3) quando uma das formas se torna obsoleta (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 122).

Variável	Quantidade	Porcentagem
ow	0	0%
ow	0	0%
aw	32	23%
ʃw	107	77%
Total	139	100%

**Quadro 8** – Variantes do ditongo nasal **ão** – registros da faixa etária 1

Quanto aos informantes da faixa etária 1 (18-40 anos), os dados do quadro 8 revelam claramente que as formas [ow] e [ow] apresentam-se totalmente ausentes da fala deste grupo de informantes. Supomos ser a forma [aw] uma fase intermediária. Apresenta um índice de 23% de produção e está equilibrado em relação aos registros dos grupos de faixas etárias 2 e 3 (22,9% e 23,1%). A forma [ʃw] do português brasileiro apresenta o maior índice de produção, 77%.

A significativa mudança observada neste grupo de informantes descendentes de terceira geração indica que os jovens incorporam com maior rapidez a forma prevista pela norma culta do português brasileiro. Esta situação é decorrente do aprendizado no contexto familiar, no qual os pais já se encontravam

totalmente integrados ao meio brasileiro, reforçado pelo ingresso no contexto escolar e pelo convívio social.

Para este grupo de faixa etária, observamos que não se estabelece uma situação de bilingüismo. Tal questão pode ser verificada nos trechos a seguir:

– Informante 8 CaC (29 anos):

Hoje, hoje a gente nem tá falando mais quase ucraniano, né... Não, lê eu não leio mas eu só falo, a gente entende, mas não fala também já tão bem, porque a gente convive aqui com pessoas que só... português, né. Agora lá na colonha, tipo, o pai e mãe, eles falam... Você fala, mas é daí, ler e escrever daí já é mais difícil... Hum difícil, tem que praticar... Então as letra é bem complicado, né... Até esse tempo eu tava conversando com Cônsul da Ucrânia que tava hospedado aqui. Então eu disse pra ele: erva pro chá [erva para o chá]. Ele disse não é erva, é travu, porque seria tipo mato, seria, né, o chá, pego assim de arbusto, né. Travu.

– Informante 1 AuN (22 anos):

... um pouco sei, mas eu entendo, do que falarem eu entendo tudo... nunca estudei ucraniano não... em casa o pai e mãe conversa mais o brasileiro. Antigamente quando eu era mais piqueno eles conversavam muito em ucraniano, daí eu aprendi... sei lá, eu meio que um pouco aprendo, um poco já esqueço.

– Informante 10 MaM (22 anos):

Eu num falo. Não entendo também. Nunca fui na aula de ucraniano... Aqui em Dorizon, a irmã dava, dava aula, aqui na escola, de ucraniano.... mas agora não dão mais... eu rezo quase toda a missa, mais assim, com eles junto, não que eu reze sozinha, porque daí sozinha eu num sei nada, sabe, mais assim eu já peguei o... o estilo tudo... em casa, assim, ninguém... falava, ninguém... falava pra eles né.

Como podemos observar, a condição particular desses informantes descendentes de terceira geração não apresenta a mesma competência comunicativa no uso da língua ucraniana em relação ao domínio do português brasileiro. O contexto de uso da língua de seus antecedentes apresenta-se reduzido.

Desta forma, notamos pouco empenho por parte desses informantes em adquirir maior conhecimento na língua ucraniana.

Tal situação se deve ao fato de não existir nesta comunidade, especialmente no contexto escolar, um incentivo maior a este aprendizado, uma vez que não há professores designados para o ensino da língua ucraniana pelos órgãos oficiais da educação. Nesse sentido, a manutenção da língua ucraniana entre os descendentes mais jovens é atribuída ao papel do lar e da família. A escola está cumprindo seu papel de conduzir o aprendiz em direção à aquisição do português brasileiro.

### 7.1.2 Registros das Variantes do Ditongo Nasal **ÃO** Conforme a Variável **Gênero/Sexo**

<b>Gênero / Sexo</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Homens</b>	10	58,8%
<b>Mulheres</b>	7	41,2%
Total	17	100%

**Quadro 9** – Registros da variante [o<sup>o</sup>w<sup>o</sup>] conforme gênero/sexo do informante

Ao compararmos os dados, constatamos que a primeira forma de aquisição desse som nasal abordada por Wouk (1981) ainda se faz presente na fala dos informantes entrevistados. No entanto, os homens estão preservando mais esta forma variante do ditongo nasal **ao**, com um percentual de 17,6% de registros a mais que as mulheres.

<b>Gênero / Sexo</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Homens</b>	8	61,7%
<b>Mulheres</b>	5	39,3%
Total	13	100%

**Quadro 10** – Registros da variante [ə<sup>o</sup>w<sup>o</sup>] conforme gênero/sexo do informante

Os dados revelam que, para esta variante do ditongo nasal **ao**, os homens também apresentam maiores índices de registro em relação às mulheres, ou seja, um percentual de 22,4% a mais. Tal fato indica que, embora esta variável ainda se apresente na fala das mulheres, elas demonstram menor incidência de uso em relação aos homens. Neste caso, confirmam-se os postulados de Paiva (2004), ao afirmar que, em algumas comunidades de fala, as mulheres se revelam lingüisticamente mais orientadas para as variantes de prestígio, devido aos papéis sociais tradicionalmente imbuídos de maior formalismo e menor amplitude de redes sociais.

<b>Gênero / Sexo</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Homens</b>	47	73,4%
<b>Mulheres</b>	17	26,6%
Total	64	100%

**Quadro 11** – Registros da variante [aow] conforme gênero/sexo do informante

Ao compararmos os dados, podemos notar o maior rendimento desta forma variante pelos homens, com um percentual de 46,8% a mais. As mulheres, no entanto, demonstram uma diminuição gradativa quanto ao uso das formas variantes não previstas pela norma do português brasileiro referentes ao ditongo nasal **ão**, ou seja, 41,2% para [ow], 39,3% para [ow] e 26,6% para [aow].

<b>Gênero / Sexo</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem</b>
<b>Homens</b>	91	49,4%
<b>Mulheres</b>	93	50,6%
Total	184	100%

**Quadro 12** – Registros da variante [ow] conforme gênero/sexo do informante

Para a forma [ʃɔwɔ] do português brasileiro, os homens e as mulheres apresentam índices muito equilibrados de produção, 49,4% e 50,6%, respectivamente. Tal fato indica que, embora os homens tenham apresentado maior tendência de uso em relação às mulheres nas outras três formas variantes do ditongo nasal **ão**, chegam com um índice praticamente de igualdade quanto aos registros da forma [ʃɔwɔ] do português brasileiro.

Os dados evidenciam que as variações do ditongo nasal **ão**, observadas na fala dos informantes da comunidade ora estudada, não são decorrentes em função do sexo do falante.

### 7.1.3 Registros das Variantes do Ditongo Nasal **ÃO** Conforme a Variável Escolaridade

Para esta análise, estabelecemos:

Ensino Fundamental – F

Ensino Médio – M

Ensino Superior – S

Nível Escolar	Quantidade	Porcentagem
Fundamental	15	88,3%
Médio	2	11,7%
Superior	0	0%
Total	17	100%

**Quadro 13** – Registros da variante [ɔwɔ] conforme nível escolar do informante

Nível Escolar	Quantidade	Porcentagem
Fundamental	11	84,6%
Médio	2	15,4%
Superior	0	0%
Total	13	100%

**Quadro 14** – Registros da variante [ɔwɔ] conforme nível escolar do informante

Nível Escolar	Quantidade	Porcentagem
Fundamental	27	42,2%
Médio	29	45,3%
Superior	8	12,5%
Total	64	100%

**Quadro 15** – Registros da variante [aow] conforme nível escolar do informante

Nível Escolar	Quantidade	Porcentagem
Fundamental	89	48,4%
Médio	61	33,1%
Superior	34	18,5%
Total	184	100%

**Quadro 16** – Registros da variante [ɣow] conforme nível escolar dos informantes

Como demonstram os quadros 13, 14, 15 e 16, as formas variantes [ow] e [ɣow] concentram maiores índices de registros no nível de escolaridade fundamental, 88,3% e 84,6%, respectivamente. Quanto ao nível médio, há registros destas variantes, embora com índices bem reduzidos, 11,7% para [ow] e 15,4% para [ɣow]. No entanto, para o nível de escolaridade superior, não há registros para estas variantes.

Para a variante [aow], os registros entre os níveis fundamental e médio apresentam-se equilibrados, 42,2% e 45,3%, respectivamente. No nível superior, esta variante é constatada com o percentual de apenas 12,5% dos registros apresentados.

Diante dos dados apresentados, podemos dizer que os efeitos do processo de aprendizado escolar já se fazem sentir na fala dos informantes entrevistados, pois, dos 278 registros do ditongo nasal *ão*, 184 são para a forma [ɣow] do português brasileiro, demonstrando, assim que já se encontra implementada na fala de todos eles. Tal fato remete aos postulados de Votre (2004), no que diz respeito ao ensino prescritivo, o qual compreende a aquisição da norma

culta por meio da familiarização com novos comportamentos, via repetição das fórmulas propostas, eliminando, assim, formas desprestigiadas e estigmatizadas.

## 7.2 ANÁLISE DOS DADOS EM TEMPO REAL

De acordo com Labov (1996, p. 137), as respostas aos problemas implicados na interpretação do tempo aparente são obtidas ao contar com observações em tempo real. Uma vez apresentados os resultados da análise sincrônica da nova pesquisa, torna-se factível o cotejo com os dados apresentados na obra de Wouk (1981).

Wouk (1981, p. 71-72) aborda, entre outros itens, o ditongo nasal **ão** na primeira fase de aquisição do português brasileiro pelos imigrantes ucranianos, o qual era pronunciado com modificação articulatória, apresentando-se como [oɔwɔ]. Tal fenômeno explica-se pelo fato de que os falantes de idiomas eslavos não possuem os sons nasais em seu alfabeto; assim, para eles, o som nasal do ditongo **ão** do português brasileiro era causa de ‘aversão’.

Dada a importância atribuída por Wouk à realização do ditongo **ão**, ao lado das questões propostas pelo Questionário Fonético-Fonológico do ALiB (COMITÊ, 2001), incluímos alguns itens (cf. item 6.3) para averiguação na nova pesquisa: feijão (Questão 10), pinhão (Questão 17) e facão (Questão 19). Esta inclusão favorece a análise do ditongo no mesmo contexto fônico, passados mais de 40 anos da coleta inicial.

Conforme expusemos na metodologia, não obtivemos sucesso na busca da tese de Wouk que deu origem ao livro *Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucrína de Dorizon* (1981). Nesse sentido, respaldados nos postulados de Labov (1996, p. 141-142) no que diz respeito ao *estudo de tendência*, optamos por escolher a mesma comunidade e o mesmo contexto lingüístico, considerando que tal comunidade permaneceu em estado estável nestes quarenta anos decorridos da primeira investigação e, quanto à sua configuração demográfica, não foram observadas mudanças drásticas.

Comparando os dados em tempo real, isto é, os registros de Wouk e os dos informantes desta pesquisa, observamos que:

- i) Dos 278 registros, apenas 6,1% mantêm a variante [oŃwŃ] da primeira fase de aquisição apresentada por Wouk na pesquisa realizada na década de 1960;
- ii) Quanto ao vocábulo FEIJÃO (Questão 10), dos 22 registros apresentados, apenas 4,5% foram produzidos na forma da fase inicial [oŃwŃ];
- iii) Com relação aos vocábulos PINHÃO (Questão 17) e FACÃO (Questão 19), dos 14 registros do primeiro e 11 do segundo, não foi constatada nenhuma produção da forma [oŃwŃ].

De acordo com os dados aqui expostos, podemos dizer que a forma da primeira fase de aquisição do ditongo nasal **ão** está em via de ser extinta da fala da comunidade ora estudada. Os dados sincrônicos revelaram que os grupos de informantes mais jovens e com maior nível de escolaridade já incorporaram completamente a forma [ʎŃwŃ] do português brasileiro. Por outro lado, o informante 1 (AuN), de 22 anos, ao responder à questão 2 (TELEVISÃO), o fez em tom de brincadeira, respondendo /televizõw/, demonstrando tratar-se de forma sem prestígio na comunidade, embora relativamente freqüente na fala informal dos mais idosos. Para as demais questões que continham o ditongo nasal **ão** como resposta, empregou a forma do português brasileiro. Tal fato revela que os jovens têm consciência lingüística da norma culta e estão estigmatizando a forma variante de menor prestígio social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo apresentamos as conclusões verificadas de acordo com os objetivos propostos no início do trabalho.

Em se tratando do ditongo nasal **ão**, os resultados da análise sincrônica da nova pesquisa revelam que a forma [ɐ̃wɐ̃] do português brasileiro encontra-se incorporada na fala de todos os informantes da comunidade ora estudada, porém com índices de uso proporcionalmente diferentes.

Para os três grupos de informantes previamente estabelecidos na metodologia, constatamos que a variável faixa etária é fator determinante quanto ao uso da forma [ɐ̃wɐ̃] do português brasileiro. Quanto à variante [õwɐ̃] previamente descrita por Wouk (1981), revelou-se totalmente eliminada na fala dos informantes da faixa etária 1. Desta forma, constatamos que a fala dos jovens apresenta-se mais próxima da forma prevista pela norma do português brasileiro. Observamos, ainda, que há uma tendência de perda dos traços lingüísticos característicos da língua ucraniana, demonstrando que a língua do meio que os acolheu se mostra mais fortalecida e preservada em relação à herança lingüística trazida pelos seus antecedentes eslavos.

Tal situação enquadra-se nos postulados de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 122-126), quanto à transição ou transferência de traços de um falante para outro ocorrer por meio de falantes bidialetais. A transferência parece ocorrer entre grupos de pares de faixas etárias levemente diferentes; todas as evidências empíricas reunidas até agora indicam que as crianças não preservam as características dialetais de seus pais, mas sim as do grupo de pares que dominam seus anos pré-adolescentes. A mudança lingüística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas nas mudanças lingüísticas, são produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.

Quanto à variável gênero/sexo, os dados indicam que, embora os homens e as mulheres apresentem índices equilibrados quanto ao uso da variante [ɐ̃wɐ̃], 50,6% e 49,4%, respectivamente, as mulheres demonstram ter maior rapidez em absorver a forma variante do ditongo nasal **ão**, prevista pela norma do

português brasileiro. Tal fato pode ser comprovado ao observarmos os percentuais de uso para as formas variantes [oɔwɔ], [ɔɔwɔ] e [aɔwɔ], não previstas pela norma, das quais os homens são detentores dos maiores índices de registros, 58,8%, 61,7% e 73,4%, respectivamente, em comparação aos índices das mulheres, 41,2%, 39,3% e 26,6%. Tal fato corrobora os postulados de Labov (1969, p. 29-30) no que diz respeito ao comportamento sociolingüístico das mulheres que respondem aos valores normativos de diferente maneira em relação aos homens, por serem mais sensíveis aos padrões sociais de maior prestígio.

A análise da variável escolaridade revelou que os efeitos do processo de ensino escolar já se fazem sentir na fala desses informantes, pois, no nível de escolaridade médio, as variáveis [oɔwɔ] e [ɔɔwɔ] apresentam-se com índices muito baixos de produção e, no nível escolar superior, não há registros dessas variantes.

Os resultados da análise diacrônica revelam que não se mantêm, na nova pesquisa, a “aversão” aos sons nasais do português brasileiro pelos descendentes ucranianos, postulada por Wouk (1981). Para os três vocábulos tomados como instrumento de comparação para a nova pesquisa (feijão, pinhão e facão), foram constatados 47 registros, dos quais apenas 4,5% foram produzidos na fase inicial do ditongo ão.

Assim, o estudo da variação lingüística em tempo real e tempo aparente nos permitiram interpretar de forma mais segura as significativas correlações entre as variáveis faixas etárias, gênero/sexo e escolaridade. Estes dados confirmam os postulados de Mollica (2004) que dizem que as variáveis não-lingüísticas não ocorrem separadamente, mas operaram num complexo conjunto de correlações, as quais favorecem, neste caso, o uso da forma culta do português brasileiro.

Quanto aos aspectos lingüísticos, observamos que se está operando um constante processo de aculturação no sentido de assimilar cada vez mais o português brasileiro. Os dados revelam que as influências da língua ucraniana, em especial no aspecto fonético, estão sendo eliminadas da fala dos mais jovens. Por conseguinte, a manutenção do aprendizado do idioma ucraniano por este grupo de falantes apresenta-se enfraquecida, favorecendo, assim, uma situação de monolingüismo (VANDRESEN, 2006).

Quanto aos valores culturais, religiosos e espirituais, observamos que os moradores desta comunidade os mantêm vivos. Há inteiros domínios culturais e valores que permaneceram inalterados. Apesar das mudanças que se operam no período contemporâneo, é geral, em Dorizon, a freqüência à missa dominical, que conserva o rito ucraniano católico, a participação às festas religiosas, as orações em família, e mantêm-se conservados os costumes relacionados aos atos religiosos como o casamento, a festa da Páscoa e a comemoração do Natal.

Sobrevivem, ainda, os hábitos alimentares tipicamente ucranianos para comemorações em dias especiais, como o *Perohê*, o *borsh*, o *rolupty* e o *Kutyá*, embora, no cotidiano, estejam habituados à comida brasileira, o arroz, o feijão, o macarrão e a mandioca, entre outros.

As gerações descendentes que nasceram ligadas à terra continuam em atividades agrícolas; com exceções de alguns jovens que trabalham no Hotel Fazenda Hidromineral e outros que buscam o ensino superior em municípios próximos à Dorizom.

Assim, constatamos na atual investigação que, depois de mais de cem anos decorridos da chegada dos primeiros imigrantes vindos da parte ocidental da Ucrânia, este grupo étnico conserva nítidos os traços culturais originários, contribuindo, assim, de maneira marcante para a preservação da cultura local.

## REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 21-47.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O conceito de língua materna e suas implicações para o bilingüismo (em alemão e português). **Martius Staden Jahrbuch**, São Paulo, v. 49, p. 141-161, 2002.

\_\_\_\_\_. O português em contato com as línguas de imigrantes no Sul do Brasil. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Eds.). **Estudos de geolingüística do português americano**. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 71-93.

ALVAR, Manuel. **Manual de dialetologia hispânica**. El español de España. Barcelona: Ariel, 1996.

BONATTI, Mário. **Aculturação lingüística**. São Paulo: Faculdade Salesianade Lorena/Instituto de Estudos Históricos do Vale do Rajá, 1974.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolingüística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORUSZENKO, Oksana. **Boletim informativo da Casa Romário Martins**. Os ucranianos. 2. ed. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, v. 22, n. 108, 1995.

CARNIERI, Helena. Genocídio ucraniano ainda é negado. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 jun. 2008. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/mundo/conteudo.phtml?tl=1&id=775927&tit=Genocidio-ucraniano-ainda-e-negado>>. Acesso em: 14 jun. 2008.

CHAMBERS, Jack; TRUGDILL, Peter. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge: University Press, 1998.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB (Brasil). V Workshop do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) – WorkALiB. Salvador, UFBA, ago. 2005. (Destinado à discussão da transcrição fonética dos dados do ALiB). [cópia]

\_\_\_\_\_. **Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina: Eduel, 2001.

CRUZ, Antonio Donizeti. Dossiê: poética, mito e imaginário. **Línguas e Letras**, Cascavel, UNIOESTE, v. 8, n. 15, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/issue/view/153/showToc>>. Acesso em: 30 jun. 2008.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice M. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FISHMAN, Joshua. **Sociologia del lenguaje**. Madrid: Cátedra, 1989.

HEYE, Jürgen Walter Bernd. Sobre o conceito de diglosia. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (Orgs). **Sociolingüística e ensino: contribuições para a formação do professor da língua**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

\_\_\_\_\_. Línguas em Contato: considerações sobre bilingüismo e bilingüidade. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). **Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: Sete Letras/FAPERJ, 2003. p. 229-236.

\_\_\_\_\_.; VANDRESEN, Paulino. Línguas em contato. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; SILVA, Rosa Virgínia Matos e. (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 371-411.

HORBATIUK, Paulo. **Imigração ucraniana no Paraná**. Porto União: Uniporto, 1989.

JOHNSTONE, Sarah. **UKRAINE**. Oakland, U.S.A: Lonely Planet, 2005.

KLOCZAK, Ludmila. **Ucrânia: tempo de reinscrever lembranças**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia - Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

KOZLINSKI, Daniel. **Centenário**. Mallet: Paróquia Sagrado Coração de Jesus, 2006.

LABOV, William. **Principios del cambio lingüístico**. Madrid: Gredos, 1996. (Factores internos, v. 1).

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistique**. Paris: Lês Éditions e Minuit, 1976.

\_\_\_\_\_. **A study of non-Standard English**. Washington D.C.: Eric Clearinghouse for Linguistics, 1969.

LIMA COUTINHO, Ismael. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. (Orgs.). 3. ed. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 105-146. v. 1.

MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. [1997] **Dicionário de lingüística e gramática referente à língua portuguesa**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não lingüísticas. In: \_\_\_\_\_; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). 2. ed. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 27-50.

MORALES, Humberto López. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Princípios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

NARO, Antony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). 2. ed. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 43-50.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). 2. ed. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PROJECTO DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NA ESCOLA PORTUGUESA. **Diversidade lingüística na escola portuguesa: análises e materiais**. Ucrainiano. CD-ROM. ILTEC: Lisboa, 2006. Disponível em: <[http://www.iltec.pt/divling/\\_pdfs/linguas\\_ucraniano.pdf](http://www.iltec.pt/divling/_pdfs/linguas_ucraniano.pdf)>. Acesso em 10 jul. 2008. 21p.

SILVA NETO, Serafim. **Guia para estudos dialetológicos**. 2. ed. Belém, 1957.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

\_\_\_\_\_.; ALKMIN, Tânia. **Falares crioulos – línguas em contato**. São Paulo: Ática, 1987.

THUN, Harold. A dialetologia no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria S. (Org.). **Estudos da variação lingüística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: an introduction to language and society**. Harmondsworth, England: Penguin Books, 1984.

VANDRESEN, Paulino. Política lingüística e bilingüismo em uma comunidade teuto-brasileira. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Variação, mudança e contato lingüístico no português da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2006. p. 325-337.

VIEIRA, Márcia Zan. **Ecossistemas da colonização polonesa**. Ponta Grossa: UEPG, 1998.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). 2. ed. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 51-57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WODONÓS, Basílio et al. **Diagnóstico da Comunidade de Dorizon**. Dorizon: Associação de Apoio ao Pequeno Agricultor (AAPA), 1992.

WOUK, Miguel. **Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraina de Dorizon**. Curitiba: Projeto, 1981.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 45-72.

## BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Altas Lingüístico do Paraná: gênese e princípios metodológicos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 137-176.

BOLÉO, Manuel de Paiva. **Brasileirismos** (problemas e métodos). Coimbra: Coimbra, 1943.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A Geografia Lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CEGALA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CORREIA, Margarita; LEMOS, Lúcia San Payo. **Inovação lexical em português**. Lisboa: Colibri e Associação de Profesores de Português, 2005. (Cadernos de língua portuguesa; 4).

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri. **La Interlengua**. Madrid: Arco Libros, 2007.

ELIA, Sílvio. **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: Ática, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: \_\_\_\_\_.; ALVES, Ieda Maria. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p.193-208. v. III.

MEIER, Andrew. Frágil Revolução. In: **Revista Oficial da National Geographic Society-Brasil**. São Paulo. Março, 2006. p. 100-126.

MORI, Angel Corbera. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina. (Orgs.). 3. ed. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2003. p.147-179. v. 1.

OGLIARI, Marlene Maria. Línguas minoritárias e situações bilíngües decorrentes: considerações sociolingüísticas. In: VANDRESEN, Paulino. (Org.). **Varição, mudança e contato lingüístico no português da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2006. p. 303-323.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Mudança lingüística: observação no tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). 2. ed. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 179-190.

RAZKY, Abdelhak. Atlas Lingüístico Sonoro do Pará: uma nova perspectiva para a organização de corpus geolingüístico. In AGUILERA, Vanderci de Andrade. (Org.). **A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

TONIOLO, Ênnio José. **Do presente ao passado: um olhar sobre o vocabulário de Tibagi**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português**. Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

## **ANEXOS**

**ANEXO A**  
**QUESTIONÁRIOS APLICADOS**

**ANEXO A – Questionários Aplicados****QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO**

1. TERRENO  
Onde se constrói uma casa? [O que preciso para construir uma casa?]
2. TELEVISÃO  
... aquele aparelho onde se pode ver novela, jogo, programas...?
3. LÂMPADA  
... aquilo que se acende para clarear a casa e, se estiver queimada, a casa fica no escuro? [Quando tem problema com a luz, que queima, como é que se chama aquilo que precisa trocar?]
4. TORNEIRA  
... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia?
5. FÓSFORO  
... aquilo que se usa (mímica) para acender o fogo?
6. PÓLVORA  
... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem?
7. VARRER  
Para limpar o chão, o que é preciso fazer (mímica)?
8. ARROZ  
... o que se come no almoço, uns grãos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?
9. GORDURA  
A carne de porco não é magra porque tem \_\_\_\_\_?
10. FEIJÃO\*  
Como se chama o alimento que, tipicamente, no Brasil, acompanha o arroz?
11. BUZINAR\*  
Como se chama o ato de apertar o instrumento encontrado, geralmente, no centro do volante do carro para chamar atenção de algo ou alguém?
12. COLHER (Subst.)  
A carne se come de garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa?]

13. TOMATE  
... aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?
14. ABÓBORA  
... aquilo que dá no chão, grande (mímica) com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e se cozinha para comer, para fazer doce?
15. BOTAR  
Quando o feijão está seco, a pessoa que está cozinhando vai \_\_\_\_\_ (mímica) água dentro. [Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai \_\_\_\_\_ o ovo.]
16. ÁRVORE  
O que é que dá sombra nas ruas, no campo/para o gado nos pastos?
17. PINHÃO\*  
... a semente marrom-avermelhada que dá no pinheiro-do-paraná?
18. CHOCOLATE\*  
... tipo de doce que é feito do cacau, de cor marrom?
19. FACÃO\*  
... como se chama um instrumento grande, cortante, que pode ser utilizado na roça e até mesmo na cozinha?
20. OVELHA  
... a fêmea do carneiro?
21. MONTAR  
Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (mímica)?
22. ABELHA  
... um inseto que carrega pólen das flores, vive em colméias, fabrica um líquido grosso, amarelado,, que é usado com alimento e como remédio?
23. NOITE  
Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a \_\_\_\_\_?
24. SÁBADO  
... o dia que vem depois de sexta-feira?
25. CALOR  
No inverno faz frio. E no verão?
26. TARDE  
Qual é o contrário de cedo?

27. TRABALHAR  
Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer?
28. BORRACHA  
... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado?
29. RASGAR  
Fazer assim (mímica) em um papel é \_\_\_\_\_?
30. SOLDADO  
... a pessoa que usa farda, que vive em quartel? [Tem o tenente, o sargento e depois o que é que vem?]
31. CORREIO  
Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz?
32. CALÇÃO  
Os jogadores de futebol aqui (apontar) usam camiseta. E aqui (apontar) o que é que usam?
33. UNIÃO  
Para vencer uma guerra, para fazer uma greve, ganhar um jogo, é preciso que todos fiquem juntos, é preciso que haja o que? [Há um ditado que diz: Onde há união, há força.]
34. INOCENTE  
Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o que?
35. CERTO  
Qual é o contrário de errado?
36. PROCISSÃO  
Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro?
37. PECADO  
Deixar de obedecer às leis de Deus é cometer o quê?
38. PERDÃO  
Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus?
39. COROA  
... aquilo que os reis colocam na cabeça (mímica)?

40. OLHO (subst.)  
... isto? Apontar
41. ORELHA  
... esta parte? Apontar
42. DENTEE  
E isto? Apontar
43. PEITO  
Onde a criança mama na mãe?
44. FÍGADO  
... o órgão que fica aqui (apontar), que adocece se a pessoa bebe demais, se teve uma malária?
45. CORAÇÃO  
Qual é o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre?
46. UMBIGO  
... aquele buraquinho que se tem no meio da barriga?
47. JOELHO  
... esta parte? Apontar
48. VÔMITO  
O que é que a pessoa faz sair pela boca, quando comeu e a comida fez mal?
49. MULHER  
A Eva foi a primeira \_\_\_\_\_?
50. GENRO  
O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro?
51. ÚNICO  
Quando a pessoa só tem um filho, se diz que ele é filho \_\_\_\_\_?
52. VELHO  
Um sapato que não é novo é \_\_\_\_\_?
53. BRAGUILHA  
... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper?
54. PERFUME  
O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso?

55. PRESENTE  
Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado?
56. BEIJAR  
Dar um abraço é abraçar, e fazer assim (mímica)?
57. SORRISO  
Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um \_\_\_\_\_? Ou mímica
58. DORMINDO  
A pessoa que não está cordada, está \_\_\_\_\_ (mímica)?
59. PERDIDA  
Quando não se acha uma coisa, ela fica \_\_\_\_\_?
60. ENCONTRAR  
Quando se perde uma coisa, vai se procurar até \_\_\_\_\_?
61. PERGUNTAR  
Quando se quer saber de uma coisa, vai se \_\_\_\_\_?
62. SAIR  
Qual é o contrário de entrar?
63. BARULHO  
Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça \_\_\_\_\_, para ela não acordar.
64. HÓSPEDE  
Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam algum tempo são o quê?
65. ESQUERDO  
Este lado é o direito e este (mostrar)?
66. MORREU  
Quem não está mais vivo é porque já \_\_\_\_\_?

## QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

### ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1. CÓRREGO / RIACHO  
... um rio pequeno, de uns dois metros de largura?
2. PINGUELA  
... tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um \_\_\_\_\_ (cf. item 1)?
3. FOZ  
... o lugar onde o rio termina ou encontra com outro?
4. REDEMOINHO (DE ÁGUA)  
Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa pa baixo. Como se chama isto?
5. ONDA DE MAR  
... o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas.*
6. ONDA  
... O movimento da água do rio? *Idem item 5.*

### FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

7. REDEMOINHO (DO VENTO)  
... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?
8. RELÂMPAGO  
... um clarão que surge no céu em dias de chuva?
9. RAIOS  
... uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?
10. TROVÃO  
... O barulho forte que se escuta logo depois de um \_\_\_\_\_ (cf. item 9)?
11. TEMPORAL TEMPESTADE / VENDAVAL  
... uma chuva com vento forte que vem de repente?

## 12. CHUVA DE PEDRA

Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?

## 13. ARCO-ÍRIS

Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (mímica). Que nomes dão a essa faixa?

## 14. GAROA

... uma chuva bem fininha?

## 15. ORVALHO / SERENO

De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?

## 16. NEVOEIRO

Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?

## ASTROS

## 17. ESTRELA CADENTE / ESTRELA FILANTE / METEORO / ZELAÇÃO

De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (mímica) e faz um risco de luz. Como se chamam isso?

## 18. VIA LÁCTEA / CAMINHO DE SANTIAGO

Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa?

## ATIVIDADES AGROPASTORIS

## 19. TANGERINA

... as frutas da família da laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?

(Pedir para descrever, para apurar as diferenças entre as designações citadas pelo informante).

20. AMENDOIM  
... o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?
21. CAMOMILA  
... umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram em farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar? (mostrar).
22. TAQUARA\*  
... qual o outro nome que podemos dar ao bambu?
23. BUTIÁ\*  
... espécie de palmeira (coqueiro) que produz umas frutinhas comestíveis, com caroço, utilizada, também, na alimentação de animais?
24. ERVA-DOCE / ANIS / FUNCHO\*  
... planta cuja flor amarelo-esverdeada produz umas sementinhas cheirosas, que se deixa secar para fazer chá, especialmente para brbês recém-nascidos?
25. MENTRUZ / MASTRUÇO\*  
... erva de folhas pequenas, de cheiro forte, utilizada como remédio em emplastos, bom para curar ferimentos?
26. AÇAFRÃO\*  
... planta que dá uma flor amarelada, da qual se prepara um pó utilizado como tempero na culinária?
27. TRIGO\*  
... o grão com o qual se faz a farinha para pão?
28. BATATA\*  
... espécie de raiz de forma arredondada, muito produzida nesta região, que se usa na alimentação, em pratos como o nhoque e purê?
29. CAVADEIRA\*  
... um instrumento feito de ferro, estreita, em que uma das extremidades é afiada e, a outra, encaixada em um cabo de madeira, utilizada para abrir pequenos buracos no solo onde se plantam as sementes?

30. SERROTE\*  
... instrumento feito de uma lâmina de metal, dentada e afiada, utilizado no corte de madeira?
31. TENAZ (TENAYS)\*  
... utensílio, espécie de grande pinça de metal, utilizada como auxílio nos fogões a lenha?
32. CUIA\*  
... recipiente no qual se toma o mate ou chimarrão?
33. BOMBA\*  
... e se bebe este mate ou chimarrão por meio de uma \_\_\_\_\_?
34. BANANA DUPLA / FELIPE / GÊMEAS  
... duas bananas que nascem grudadas?
35. PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA / UMBIGO / CORAÇÃO  
... a ponta roxa no cacho da banana?
36. VAGEM DO FEIJÃO / BAINHA  
Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?
37. MANDIOCA / AIPIM  
... aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?
38. CANGALHA / FORQUILHA  
... a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, carneiro/ bezerro, vaca), para não atravessarem a cerca?
39. CAMBAU  
Como se chama o pau para bater o feijão, para tirar a casca?
40. CHICOTE\*  
... correia de couro, com a qual se bate no lombo do animal, para que ele corra mais rapidamente?
41. GADANHA / ALFANGE\*  
... instrumento utilizado para cortar o trigo, em forma de meia-lua, com minúsculos dentes, à maneira de serra?
42. JÓRNA (termo ucraniano sem substituto no português)\*  
... uma espécie de moenda manual?

43. TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA  
... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?

#### FAUNA

44. URUBU  
... a ave preta que come animal morto, podre?
45. COLIBRI / BEIJA-FLOR  
... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?
46. CAITETU / PORCO DO MATO\*  
... espécie de porco selvagem que é nativo de florestas?
47. CACHORRO DO MATO / GRAXAIM\*  
... espécie de cachorro selvagem que é nativo de florestas?
48. ZEBU\*  
... espécie de gado bovino de grande porte que possui uma corcova (cupim) nas costas?
49. GALINHA-D'ANGOLA / GUINÉ / COCAR  
... a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?
50. PAPAGAIO  
... a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar?
51. CHIFRE  
O que o boi tem na cabeça?
52. BOI SEM CHIFRE  
... o boi sem \_\_\_\_\_(cf. item 51)?
53. ÚBERE  
Em que parte da vaca fica o leite?
54. MOSCA VAREJEIRA  
... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?
55. LIBÉLULA  
... o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

56. BICHO DE FRUTA  
... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba , em coco?
57. PERNILINGO  
... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? (imitar o zumbido)

#### CORPO HUMANO

58. PÁLPEBRAS / CAPELA DOS OLHOS  
... esta parte que cobre o olho? (Apontar)
59. CEGO DE UM OLHO  
... a pessoa que só enxerga com um olho?
60. CONJUNTIVITE / DOR D'OLHOS?  
...a inflamação no olho que faz com que o lho fique vermelho e amanheça grudado?
61. DENTES DO SISO / JUÍZO  
... os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?
62. DENTES MOLARES / DENTES QUEIRO  
... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos \_\_\_\_\_(cf. item 98)?  
Apontar.
63. DESDENTADO / BANGUELA  
... a pessoa que não tem dentes?
64. CLAVÍCULA  
... O osso que vai do pescoço até o ombro? (Apontar)
65. AXILA  
... esta parte aqui? (Apontar)
66. MANCO  
... a pessoa de pernas curvas? (Mímica)
67. RÓTULA / PATACA  
... o osso redondo que fica na frente do joelho?
68. MENSTRUAÇÃO  
As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

69. PARTEIRA  
... a mulher que ajuda a criança nascer?
70. DAR À LUZ  
Chama-se a \_\_\_\_\_(cf.item 69) quando a mulher está para \_\_\_\_\_.
71. GÊMEOS  
... duas crianças que nasceram no mesmo parto?
72. AMA-DE-LEITE  
Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta, como chamam essa mulher?
73. FILHO MAIS MOÇO / CAÇULA  
... o filho que nasceu por último?
74. MENINO / GURI / PIÁ  
Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?
75. MENINA  
E se for do sexo feminino?
76. MADRASTA  
Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?
77. FINADO / FALECIDO  
Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?

#### CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

78. PESSOA TAGARELA  
... a pessoa que fala demais?
79. PESSOA POUCO INTELIGENTE  
... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?
80. PESSOA SOVINA  
... a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e às vezes, até passa dificuldades para não gastar?

81. MAU PAGADOR  
... a pessoa que deixa suas contas penduradas?
82. ASSASSINO PAGO  
... a pessoa que é paga para matar alguém?
83. MARIDO ENGANADO  
... o marido que a mulher passa para trás o outro homem?
84. PROSTITUTA  
... a mulher que se vende para qualquer homem?
85. XARÁ  
... a pessoa que tem o mesmo nome da gente?
86. BÊBADO (DESIGNAÇÕES)  
Que nome dão a uma pessoa que bebeu demais?
87. CIGARRO DE PALHA  
Que nome dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

#### RELIGIÃO E CRENÇAS

88. DIABO  
Deus está no céu e no inferno está \_\_\_\_\_?
89. FANTASMA  
O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo?
90. FEITIÇO  
O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?
91. AMULETO  
... o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?
92. BENZEDEIRA  
... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?
93. CURANDEIRO  
... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

94. MEDALHA  
... a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam,, geralmente no pescoço, presa numa corrente?
95. PRESÉPIO  
No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento de Menino Jesus. Como chamam isso?
96. LOBISOMEM  
... segundo a crendice popular, homem que vira lobo e assusta as pessoas nas noites de sexta-feira?
97. BOITATÁ  
... segundo a lenda, um touro que solta fogo pelas ventas e queima tudo?

#### JOGOS E INSTRUMENTOS MUSICAIS

98. CAMBALHOTA  
... A brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (mímica)
99. BOLINHA DE GUDE  
... as as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
100. ESTILINGUE / SETRA / BODOQUE  
... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha(mímica), que os meninos usam para matar passarinho?
101. PAPAGAIO DE PAPEL / PIPA  
... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
102. ESCONDE-ESCONDE  
... a brincadeira em que a criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
103. CABRA-CEGA  
... a brincadeira em que uma criança, com o olhos vendados, tenta pegar as outras?

104. PEGA-PEGA  
... uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
105. FERROLHO/ SALVA/ PICULA/ PIQUE  
... esse ponto combinado?
106. CHICOTE-QUEIMADO/ LENÇO ATRÁS  
... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?
107. AMARELINHA  
... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?
108. GAITA\*  
Como se chama um instrumento musical de sopro, cheio de furinhos, que se toca com os lábios, de um lado para outro?
109. SANFONA / ACORDEÃO / ACORDEOM\*  
... um instrumento com um teclado lateral com um fole pregueado no meio que se comprime ou distende para sair o ar?
110. RABECA / VIOLINO ANTIGO\*  
...Qual o instrumento mais tradicional, tocado nas festas típicas ucranianas?

## HABITAÇÃO

111. TRAMELA  
... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela?
112. VENEZIANA  
Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade?
113. VASO SANITÁRIO / PATENTE  
Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?

114. FULIGEM  
... aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?
115. BORRALHO  
... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?
116. ISQUEIRO/ BINGA  
Para acender um cigarro, se usa fósforo ou \_\_\_\_\_?
117. LANTERNA  
... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (mímica)?
118. INTERRUPTOR DE LUZ  
Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?

#### ALIMENTAÇÃO E COZINHA

119. CAFÉ DA MANHÃ  
... a primeira refeição do dia, feita pela manhã?
120. GELÉIA  
... a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?
121. CURAU / CANJICA  
... uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela?
122. CURAU  
E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?  
Pedir para descrever como se faz.
123. MUNGUNZÁ / CANJICA  
... aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?
124. AGUARDENTE  
... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?
125. EMPANTURRADO  
Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou\_\_\_\_\_.

126. GLUTÃO  
... uma pessoa que normalmente come demais?
127. BALA/ CONFEITO/ BOMBOM  
... aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? Mostrar. Pedir para descrever.
128. PÃO FRANCÊS  
Isto? Mostrar.
129. PÃO BENGALA  
... isto? Mostrar.
130. Que tipo de comida vocês preparam com a batata?
131. Que tipos de comida vocês fazem para dia de festa?
132. Que tipo de comida vocês comem no dia-a-dia?

#### VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

133. SUTIÃ  
... a peça do vestuário que serve para segurar os seios?
134. CUECA  
... roupa que o homem usa debaixo da calça?
135. CALCINHA  
... roupa que a mulher usa debaixo da saia?
136. ROUGE  
... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?
137. GRAMPO (COM PRESSÃO) / RAMONA / MISSE  
... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? Mostrar
138. DIADEMA / ARCO / TIARA  
... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? Mímica.
139. Quais são as roupas típicas ucranianas para mulheres?
140. Quais são as roupas típicas para homens?
141. Quais são os calçados típicos ucranianos femininos?
142. Quais são os calçados típicos masculinos?
143. Quais são as roupas típicas ucranianas para crianças?

## VIDA URBANA

144. SINALEIRO / SEMÁFORO / SINAL  
Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela?
145. LOMBADA / QUEBRA-MOLAS  
... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?
146. CALÇADA / PASSEIO  
Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?
147. MEIO-FIO  
... o que separa o \_\_\_\_\_(cf. item 146) da rua?
148. ROTATÓRIA/RÓTULA  
... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto?
149. LOTE / TERRENO / DATA  
... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade?
150. ÔNIBUS  
... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?
151. ÔNIBUS INTERURBANO  
... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para a outra?
152. BODEGA / BAR / BOTEÇO (BILHAR\*)  
... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber \_\_\_\_\_(cf.item 124 ) e onde também se pode comprar alguma outra coisa?

## MEIOS DE TRANSPORTE

153. Qual é o meio de transporte usado para ir para a roça?\*

## 154. TROPA\*

Como se chama uma caravana de animais, usada no transporte de mercadorias ou pessoas?

## 155. CARROÇA/ARANHA\*

... meio de transporte com duas rodas, puxado por um cavalo? (Existe outro nome- descrever).

## COMÉRCIO

## 156. VENDA\*

Qual o nome que se dá a um pequeno estabelecimento comercial onde se vendem secos e molhados? (há outro nome?).

## 157. FERRARIA/FERREIRO

Existe em Dorizon, comércio que trabalha com venda ou fabricação de objetos de metais, como ferreduras para cavalos? (induzir a falar sobre o tema).

## PROFISSÕES

## 158. CAIXEIRO

... empregado em casa de comércio, o qual é encarregado de entregar em domicílio as mercadorias?

## 159. CHOFER

... a profissão de quem é conduz o táxi ou o ônibus? (Existe outro nome?).

## 160. CARPINTEIRO

... o trabalhador que constrói casas com madeira?

## 161. VENDEIRO

Qual o nome que se dá ao proprietário da \_\_\_\_\_(cf. item 156)?

## 157. NEGOCIANTE

... a profissão de quem compra e vende bens ou mercadorias?

## 158. MADEIREIRO

... a profissão de quem trabalha na extração ou comércio de madeira?

## 159. ERVATEIRO

... a profissão de quem trabalha com a erva-mate?

## TEMAS PARA DISCURSO SEMIDIRIGIDO

## 1. RELATO PESSOAL

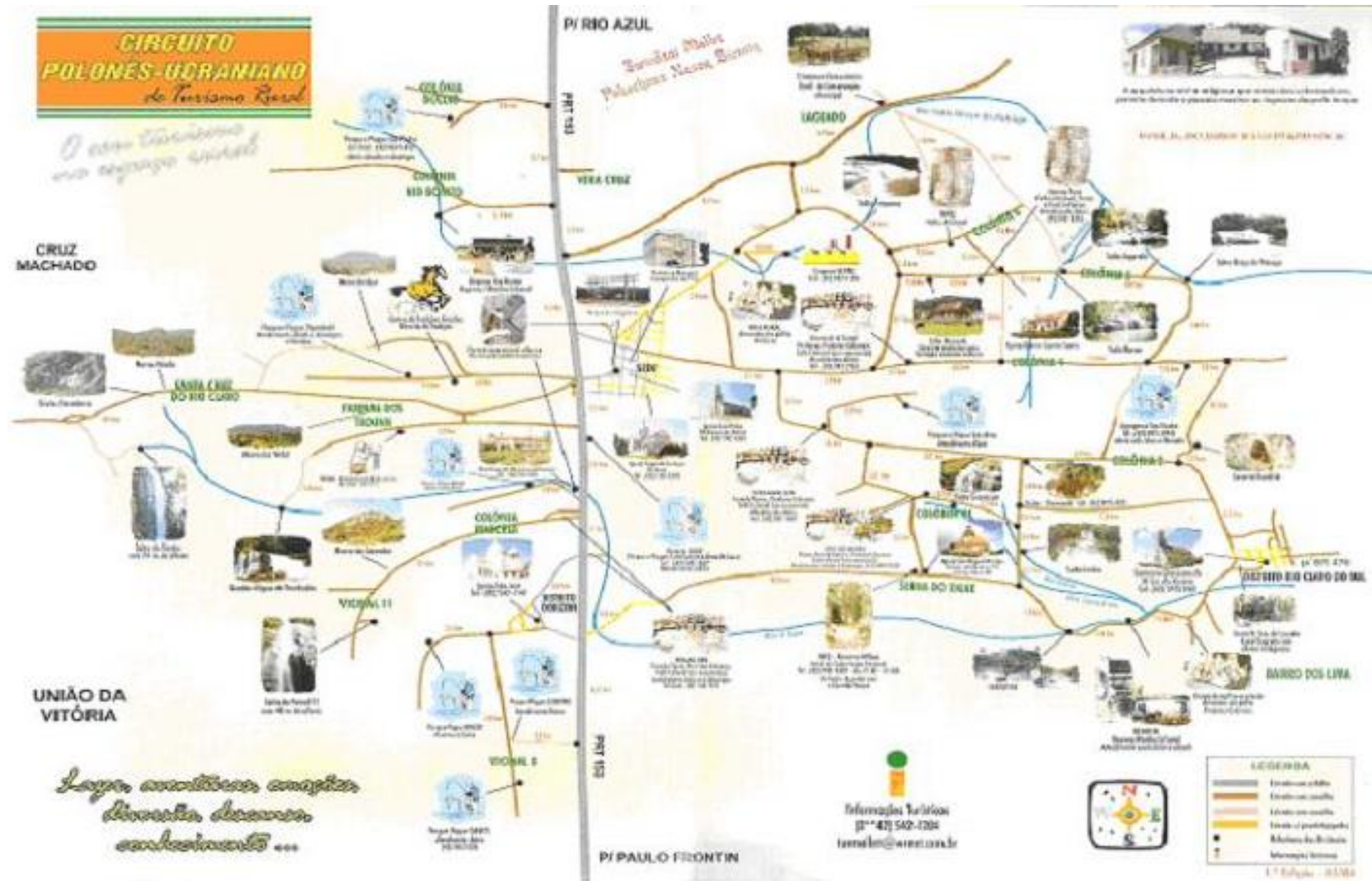
O senhor(a) pode falar sobre as festas típicas ucanianas aqui em Dorizon? E qual o significado das *Pêssancas*?

## 2. DESCRIÇÃO

Você / o senhor(a) trabalha em quê?

**ANEXO B**  
**Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural**

ANEXO B – Circuito Polonês-Ucraniano de Turismo Rural



**ANEXO C**  
**Vias de comunicação com Dorizon-PR**

**ANEXO C – Vias de comunicação com Dorizon-PR**